



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CÂMPUS DE ARARAQUARA

RAFAEL ESTEVÃO MARÃO GUIMARÃES

A Escola de Chicago e a Sociologia no Brasil:
A passagem de Donald Pierson pela Escola Livre de
Sociologia e Política de São Paulo

Araraquara

2011



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA

RAFAEL ESTEVÃO MARÃO GUIMARÃES

A Escola de Chicago e a Sociologia no Brasil:
A passagem de Donald Pierson pela Escola Livre de
Sociologia e Política de São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus de Araraquara, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Professor Dr. Ângelo Del Vecchio

Araraquara

2011

Para minha mãe, Zélia Marão

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus a oportunidade de realizar pesquisa tão significativa para meu desenvolvimento profissional e pessoal. Em seguida, dois agradecimentos muito especiais: 1) à minha mãe, Zélia Marão, a maior batalhadora pela minha formação ética durante as diversas fases da minha vida até aqui; e ainda por sua paciência, sabedoria e amor incondicional em todos os momentos, e 2) ao trabalho ético e pioneiro do professor e mestre Donald Pierson, e sua senhora, Helen, no “querido Brasil” – é uma honra e uma responsabilidade seguir os passos do mestre.

Aos meus familiares e amigos(as), também, um agradecimento de coração, destacando alguns: meu irmão, Daniel, meu sobrinho Pedro e minha irmã Paloma; meus primos Marcelo e Dilma Fabri Marão; meu tio Nenê, sua senhora, Dóris, e filhos: Rodrigo, Diego e Gustavo – me hospedaram e apoiaram em diversos momentos quando da minha graduação em Araraquara; minha tia, Jacyra Ignez Marão; minha tia Sofia Giarolla e filhos; Sandra R. Marão e Divino; Beatriz e Adilson Citelli; minha avó Jacyra Paes Marão; minha amiga Maritza; ex-namorada Milene e seus pais Doroti e Toninho; e ao amigo Bruno Cabral.

Alguns agradecimentos, também, muito especiais: 1) à professora Mariza Corrêa e aos funcionários e funcionárias do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), especialmente no que se refere à manutenção do *Fundo Donald Pierson*; 2) ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo apoio financeiro certo foi indispensável à realização da pesquisa; 3) à Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Câmpus de Araraquara, onde realizei minha graduação em Administração Pública e a cujo Programa de Pós-Graduação em Sociologia pertencço atualmente, e aos professores José A. Segatto e Edson Bariani que participaram e contribuíram com a pesquisa no exame de qualificação; 4) aos professores e ex-alunos de Donald Pierson, Levy Cruz e Octávio da Costa Eduardo, pela gentileza em me conceder seus preciosos depoimentos; 5) à professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, pela gentileza em me receber no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, onde mantém com muita competência o *Fundo* dedicado à obra de *Oracy Nogueira*; 6) ao Centro de Estudos

Rurais e Urbanos (CERU) da Universidade de São Paulo (USP), importante núcleo de pesquisas empíricas dentro das Ciências Sociais no Brasil – especialmente à professora Maria Helena Antuniassi e ao professor Mário A. Eufrásio (a quem devo valiosas informações referentes à produção da Escola Sociológica de Chicago); e 7) ao PET – Administração Pública da UNESP de Araraquara, onde desenvolvi, durante a graduação, iniciação científica sob a orientação da Prof^a Dr^a Ana Cláudia N. Capella.

Agradeço, também, aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisas da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), principalmente aos professores Carla Alonso Diéguez, Rodrigo Estramanho, Isabela Oliveira, Marcos Florindo, Maria Ferreira Barbosa e da estudante Maite; assim como ao Centro de Documentação CDOC-FESPSP, nas figuras de Marina e Winderson.

Finalmente, um agradecimento tão especial quanto merecido ao professor (e amigo) Dr. Ângelo Del Vecchio: paciente e confiante orientador, sem o qual não teria tido a oportunidade de realizar esta pesquisa.

Resumo: A contribuição de Donald Pierson (1900 – 1995) para as Ciências Sociais brasileiras foi significativa, pois o cientista social formado pela *Escola Sociológica de Chicago* combinou teoria e pesquisa na formação da primeira geração de cientistas sociais profissionais do Brasil. A partir de sua chegada à *Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo* (ELSP) em 1939, Donald Pierson trabalhou para o desenvolvimento da disciplina no país através de uma série de iniciativas que fundamentaram teoricamente futuras pesquisas empíricas, como por exemplo: coordenação de um Seminário de “Técnicas em Pesquisa Social”; tradução para o português e publicação de bibliografia específica em Ciências Sociais, em sua maioria de origem norte-americana; criação e coordenação de uma divisão de estudos pós-graduados em 1941 – a primeira do gênero na América Latina; pronunciamento de conferências públicas por centros de ensino no Brasil, dentre outras iniciativas pioneiras. Em seguida, coordenou dois amplos projetos de pesquisa empírica, denominados *estudos de comunidade*. Estes estudos – o de *Cruz das Almas* (1951) e o do *O Homem no Vale do São Francisco* (1972) – podem ser considerados o final do ciclo do professor norte-americano na ELSP, pois consolidaram a formação no campo de pesquisa da primeira geração de cientistas sociais profissionais do Brasil, cuja teoria havia sido transmitida em sala de aula a partir de uma série de iniciativas, algumas delas acima mencionadas.

Palavras-Chave: Escola Sociológica de Chicago; Donald Pierson; Ciências Sociais no Brasil.

Abstract: Donald Pierson's (1900 – 1995) contribution to the Brazilian Social Sciences was significant since the social scientist formed by the *Sociological School of Chicago* has combined theory and research on the formation of the first generation of professional social scientists in Brazil. After his arrival at the *Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo* (ELSP) in 1939, Donald Pierson worked for the development of the discipline in the country through a series of initiatives that substantiate theoretically future empirical research, such as: coordination of a Seminar on "Techniques of Social Research"; translation into Portuguese and publication of specific literature in Social Sciences, mostly of American origin; creation and coordination of a division of postgraduate studies in 1941 – the first of its kind in Latin America; pronouncement of public lectures in teaching centers in Brazil, among other pioneer initiatives. Then, two large empirical research projects were coordinated, called *community studies*. These studies – *Cruz das Almas* (1951) and *O Homem no Vale do São Francisco* (1972) – can be considered the end of a cycle of the American teacher in the ELSP, since consolidated the training into the research field of the first generation of professional social scientists in Brazil, whose theory had been transmitted in the classroom from a series of initiatives, some of them mentioned above.

Keywords: Chicago School of Sociology; Donald Pierson; Social Sciences in Brazil.

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
1. CAPÍTULO 1: AS REFERÊNCIAS TEÓRICAS, A CHEGADA AO BRASIL E A BASE INSTITUCIONAL REPRESENTADA PELA ELSP	11
1.2. WILLIAM GRAHAM SUMNER.....	11
1.2. HERBERT SPENCER VERSUS ÉMILE DURKHEIM	12
1.3. GEORG SIMMEL & ROBERT E. PARK	14
1.4. A ECOLOGIA HUMANA	16
1.5. A PRIMEIRA PESQUISA NA BAHIA, BRASIL	20
1.5.1. <i>As Relações Raciais na Bahia e o Status Social</i>	21
1.5.2. <i>A miscigenação no Brasil e a obra de Gilberto Freyre</i>	22
1.5.3. <i>As hipóteses finais do estudo de Donald Pierson na Bahia</i>	26
1.6. A CHEGADA A SÃO PAULO E A BASE INSTITUCIONAL REPRESENTADA PELA ELSP.....	27
1.6.1 <i>A ELSP e a opção pelo modelo de Sociologia norte-americana</i>	30
1.6.2. <i>O desenvolvimento da Sociologia nos Estados Unidos e a chegada de Donald Pierson à ELSP</i>	31
2. CAPÍTULO 2: OS ESTUDOS DE COMUNIDADE COORDENADOS POR DONALD PIERSON NA ELSP.....	36
2.1. O ESTUDO DE COMUNIDADE DE “CUNHA: TRADIÇÃO E TRANSIÇÃO EM UMA CULTURA RURAL DO BRASIL”	36
2.1.1. <i>A participação de Donald Pierson no estudo de comunidade de “Cunha: Tradição e Transição numa cultura rural do Brasil”</i>	37
2.1.2. <i>A aproximação entre Antropologia e Sociologia em Cunha (1947)</i>	39
2.2. O ESTUDO DE COMUNIDADE DE “CRUZ DAS ALMAS: A BRAZILIAN VILLAGE”	41
2.2.1. <i>Introdução</i>	41
2.2.2. <i>Cruz das Almas: A Brazilian Village</i>	41
2.2.3. <i>A publicação da edição brasileira de Cruz das Almas</i>	46
2.3. O HOMEM NO VALE DO SÃO FRANCISCO.....	49
2.3.1. <i>A Base Física</i>	52
2.3.2. <i>Os movimentos migratórios</i>	54
2.3.3. <i>O estudo do Homem no Vale do São Francisco e o Planejamento Governamental</i>	56
2.3.4. <i>O difícil processo de editoração dos registros originais</i>	56
3. CAPÍTULO 3: DONALD PIERSON E A ELSP NA FORMAÇÃO DA PRIMEIRA GERAÇÃO DE CIENTISTAS SOCIAIS DO BRASIL	61
3.1. OS ALUNOS DE MAIOR PROJEÇÃO	66
3.1.1. <i>Florestan Fernandes</i>	66
3.1.2. <i>Darcy Ribeiro</i>	68
3.1.3. <i>Oracy Nogueira</i>	70
3.2. OS ESTUDOS URBANOS COORDENADOS POR DONALD PIERSON EM SÃO PAULO E A FORMAÇÃO DE JOVENS PESQUISADORES NA ELSP	71
3.3. A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DONALD PIERSON NA TRADUÇÃO DE ARTIGOS E LIVROS EM CIÊNCIAS SOCIAIS	75

CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
APÊNDICE.....	85

Considerações Iniciais

Antes de apresentar o desenvolvimento deste trabalho, dividido em três capítulos, faz-se necessária algumas considerações iniciais com vista a tornar mais claro ao leitor(a) em quais circunstâncias a pesquisa foi feita e quais os principais objetivos da mesma.

Primeiramente, é importante ressaltar que a atuação de Donald Pierson como professor da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), é pouco estudada pelos pesquisadores interessados na história das Ciências Sociais no Brasil, ainda mais se considerarmos a significativa contribuição que o trabalho do professor formado pela Escola Sociológica de Chicago representou para o desenvolvimento acadêmico da disciplina no país.

Desta forma, o trabalho de análise e interpretação que poderia partir de um estágio mais adiantado de levantamento bibliográfico relativo à matéria em apreço não foi feito satisfatoriamente, na medida em que foi empreendido grande esforço – ou seja, tempo e recursos – no levantamento de uma documentação ainda em grande parte desconhecida, sobretudo oriunda do *Fundo Donald Pierson*, competentemente mantido pela equipe do *Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)* da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Não obstante, levando em consideração que todo o trabalho foi desenvolvido em aproximadamente dois anos – prazo relativamente curto para que uma investigação mais profunda e minuciosa possa ser realizada – a presente pesquisa forçosamente se limitou a levantar registros que pudessem indicar, em suas múltiplas facetas e de forma organizada e estruturada, o quão significativa foi a atuação do professor Donald Pierson na criação de um ambiente acadêmico vivo e dinâmico na ELSP.

Sendo assim, peço de antemão a compreensão do leitor com relação às eventuais lacunas analíticas e/ou interpretativas que possam ficar da leitura deste trabalho, mas espero que as indicações feitas e os registros levantados tornem mais claros não somente a importância do trabalho de Donald Pierson, como também a riqueza teórica e metodológica nele presente.

Em segundo lugar, é necessário justificar a opção por mim realizada de priorizar os estudos de comunidade enquanto objeto principal de pesquisa, tendo em vista que a atuação de Donald Pierson abrangeu diversos outros aspectos.

O motivo principal para essa escolha é o de que considero que os dois estudos de comunidade – *Cruz das Almas* (1951) e *O Homem no Vale do São Francisco* (1972) – reúnem na forma mais bem acabada o que foi a passagem de Donald Pierson pela ELSP, ou seja: a junção concomitante do ensino teórico e da pesquisa de campo; com a particularidade de que eles foram desenvolvidos simultaneamente à criação de um ambiente acadêmico de pesquisas em Ciências Sociais até então inexistentes no Brasil.

Acrescenta-se a esse motivo principal e geral outros de natureza particular. Minha graduação realizada em Administração Pública me condiciona um olhar relativamente mais pragmático dos estudos sociais, em comparação a outros cuja natureza seja, em essência, a exploração de idéias que se restringem à esfera de investigação teórica.

Nesse particular, tenho firme convicção de que os estudos de comunidade – e não somente aqueles coordenados por Donald Pierson – representam, dentro das Ciências Sociais, um estilo de pesquisa de grande valor, que podem aproximar as investigações de natureza predominantemente teórica, com planos, programas e projetos de natureza mais pragmática, pois apresentam diversas características que os distinguem de outras formas de pesquisa – algumas delas indicadas neste trabalho.

Contudo, tenho certeza também de que as indicações aqui realizadas deverão ser consubstanciadas com análises interpretativas mais criteriosas, as quais serão desenvolvidas em pesquisas futuras, por razões que acredito ter deixado explicitadas acima.

1. Capítulo 1: As referências teóricas, a chegada ao Brasil e a Base Institucional representada pela ELSP

1.2. William Graham Sumner

Um importante economista e sociólogo norte-americano que serviu de referência ao trabalho de Donald Pierson no Brasil foi William Graham Sumner (1840 – 1910), como revela a dedicatória de *Teoria e Pesquisa em Sociologia*: “A Simmel, Durkheim e Sumner, os pioneiros da Sociologia científica” (PIERSON, 1977).

Tanto assim que um de seus trabalhos, *Folkways* (1950), foi traduzido e publicado como volume VIII da coleção *Biblioteca de Ciências Sociais*, dirigida por D. Pierson.

Destaca-se, no entanto, que ao contrário de outras referências de Donald Pierson, William Sumner não pertenceu à Escola Sociológica de Chicago, mas sim fundou o departamento de sociologia da Universidade de *Yale* (JOHNSON, 1997, p. 279).

Em *Folkways* (1950), Sumner condensou uma série de observações sobre maneiras de agir, os quais lhe propiciaram classificar alguns padrões de comportamento coletivo. Estes, surgem e se estabilizam num determinado grupo social de acordo com os benefícios que o uso cotidiano – e, por conseqüência, os danos do não-uso – proporcionam (SUMNER *apud* PIERSON, 1970b).

No nível mais básico, o de subsistência, estes padrões foram denominados *folkways*, e estão relacionados às ações que os indivíduos, ao longo das gerações, empreendem neste nível básico do costume coletivo.

É interessante notar que, na introdução da edição em português da obra, Robert E. Park (1864 – 1944) faz menção ao fascínio de Sumner pela teoria evolucionista de Herbert Spencer (1820 – 1903):

Ele [W. Sumner] estava profundamente impressionado por Herbert Spencer e o ponto de vista evolucionista, e considerava a cultura, em conjunto com a natureza física, como um dos produtos incidentais do processo cósmico. Mas os processos da vida e mudança culturais não eram, como ele os descreveu, processos evolucionistas (PARK *apud* SUMNER, 1950, p.14)¹

¹ Sobre a teoria evolucionista de Herbert Spencer, especialmente suas diferenças com relação a Durkheim, ver comentário mais adiante nesta seção.

Ainda de acordo com Sumner, quando os *folkways* já são parte do costume coletivo do grupo social em questão, e a eles se incorporam outras esferas da vida social como, por exemplo, crenças, mitos e noções de bem-estar, eles dão origem aos *mores* (SUMNER *apud* PIERSON, 1970).

Destaca-se, entretanto, que os *mores* – assim como os *folkways* – não são padrões conscientes de conduta e, diferentemente dos *folkways*, não se limitam à dimensão prática da existência coletiva: para se ter uma melhor noção do que o conceito significa, basta lembrar que dos *mores* resulta um “contra-exemplo”, ou seja, os *tabus* que são condutas inaceitáveis tendo em vista os *mores* locais (Ibidem).

Finalmente, dos *mores* surgem outras duas ramificações identificáveis no comportamento coletivo, quais sejam as *leis* e as *instituições*. Estas derivam dos *mores*, mas se diferenciam deles na medida em que são padrões conscientes de conduta e, portanto, passíveis de serem definidos e formulados.

Sendo assim, neste artigo de W. Sumner sobre *folkways*, *mores* e instituições, percebe-se que subjaz às definições mencionadas um profundo conhecimento de Antropologia, História e Economia por parte de W. Sumner, o que ajuda a compreender o porquê do estudo dele ter se tornado uma referência clássica no estudo das maneiras de agir, e utilizada por Donald Pierson em seu trabalho no Brasil (PARK *apud* SUMNER, 1950, p. 14, 15).

1.2. Herbert Spencer versus Émile Durkheim

Tendo em vista 1) a influência de Herbert Spencer não apenas sobre W. Sumner, mas também à sociologia norte-americana de uma forma geral, e 2) a importância de E. Durkheim (1858 – 1917) como referência para Donald Pierson, faz-se necessário um breve comentário acerca do trabalho de ambos.

A preocupação com a coesão social tendo como modelo sistemas de organismos vivos aparece no trabalho de H. Spencer e de E. Durkheim – este um autor mais difundido no Brasil; entretanto, uma diferença fundamental entre ambos é a ordem de importância que um e outro atribuem às causas e formas de manutenção desta coesão (CORNING, 2010, p. 363).

Enquanto Durkheim privilegia o organismo social tomado *per se* tendo suas próprias necessidades e demandas, como no caso da solidariedade entre indivíduos,

Spencer parte de uma perspectiva individualista, onde a busca de satisfações de ordem biológica e econômica é que levaria às relações e organizações sociais (CORNING, 2010, p. 360; 363).

Desta forma, é como se Spencer concebesse um ser-humano “egoísta” em suas motivações para agir em sociedade, enquanto Durkheim o faria de modo “altruísta” (CORNING, 2010, p. 366).

Em função desta visão “utilitária” do social com relação às vontades individuais, Spencer por vezes é tido como representante do liberalismo econômico; já a preocupação de Durkheim com a coesão social a partir de sentimentos de solidariedade torna seus estudos manifestações de uma preocupação subjacente com a moralidade social (CORNING, 2010, p. 362; 371).

Tanto assim que ao longo da trajetória intelectual de Spencer, observa-se a preferência por adotar uma Ciência Social associada a outras Ciências de natureza “pragmática” ou naturalista, como a Economia, Psicologia, Ecologia, etc.;² já Durkheim, privilegia a ordem moral como fundamento da sociedade, relacionando por isso a ciência social a uma infraestrutura normativa simbolizada pelas ordens jurídicas (CORNING, 2010, p. 361; 364).

Ou seja, Herbert Spencer parte do indivíduo para explicar os fenômenos sociais, e Emilé Durkheim realiza o caminho inverso, de modo que isto poderia ser ilustrado nas diferentes motivações para a divisão do trabalho social.

Spencer acredita que a luta pela existência dá origem à divisão do trabalho, enquanto Durkheim a via como tendo a função, não só da produção econômica, mas também de estabelecer uma solidariedade que gera a coesão social, pois estabelece vínculos entre os indivíduos que podem ser percebidos a partir das ordens jurídicas constituídas (CORNING, 2010, p. 363; 364; DURKHEIM, 1978, p. 29-32).

De qualquer forma, destaca-se que ambos tiveram importância decisiva na construção da sociologia enquanto disciplina científica; embora Spencer o tenha feito a partir de relações explícitas entre motivações sociais e econômicas/biológicas, e

² Sobre a importância da Ecologia para os trabalhos de Donald Pierson no Brasil – especialmente nos estudos de comunidade – ver análise a seguir.

Durkheim tenha privilegiado as explicações dos fenômenos sociais prioritariamente em relação a outros de mesma natureza (CORNING, 2010, p. 377).

1.3. Georg Simmel & Robert E. Park

Uma das grandes orientações teóricas da Sociologia, a perspectiva interacionista esteve presente nos trabalhos de Donald Pierson no Brasil. Um de seus principais pensadores, Georg Simmel (1858-1918), foi professor de Robert E. Park em Heidelberg, Alemanha, onde este realizou tese de doutoramento cujo tema foi “um ensaio sobre as massas e o público como formas diferentes de organizar a sociedade de larga escala” (BECKER, 1996, p. 180).

No entanto, a penetração dos trabalhos de G. Simmel não foi tão grande no Brasil como nos Estados Unidos. Isso torna ainda mais relevante, do ponto de vista teórico-metodológico, a atuação de Donald Pierson no país.

Algumas das justificativas para a baixa difusão dos trabalhos do pensador alemão no Brasil, segundo Waizbort (2007), foram: a inexistência de sociólogos brasileiros que estudaram com Simmel; inexistência de uma instituição [brasileira] a partir da qual a recepção de Simmel se irradiou inicialmente; e, finalmente, escassez de publicações de Simmel traduzidas para o português (WAIZBORT, 2007, p. 13).

De qualquer modo, como anteriormente mencionado, Georg Simmel teve uma influência direta sobre os trabalhos de Robert Park – mestre de Donald Pierson – e por essa via seus trabalhos puderam ser mais conhecidos por aqui, como revela a passagem a seguir:

[...] Pierson, para quem a idéia/conceito de “interação”, vinda da vertente de Chicago, desempenha um papel importante, escreve no início dos anos 1940 um manual de Sociologia, *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, publicado em 1945, no qual indica Simmel e Durkheim como os “pioneiros da Sociologia”, em seu estabelecimento como disciplina científica. [...] **A formação norte-americana de Pierson modula desde o ângulo sua concepção do sociólogo como pesquisador, mas – dado importante e muito interessante – isso não se faz à custa de um menor interesse e aplicação em relação aos fundamentos teóricos da disciplina.** Assim, para mencionar um exemplo, na discussão da relação da história com a sociologia, Pierson reporta-se ao livro de Simmel *Die Probleme der Geschichtsphilosophie*, cuja 2ª edição aparecera em 1915. Isso revela a formação sólida do pesquisador e a impregnação do ambiente de Chicago por Simmel nos anos de formação de Pierson, não somente no que diz respeito às suas obras mais conhecidas e específicas de

sociologia, mas também com relação à questão das condições de possibilidade do conhecimento histórico, um tema cuja importância dificilmente se pode exagerar no processo de fundamentação das ciências sociais (WAIZBORT, 2007, p.24, grifo meu).

Um dos aspectos fundamentais do pensamento de Simmel é o de que ele parte do pressuposto de que o indivíduo é, em última instância, o sujeito construtor de sua história de vida, como Cohn (1979) ressalta na seguinte passagem:

Este é o ponto fundamental: o sentido de cada ação concebida como obrigatória não é dado por máximas de conduta externas à existência concreta, mas pela própria unidade do processo vital. Enquanto *Weber* distingue analiticamente entre uma “ética da convicção” e uma “ética da responsabilidade”, referidas ambas essas dimensões no interior de uma unidade concebida simultaneamente como objetiva e, portanto, *geral* na medida em que deriva do próprio processo vital do qual o sujeito compartilha e não dos seus conteúdos, e individual, posto que se traduz em conteúdos que só fazem sentido e têm poder normativo numa manifestação real e, portanto, particular desse processo. Por essa via Simmel buscava dar bases sólidas para seus esforços para preservar a integridade do sujeito no interior de processos que o transcendem e o absorvem, como os de formação de grupos sociais (COHN, 1979, p. 38).

Desse pressuposto deriva outra conseqüência importante aos trabalhos do sociólogo e filósofo alemão, qual seja sua preocupação com as formas de interação decorrentes do processo de socialização a que todo indivíduo está sujeito.

Ou seja, G. Simmel se ocupa não com a *sociedade* tomada como sistema abrangente, mas com as possibilidades analíticas derivadas dos processos de *socialização* e interação entre indivíduos, e para isto ele se ocupa em buscar formas que resultam das “regularidades nas relações entre vários indivíduos” (Ibidem, p. 42, 43).

E é nessa preocupação em buscar padrões regulares, ou formas abstratas, derivadas das interações de indivíduos inseridos socialmente, que se encontra uma das chaves explicativas para os conceitos surgidos dos estudos de *Ecologia Humana* formulados durante os trabalhos da *Escola Sociológica de Chicago*.

Isso porque os conceitos fundamentais utilizados por Robert E. Park e Ernest Burgess (1886 – 1966) e explicitados em *Introduction to the Science of Sociology* (1921) – importante norteador das pesquisas desenvolvidas em Chicago a partir de então – são inspirados em processos de *interação* entre indivíduos, conquanto tendo por base a comunidade:

Os títulos dos capítulos [*introduction to de Science of Sociology*] são:
1. A Sociologia e as Ciências Sociais; 2. A Natureza Humana; 3. A

Sociedade e o Grupo; 4. Isolamento; 5. Os Contatos Sociais; 6. Interação Social; 7. Forças Sociais; 8. **Competição**; 9. **Conflito**; 10. **Acomodação**; 11. **Assimilação**; 12. Controle Social; 13. Comportamento Coletivo; 14. Progresso. Proporcionam uma idéia do modo de tematizar e de dar uma visão geral e ampla da sociologia, bem como da direção que tomou o detalhamento e aprofundamento da discussão do campo da disciplina de forma a englobar os conhecimentos e noções básicas que qualquer estudante deveria dominar para poder avançar no seu estudo (EUFRÁSIO, 1999, p. 67, grifo meu).

Contudo, à perspectiva teórica interacionista somou-se, no trabalho de Robert E. Park, a sua própria observação *in loco* da vida social, principalmente a partir de seu trabalho de repórter e editor de jornais como o *Free Press* de Detroit; isto conferiu à atuação acadêmica de Park, desde o início, uma maior predisposição à pesquisa empírica da vida na cidade:

Logo em seus primeiros tempos em Chicago, Park escreveu um ensaio sobre a cidade, encarando-a como um laboratório para a investigação da vida social. Ele tinha uma idéia central sobre a história do mundo naquela época, sobre o que estava ocorrendo, idéia que resumiu ao dizer: “hoje, o mundo inteiro vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo”. Assim, Park organizou seus alunos para esse empreendimento. O ensaio que resultou desse trabalho é muito interessante: consiste em uma série de tópicos, quase todos constituídos de perguntas cujas respostas se desejava conhecer **e que só podiam ser encontradas por meio de pesquisa empírica**. Cada uma dessas questões poderia por si mesma, servir de base para toda uma subárea de pesquisa sociológica – aliás, muitas se tornaram exatamente isso (BECKER, 1996, p.180; grifo meu).

Disso resulta que às pesquisas empíricas desenvolvidas por Robert Park em Chicago subjaz uma fundamentação teórica, reunidas no campo da *Ecologia Humana*, que poderia transcender – e transcendeu – os limites desta cidade.

1.4. A Ecologia Humana

Campo de investigação bastante presente nos trabalhos de Donald Pierson no Brasil – sobretudo em relação aos *estudos de comunidade* –, a Ecologia Humana é o estudo dos processos de interações humanas tendo como fundamento o *habitat* no qual estes ocorrem. Sendo assim, este campo se relaciona a outros, pois abrange algumas preocupações caras a estudos econômicos – com a diferença de que a Ecologia Humana

tem suas origens em estudos de natureza biológica, especialmente a Ecologia Animal e Vegetal (PARK apud PIERSON, 1970a, p. 32).

Esse vínculo com os estudos de natureza biológica é assim descrito por Robert E. Park:

Na regulamentação da vida no reino da natureza animada, o princípio ativo é, como Darwin definiu, “a luta pela existência”. Por este meio, é regulado o número de organismos vivos, controlada sua distribuição e mantido o equilíbrio da natureza. Finalmente, é por meio desta forma elementar de competição que as espécies existentes, as sobreviventes à luta, encontram seu lugar no meio físico e na correlação existente, ou divisão de trabalho, entre as diferentes espécies (PARK apud PIERSON, 1970a, p.22, 23)

No entanto, como essa citação sugere, a *Ecologia Humana* também se aproxima de investigações de natureza geográfica, pois além de revelar que alguns processos humanos – como a divisão do trabalho – têm origem na luta pela existência em nível biótico, ela também delimita uma unidade territorial sobre a qual serão realizadas essas investigações.

Sobre este vínculo, assim se expressa McKenzie (1970a):

Existem sem dúvida muitos pontos em comum entre as duas disciplinas [Ecologia Humana e Geografia]; entretanto, a Geografia trata de *lugar*; a Ecologia, de *processo*. Localização, como conceito geográfico, significa a posição na superfície da terra; localização, como conceito ecológico, significa a posição num agrupamento espacial de seres humanos interagentes ou de instituições humanas inter-relacionadas (MCKENZIE apud PIERSON, 1970a, p.38,39).

É por essa razão que os *estudos de comunidade*, sobretudo os coordenados por Donald Pierson, apresentam aspectos da vida social em apreço tendo como referência as relações estabelecidas entre os seres-humanos e o meio biótico, bem como são geograficamente delimitados. Conforme se depreende da seguinte passagem:

A Ecologia Humana interessa-se pela formação de comunidades, isto é, pela atuação do processo de competição e pelas relações simbióticas que esta desenvolve e modifica; enquanto que a Sociologia se interessa principalmente pela formação de *sociedades*, isto é, pelo processo de *comunicação* e pelas relações morais que esta desenvolve e modifica (PIERSON, 1970a, p.15, grifo meu).

Contudo, há de se destacar que para ele estas duas “dimensões” de investigação da vida social não existem separadamente, mas se distinguem unicamente para as finalidades das pesquisas, conforme se depreende da seguinte passagem:

Parece, então, haver duas maneiras diferentes pelas quais os seres humanos vêm a viver juntos – isto é, a *comunidade* e a *sociedade*.

Embora estas duas formas de associação ordinariamente se interpenetrem e raramente, ou nunca, se encontrem isoladas, é importante, para fins de análise, estudá-las como se fossem distintas. Por “sociedade”, temos em mente a forma de associação em que há entendimentos, significados e “expectativas de comportamento” comuns, os indivíduos em apreço se habilitam a agir conjugadamente para realizar objetivos comuns. Por “comunidade”, entendemos a forma de associação em que os indivíduos – sejam plantas, animais ou seres humanos – de um dado lugar, levam uma vida coletiva altamente organizada e interdependente, sem compartilhar, porém, do corpo de entendimentos, significados e expectativas de comportamento comuns; por outras palavras, sem compartilhar da mesma “cultura”. Por “organização de comunidade”, referimo-nos, pois, a uma distribuição em espaço e também funcional que tende sempre a ser ordenada, a tomar forma definida, organizada, em que todas as partes têm uma relação orgânica com cada uma das demais e com o todo. Isto é facilmente observável na comunidade vegetal (PIERSON, 1977, p. 124).

Fica, portanto, evidente que para Donald Pierson há uma distinção – ainda que exclusivamente para finalidade investigativa – entre o âmbito da *comunidade* e o da *sociedade*; o primeiro está relacionado ao campo da Ecologia Humana e o segundo ao da Sociologia.

Nisso, o professor formado em Chicago e por dezesseis anos lecionando na ELSP se aproxima da concepção de Robert E. Park, seu orientador, conforme se percebe de correspondência datada de 14 de maio de 1940 enviada por este a Donald Pierson:

A fim de fazer isso [oferecer um curso sobre a história do pensamento sociológico] nós tivemos o que se revelou uma seleção de autores um pouco incomum, começando primeiramente por aqueles como Malthus que lidaram com a sociedade humana e seus problemas a partir do resultado da luta pela existência. Eu incluí também Adam Smith. Posteriormente eu continuei com aqueles autores os quais enfatizaram a função e o conhecimento da tradição como Durkheim. Isso foi feito a partir da suposição de que os aspectos fundamentais da sociedade poderiam ser considerados a partir de qualquer um dos autores, com a ressalva de que um grupo de autores daria ênfase ao aspecto biológico, ou seja, competição, e o outro grupo daria ênfase ao outro aspecto – consenso. Isso se revelou ser particularmente um esquema muito bom e nós estamos coletando e mimeografando materiais de autores diferentes, indicando como eles verdadeiramente fizeram para lidar com esses problemas. Eu acredito que isso torna toda a história da sociologia mais interessante e mais compreensível (AEL – FDP – Pasta 22, tradução minha).

Dessa relação entre *habitat* e *formas de interação*, resultam duas noções importantes para a compreensão dos trabalhos de R. Park e – para os fins deste estudo, principalmente – Donald Pierson, quais sejam: contatos *primários* e contatos *secundários*.

De acordo com Donald Pierson, a diferença entre ambos:

[...] reflete a variação quanto ao grau de intimidade nos contatos entre os respectivos membros. Nos “grupos primários” os contatos são pessoais, espontâneos, íntimos, relativamente completos. Aí os indivíduos tendem a compartilhar de quase totalidade de suas vidas particulares, isto é, a assumir quase completamente os papéis de todos os outros membros do grupo. Como já frisei, tal contato encontra-se normalmente na família, grupos de brincadeira e vilas isoladas. Aí os indivíduos têm tendência a se identificar uns com os outros, a compartilhar quase completamente de seus desejos e esperanças, suas alegrias e tristezas, seus sucessos e fracassos. A vida social assim torna-se muito intensa; e em razão da intimidade desse contato, cada indivíduo vem a ter *obrigações morais* para com todos os demais. Nos “grupos secundários”, por outro lado, predominam os contatos de indiferentismo, sendo os indivíduos pouco interessados, ou mesmo não tendo interesse algum, uns nos outros. Há falta de intimidade; as relações são anônimas, impessoais, calculadas; o que acontece a um indivíduo pode provocar a curiosidade dos outros, mas não a alegria ou tristeza produzida pelo mesmo acontecimento num “grupo primário”. Em outras palavras, os indivíduos não tendem a se identificar uns com os outros, compartilhar cada qual das experiências dos demais, assumir os papéis alheios (PIERSON, 1977, p.154-5).

No estudo de comunidade de *Cruz das Almas*, por exemplo, essa diferenciação conceitual é de fundamental importância, pois em várias passagens da obra é revelado que as observações empíricas na comunidade indicaram predominar as relações de tipo *primárias*, bem como tais vínculos com os padrões de comportamento do grupo em seu *habitat* (PIERSON, 1951).

Ao contrário, alguns estudos em centros urbanos maiores, como Chicago, indicaram se tratar predominantemente de relações *secundárias*, muitas vezes provocando problemas sociais, tais como, dentre outros, a delinquência juvenil (SHAW apud PIERSON, 1970a, p.382-95).

Desta forma, parece haver uma similaridade entre as concepções de ciência social por parte de Robert E. Park e Donald Pierson: ambas partem do pressuposto de que a *interação social* – e conseqüentemente a *socialização*, como se depreende de Georg Simmel – é resultado da forma como os seres-humanos interagem entre si e com o *habitat* no qual estão ecologicamente inseridos (PARK apud PIERSON, 1970b).

A diferença, entretanto, é que no caso de Robert E. Park as observações empíricas, sobretudo em Chicago, revelaram interações principalmente de tipo *secundárias* – baseadas em consenso e características de sociedades –; e no caso das

observações empíricas de Donald Pierson no interior do Brasil elas revelaram interações, predominantemente, de tipo *primárias*.

1.5. A primeira pesquisa na Bahia, Brasil

Antes de chegar à ELSP em 1939, Donald Pierson permaneceu vinte e dois meses realizando pesquisas empíricas na cidade de Salvador, período no qual formulou vinte e cinco hipóteses sobre a situação racial baiana, tendo como referência comparativa a situação racial em colônias e ex-colônias inglesas, especialmente os Estados Unidos.

Inicialmente, destaca-se que essas hipóteses foram formuladas a partir de várias observações da realidade social baiana, e não tiveram caráter irrevogável. Pelo contrário, seguiu um pressuposto científico do autor, posteriormente explicitado em seu livro *Teoria e Pesquisa em Sociologia* (1977):

A hipótese, em si mesma, é uma espécie de pressuposição. Surge da íntima familiaridade com certo fenômeno natural e da observação a respeito. [...] Pode ter valor, ou não; somente a investigação o dirá. É uma pressuposição em que 1) se formula uma pergunta e 2) se sugere o modelo de respondê-la. É uma generalização que parece tornar inteligíveis certos dados e, ao mesmo tempo, sugere a direção de novas investigações que poderão levar-nos a aceitar ou a abandonar esta generalização (PIERSON, 1977, p.49).

Uma das manifestações culturais baianas observadas empiricamente foi o ritual do Candomblé, a qual deu origem a uma pequena publicação: *O Candomblé da Baía* (1942b). Nesse culto fetichista, Donald Pierson observou como uma tradição cultural de origem africana interagiu com outras, como por exemplo, a indígena e a europeia.

Essa manifestação religiosa fez conhecer como as pessoas de diferentes origens étnicas interagiam entre si, revelando, ao menos nessa parte da sociedade baiana da época, a maneira pela qual os grupos étnicos de origem africana, ameríndia e europeia se influenciavam mutuamente.

Com relação à interação entre os rituais do Candomblé e as tradições ameríndias, é reveladora a seguinte passagem:

Em detalhes de língua, vestimentas sagradas, dança, cantos, panteon, etc., estes centros [de origem nagô/yoruba ou gêge/êwê] diferem dos candomblés conhecidos como *congo* ou *angola*, onde se fala um dialeto bantú, onde Loanda e Benguela se tornaram lugares sagrados e onde Tempo e o chefe angola Kissimbe são importantes objetos de

culto. Diferem também dos candomblés de organização talvez mais recente chamados de *caboclo* cujo ritual, variando de seita para seita, é uma mistura de rituais de outros cultos de origem africana, juntamente com danças e panteon de origem tupi, que inclui Tupan, o grande deus tupi e Tupinambá, que é, aparentemente, uma personificação da tribo desse mesmo nome que habitava a costa baiana na época da chegada dos europeus. (PIERSON, 1942b, p.8).

Por outro lado, os contatos religiosos de origem africana – o Candomblé – com os de origem europeia – no Brasil, principalmente a igreja católica – não aconteceram “horizontalmente” como anteriormente mencionado entre os ameríndios, mas “verticalmente”:

A Igreja Católica da Baía usando de uma paciência e de um tacto quasi infinitos, conseguiu incorporar à sua organização todos os membros do culto fetichista. Mesmo os chefes das seitas assistem à missa regularmente e às vezes participam, juntamente com todo o pessoal de seu *candomblé*, de funções especiais da Igreja. Assim todos os anos, em uma dada época, a *mãe de santo* Aninha leva suas *filhas de santo* vestidas com suas vestimentas de *baiana*, e seus orgãos para assistirem missa na Igreja do Bonfim; a mesma cousa faz Sabina, a mãe de santo caboclo, na Igreja de S. Antônio da Barra. (PIERSON, 1942b, p.46-7).

Constatou-se, finalmente, que o Candomblé – por suas vinculações com os descendentes de africanos trazidos como escravos –, era uma manifestação religiosa associada às camadas sociais de status inferior.³

1.5.1. As Relações Raciais na Bahia e o Status Social

Nesse sentido, um conceito fundamental para a compreensão do estudo de Donald Pierson sobre contato racial na Bahia é o de *distância social*. No capítulo XXVIII da Coletânea organizada pelo professor norte-americano – Estudos de Organização Social –, Robert E. Park trabalha esse conceito:

O conceito de “distância” aplicado às relações humanas, que se distinguem das relações espaciais, começou a ser usado entre os sociólogos, numa tentativa de reduzir a alguma coisa parecida com termos mensuráveis, as graduações de entendimento e intimidade que caracterizam as relações pessoais e sociais em geral (PARK apud PIERSON, 1970b, p.439).

³ Sobre a relação entre ascendência escrava na Bahia e um baixo ‘status’ social, ver PIERSON, 1941b, p.144.

Contudo, acrescenta Park que:

[...] não é somente verdade que temos um senso de distância para com indivíduos com os quais entramos em contacto, mas temos muito do mesmo sentimento com relação a classes e raças. Os termos “consciência de raça” e “consciência de classe”, com que muitos de nós estamos familiarizados, descrevem um estado de espírito no qual nos tornamos, muitas vezes repentina e inesperadamente, conscientes das distancias que nos separam, ou parecem separa-nos, das classes e raças que não compreendemos perfeitamente (Ibidem, p. 440).

Ou seja, da mesma forma que existem reservas – e distâncias – de uns indivíduos para com outros, existe também esse tipo de atitude em nível social. Quando a fronteira que delimita a distância social tradicional numa determinada cultura ameaça se romper é que surge o preconceito, pois “o que de ordinário chamamos de preconceito parece ser, pois, mais ou menos, uma disposição espontânea para manter as distâncias sociais” (Ibidem, p.442).

No entanto, de acordo com Robert Park, esta tendência a preservar a distância social tradicional:

[...] parece surgir quando é ameaçado o nosso “status” social, e não os nossos interesses econômicos. [...] O preconceito em conjunto, não é uma força agressiva, mas conservadora; uma espécie de conservação espontânea que tende a preservar a ordem social e as distâncias sociais sobre as quais essa ordem repousa (Ibidem, p. 443-4).

Sendo assim, quando Donald Pierson observa, por exemplo, a distribuição racial de pretos, mulatos e brancos em seus respectivos empregos, seu propósito é o de posicionar, em termos de *status social*, a distribuição de cada um destes grupos étnicos na sociedade local (PIERSON, 1942a, p. 178-181).

Isso é importante, pois o status social do negro baiano diferia daquele do negro norte-americano, em grande parte em função do maior índice de miscigenação existente no Brasil, como revelou Gilberto Freyre.

1.5.2. A miscigenação no Brasil e a obra de Gilberto Freyre

Casa Grande & Senzala, publicado em dezembro de 1933, é, sem dúvida, um dos mais relevantes trabalhos em Ciências Sociais com temas caros à sociedade e cultura brasileiras em geral.

Tendo em vista que nessa obra Gilberto Freyre argumenta favoravelmente à noção de que as relações raciais no Brasil se deram de modo a incorporar étnica e culturalmente os elementos de origem ameríndia, africana (em maior grau), e portuguesa – cuja “plasticidade” é apontada como a principal responsável por esta “democracia racial” – optei por inserir esse autor em complemento às hipóteses levantadas por Donald Pierson em seu estudo na Bahia.

Já no prefácio o autor nos revela alguns dos aspectos que conferiram à obra uma significação especial – notadamente sua passagem pela Universidade de Columbia (E.U.A.), onde esteve em contato com métodos e técnicas de pesquisa de professores como R. Bilden, F. B. Simkis e Franz Boas (FREYRE, 1990, p. XiVii).

Tendo em vista que, no Brasil, o desenvolvimento de um projeto acadêmico específico em Ciências Sociais só viria a ocorrer com a chegada de Donald Pierson à ELSP em 1939, pode-se considerar esse período com sendo de transição entre uma Ciência Social predominantemente de cunho ensaístico, para outra de contornos mais nitidamente científicos.⁴

Combinando elementos não somente sociológicos, mas econômicos, antropológicos e mesmo da psicanálise – Sigmund Freud é um dos autores indicados como referência –, G. Freyre introduziu na análise da sociedade brasileira elementos inovadores que, somados à sua escrita apurada, conferem à obra posição singular dentro da produção sociológica brasileira (Ibidem, p. 117).

Destaca-se, no argumento de Gilberto Freyre, sua defesa da miscigenação étnico-racial entre índios, portugueses e africanos, que veio gradualmente se desenvolvendo no Brasil desde o período colonial; para isso o autor se utiliza de informações, como por exemplo, a influência do clima, dieta alimentar, diferença entre raças e etnias, estrutura arquitetônica, economia social, história social e expressões linguísticas – recolhidas em pesquisas que ocuparam Freyre durante vários anos, bem como viagens pela Bahia, África e Portugal (Ibidem, p. XIV).

No que diz respeito ao indígena brasileiro, Freyre revela que embora sua característica cultural nômade não favorecesse o trabalho sedentário em atividades agropecuárias em comparação, por exemplo, ao escravo africano, sua influência nos costumes brasileiros foi bastante significativa e se deu em diferentes aspectos (Ibidem, p. 155-6).

⁴ Sobre o projeto acadêmico de Donald Pierson, ver seções 2 e 3 deste trabalho.

Desde o asseio das índias e índios – especialmente quando comparado aos europeus –, até a culinária, passando por jogos e ritos totêmicos, são mostradas as muitas contribuições da cultura indígena à constituição da sociedade brasileira. (Ibidem, p. 112-113; 125-135).

Já os portugueses legaram características muito particulares e fundamentais na estruturação social brasileira, sobretudo em razão de aspectos históricos e sociais constitutivos da própria nação portuguesa, singulares dentro da conjuntura social europeia do período.

Tendo sofrido variadas e sucessivas ocupações – romanas no século II d.C., alanos, suevos e vândalos (povos germânicos) a partir do século V d.C., e finalmente dos mouros a partir do século VIII d.C. – o português teve como marca essencial da formação de sua população a “plasticidade” e a propensão natural à miscigenação, transposta à gente brasileira do período colonial (Ibidem, p. 195-7; 205-6).

Da mesma forma, outro legado, no argumento de Gilbert Freyre, foi a profissão da fé católica como elemento ordenador e integrador da unidade nacional; ambas – miscigenação e profissão religiosa – derivadas dos contatos e conflitos religiosos com os mouros desde meados do século VIII em toda a península ibérica (Ibidem, p.202-4).

A obra também traz a evidência de que o pendor ao trabalho escravo no Brasil esteve vinculado ao igual sistema em Portugal, onde mouros e moçárabes foram submetidos a trabalho escravo após terem sido derrotados na guerra de Reconquista (Ibidem, p. 208).

Essa característica da escravidão portuguesa no Brasil considerada mais “benigna” em comparação à do sul dos Estados Unidos, por exemplo, seria para Freyre resultado desse contato com povos do oriente próximo, conforme revela a seguinte passagem:

E por que foi assim? Não pelo fato de os portugueses serem um povo mais cristão do que os ingleses, os holandeses, os franceses ou os espanhóis, a expressão “mais cristãos” significando aqui, eticamente superiores na moral e no comportamento. A verdade seria outra: a forma menos cruel de escravidão desenvolvida pelos portugueses no Brasil parece ter sido o resultado de seu contato com os escravocratas maometanos, conhecidos pela maneira familiar como tratavam seus escravos, pelo motivo muito mais concretamente sociológico do que abstratamente étnico de sua concepção doméstica da escravidão, ter sido diverso da industrial, pré-industrial e até mesmo anti-industrial. Sabemos que os portugueses, apesar de intensamente cristãos – mais do que isso até, campeões da causa do cristianismo contra a causa do Islã – imitaram os árabes, os mouros, os maometanos em certas

técnicas e em certos costumes, assimilando deles inúmeros valores culturais. A concepção maometana de escravidão, como sistema doméstico ligado à organização da família, inclusive às atividades domésticas, sem ser decisivamente dominada por um propósito econômico-industrial, foi um dos valores mouros ou maometanos que os portugueses aplicaram à colonização predominantemente, mas não exclusivamente cristã, do Brasil (FREYRE apud SOUZA, 2003, p. 111).

Ainda relacionado ao processo de miscigenação, G. Freyre reuniu evidências favoráveis à contribuição da raça africana à formação da sociedade brasileira, divergindo do pensamento comum a autores brasileiros da época (FREYRE, 1990, p. 315).

A diversidade dos grupos étnicos vindos da África foi colocada de forma que não se poderia homogeneizar e padronizar as etnias negras que vieram ao Brasil; embora Bantos e Sudaneses tenham predominado na colonização brasileira, hotentotes, boximanes, congolezes, etc. são algumas das etnias que estiveram presentes em tal fluxo migratório (Ibidem, p. 310).

Destaco que, em sua pesquisa na Bahia, Donald Pierson revela, minuciosamente, algumas informações sobre a chegada dos africanos ao país, conforme revela a passagem seguinte:

Como muitos dos africanos foram trazidos talvez nunca seja conhecido, mas o número, sem dúvida, gira em torno de milhões de pessoas. Angola forneceu a maioria das importações durante os últimos séculos XVI e XVII; Guiné, durante o século XIX e início do XVIII. Até 1710 o tabaco baiano estava sendo enviado em grande quantidade à "Costa Mina", a qual durante mais de um século depois absorveu um terço da produção total da Bahia. Um visitante no início do século XVIII que se refere à Bahia como "Nova Guiné", enquanto os nativos da Guiné se dizia naquela época que chamavam o mundo exterior de "Bahia". Em 1781 cinquenta navios estavam envolvidas no tráfico brasileiro, "oito ou dez com Angola e o resto com a costa do Sudão". Em 1800, vinte navios estavam operando no comércio com a Bahia exclusivamente. Segundo os registros da Alfândega, 29.172 negros da "Costa da Mina" e as ilhas de São Thomé e Príncipe entraram na Bahia durante a década de 1785-1795, e nos últimos cinco destes anos 17.409 africanos vieram de Angola. A partir de 1789-1806 cerca de 47.000 "Minas" e 11.000 "Angolas" entraram na Bahia. No comércio de Angola, os navios dobraram diretamente entre os portos da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão e Angola e os portos de São Paulo de Loanda, Benguella, e, particularmente, Novo Redondo, em troca de negros da Angola, tabaco, cachaça, estampas de algodão, facas, contas de vidro, pólvora, e chumbo. Milhares de Yorubas, Gêges (Ewes), Haussás, Fuláhs (Fulbis, Fulanis), Ashanti,

Tapas, Effans e Mandingas foram importados a partir dos portos de Lagos, Forte de El Mina, e São João de Ajuda (Whydah). (PIERSON, 1942a, p.325, tradução minha).

Da mesma forma, Gilberto Freyre nos mostra que as crenças religiosas dos diferentes grupos étnicos também não eram homogêneas; alguns grupos como o malê, bastante presente na Bahia, protagonizaram revoltas de cunho religioso, provavelmente por sua origem muçulmana (FREYRE, 1990, p. 299).

Contudo, a partir do momento em que esses africanos chegavam ao Brasil, eles já começavam a passar por um processo de assimilação e incorporação dos *mores* brasileiros, como parece indicar a incorporação de santos negros pela igreja católica, como “São Benedito” e “Nossa Senhora” (Ibidem, p.355, 356, 366).

A proximidade entre “nhonhês brancos” e as amas-de-leite – simbolizados pela *Casa Grande e a Senzala* – é bastante significativa da proximidade que a escravidão no Brasil proporcionou a alguns escravos, especialmente os que tinham trabalhos domésticos (Ibidem, p.352)

Tal proximidade, Freyre nos mostra, se refletiu no português falado no Brasil o qual incorporou diversas expressões de origem africana, como Iaiá, cafuné, dengo, caçula, mucama, quitute, mandinga, cachimbo, berimbau, batuque, caruru, bunda, mocotó, catinga, etc. (Ibidem, p. 334-50)

Da mesma forma, outra contribuição que os escravos africanos trouxeram se refere à culinária do Brasil colonial, introduzindo os mais diversos víveres e condimentos, como azeite de dendê, pimenta malagueta, quiabo, banana, farofa, quitutes e guloseimas em geral. (Ibidem, p. 453-4).

Através de elementos diversos, Freyre vai, portanto, tecendo com inúmeros fios da cultura brasileira, uma rede social na qual o africano trazido ao Brasil desempenhou papel edificante, o que coloca à miscigenação étnico-racial brasileira aspecto positivo, e que também dá contornos singulares à relação entre raças e etnias no Brasil.

1.5.3. As hipóteses finais do estudo de Donald Pierson na Bahia

Finalmente, uma das hipóteses formuladas ao final do estudo por Donald Pierson, diz que o preconceito na Bahia não estaria relacionado à raça, mas à classe. Isso porque dado o maior índice de miscigenação ocorrido na Bahia em comparação

com outras colônias inglesas, especialmente os Estados Unidos, o negro baiano tinha maiores possibilidades de “apagar” sua ancestralidade africana, principalmente aquele que demonstrasse outros dotes naturais e, então, obtivesse ascensão social (PIERSON, 1942a, p.345-50). Nas palavras do próprio autor:

Assim, o problema racial no Brasil, na medida em que existe um problema de raça, tende a ser identificado com a resistência que oferece um grupo étnico, ou se pensa oferecer, à absorção e assimilação. Isso não quer dizer que não existem diferenças sociais no Brasil, pois como elas são comuns a todas as sociedades, obviamente uma coisa ou outra existe como base. Também não significa que não haja discriminação, ou que os negros e mestiços estão completamente satisfeitos com sua sina. Mas isso não significa a) que um homem de cor, pode, em razão do mérito individual ou em circunstâncias favoráveis, melhorar o seu status e até mesmo atingir a posição nos níveis superiores da sociedade e b) que essa posição será, então, com referência não apenas ao grupo cuja cor mais escura ele provém, mas com relação à comunidade total (PIERSON, 1942a, p.350, tradução minha)

Registre-se, contudo, que as proposições finais da tese de D. Pierson terminaram:

[...] com uma série de hipóteses surgidas das pesquisas, com a esperança de que elas pudessem servir, talvez, como pontos de partida para inquéritos futuros, meus ou de outros, desde que cada uma destas hipóteses – como, aliás, é a regra em qualquer ciência verdadeira, como se sabe – sempre estivesse sujeitas a 1) confirmação, ou 2) modificação, ou 3) abandono, de acordo com a realidade conhecida cada vez mais e melhor (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p.40).

1.6. A Chegada a São Paulo e a base institucional representada pela ELSP

Ainda que sua sólida formação obtida junto aos mestres da Escola Sociológica de Chicago o credenciasse a uma firme atuação onde quer que estivesse, Donald Pierson encontrou na *Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo* (ELSP) uma instituição que, a despeito de suas restrições financeiras, ofereceu as condições necessárias para que ele desenvolvesse seu trabalho de modo a obter auspiciosos resultados.

Esta instituição, inaugurada em 1933, fez parte de um movimento coordenado por diversos “ilustrados” paulistas, os quais tinham o propósito de superar a “falta de uma elite numerosa e organizada, instruída sob métodos científicos, a par das instituições e conquistas do mundo civilizado, capaz de compreender, antes de agir, o

meio social em que vivemos” (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1933, p.1).

Esse movimento não reuniu apenas a ELSP, mas também foi integrado por órgãos como:

[...] o Instituto de Educação, a Faculdade de Ciências Econômicas da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, a ELSP e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o Instituto de Organização Racional do Trabalho, e o Departamento de Cultura de São Paulo (DEL VECCHIO; DIÉGUEZ, 2008, p. 28).

Ou seja, tal impulso revela, ao menos no estado de São Paulo, uma insatisfação com os instrumentos e processos de ensino em vigor até então, mormente no que se refere a planos e concepções de caráter pessoal incapazes de estabelecer uma relação mais consistente com o meio social, conforme se depreende da seguinte passagem:

Os instrumentos e processos de ensino em vigor, se permitem a formação de profissionais distintos, de especialistas notáveis, e acoçoam, por outro lado, especulações individuais, pesquisas isoladas, e o malsinado autodidatismo, gerador de planos e concepções de caráter pessoal. Falta em nosso aparelhamento de estudos superiores, além de organizações universitárias sólidas, certo centro de cultura político-social apto a inspirar interesse pelo bem coletivo, a estabelecer a ligação do homem com o meio, a incentivar pesquisas sobre as condições de existência e os problemas vitais de nossas populações, a formar personalidades capazes de colaborar eficaz e conscientemente na direção da vida social (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1933, p.1).

Fica patente, portanto, que desde sua fundação a ELSP teve como um de seus propósitos utilizar o conhecimento científico das Ciências Sociais para uma intervenção mais direta na vida social local, especialmente através da formação de uma elite dirigente.

Essa era a idéia de Roberto Simonsen (1889 – 1948), economista, senador, ministro da República e empresário do setor industrial paulista do início do século XX: ele foi o “mais destacado instituidor da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo” (DEL VECCHIO; DIÉGUEZ, 2008, p.29).

Para uma melhor compreensão do que foi o contexto de criação da Escola, bem como da relação entre seus fundadores, é interessante observar o depoimento de Manoel Berlinck, filho de Cyro Berlinck – outro dos fundadores da ELSP:

O Simonsen era um grande industrial, Senador da República e Ministro. Meu pai [Cyro Berlinck] não era um industrial nato, ele se

transformou num industrial por causa das contingências da vida, quando assumiu, por volta de 1944, 1945, a direção de uma indústria têxtil em Bragança Paulista, de propriedade de meu avô materno. Durante a II Guerra Mundial, a indústria têxtil brasileira ganhou muito dinheiro com exportação de tecidos e fios de algodão. Havia uma escassez de energia elétrica na região muito grande, porque a fábrica trabalhava em três turnos, a todo vapor, pois exportava tudo o que produzia. Então, meu pai decidiu construir uma hidroelétrica para tocar a fábrica, com maquinário importado da Suíça. Isso tudo foi durante a II Guerra Mundial. Até 1947 o Brasil estava muito rico, a chamada balança comercial estava extremamente favorável, mas depois da II Guerra Mundial o Brasil gastou em miçanga todas suas reservas, e já no final daquela década estava em crise novamente (KANTOR; MACIEL; SIMÕES, 2001, p. 102).⁵

E, também interessante, é observar no mesmo depoimento que – à exceção de medicina, engenharia e direito – as profissões de Ciências Humanas e Sociais *no Brasil* eram exercidas livremente, algo próximo do diletantismo:

[...] Nessa época, não havia separação entre as profissões de ciências humanas ou ciências sociais. Com exceção de medicina, engenharia e direito, que eram profissões que exigiam um saber especializado, nas demais havia uma enorme liberdade. Psicologia, filosofia, sociologia, economia, tudo isso era praticado por pessoas que se interessavam por esses assuntos. Quando estudante, meu pai trabalhou com um químico suíço, que trabalhava como professor na Escola Politécnica, que inventou o filtro Salus. Por meio desse químico é que conheceu Raul Briquet, via a questão da saúde pública. A saúde pública era uma enorme preocupação da classe dominante brasileira nessa época, o saneamento das cidades era um problema complicado e sério. Quando se criou a Escola de Sociologia [e Política de São Paulo], a idéia de trazer um sanitarista para ajudar a compreender a realidade brasileira era da maior importância (Ibidem, p. 103).

Ou seja, inicialmente a ELSP foi criada com o intuito de superar um período de autodidatismo e formar uma elite dirigente que, então, pudesse compreender a realidade social conturbada, sobretudo em São Paulo, no início do século XX. Nesse sentido, teve importância nos primeiros anos da Escola a atuação de Roberto Simonsen, economista e industrial para quem os conflitos entre operários e capitalistas era da maior importância.

⁵ Coincidentemente, uma carta de Cyro Berlinck enviada a Donald Pierson em 10 de agosto de 1944 tem como procedência Bragança Paulista; nela, Berlinck cogita a possibilidade de Mário Wagner Vieira da Cunha substituir Radcliffe-Brown como professor da divisão pós-graduada da Escola, após este voltar para a Inglaterra e aquele retornar de um curso na Universidade de Chicago (AEL – FDP – Pasta 28).

1.6.1 A ELSP e a opção pelo modelo de Sociologia norte-americana

Como mencionado anteriormente, a ELSP foi criada com a intenção de formar, baseada em conhecimento científico, uma elite dirigente capaz de intervir em problemas práticos da vida social como, por exemplo, o conflito de interesses entre capitalistas e trabalhadores surgidos com o desenvolvimento industrial em São Paulo. No entanto, para isso era necessário definir qual padrão científico seria o modelo de ensino e pesquisa na instituição e nesse sentido, mais uma vez, se destaca a figura de Simonsen.

A escolha pelo modelo norte-americano não foi imediata, haja vista que um dos autores pelos quais Simonsen se interessou foi o francês Frederick Le Play (1806-1852), importante estudioso da Sociologia aplicada. Este interesse pode ser observado na seguinte passagem:

[...] A hipótese que aqui sustentamos é a de que a preferência de Simonsen por Le Play decorre menos da afinidade doutrinária do que da identidade do objeto com o qual, como vimos, o próprio Simonsen defrontava-se desde meados da segunda década do século XX: a condição de vida operária. A escolha metodológica ou a preferência eletiva por esta ou aquela escola dependiam, para ele, sempre do objeto a ser investigado, de modo que Simonsen não professava uma Sociologia, mas buscava na produção dos sociólogos a prática sociológica que mais se adequava aos problemas a serem resolvidos (DEL VECCHIO; DIÉGUEZ, 2008, p.38).

No entanto, a despeito de Le Play e seus estudos na área da Sociologia aplicada, o modelo “multifacetado” francês – além do aspecto objetivo, também focado em aspectos históricos, psicológicos e filosóficos – era por demais difuso para os propósitos de aplicação urgente de Simonsen, e por isso a opção pelo modelo norte-americano (Ibidem, p.39).

Ou seja, como industrial que era, R. Simonsen viu nos Estados Unidos do início do século XX um país exitoso no que se referiu à tarefa de construir um capitalismo industrial, e daí surgiu, como consequência, uma admiração pela Ciência Social mais objetiva e voltada às reformas sociais, bem característico desta ciência naquele país (Ibidem).

Desta forma, surgiu a idéia de trazer professores norte-americanos para a Escola, sendo que os dois primeiros foram Samuel Lowrie e Horace Davis, como revela em depoimento Manoel Berlinck:

Os primeiros professores estrangeiros que vieram para a Escola de Sociologia foram Samuel Lowrie e Horace Davis, que foram recrutados por Sebastião Sampaio, cônsul brasileiro em Nova York em 1933, a pedido de Roberto Simonsen, que convencera meu pai [Cyro Berlinck] de que isso seria uma boa idéia. Sebastião Sampaio colocou um anúncio no *New York Times* e formou-se uma fila na porta do consulado, porque tinha doutor sobrando. Era 1933, havia uma recessão econômica gigantesca nos Estados Unidos. Ele então selecionou dois doutores, e os mandou para cá. A partir dessa experiência, meu pai se deu conta de que valia a pena trazer professores estrangeiros, porque isso dava prestígio para a instituição, atraía estudantes, atraía recursos, etc. (BERLINCK in KANTOR; MACIEL; SIMÕES, 2008, p.103).

Estes dois professores norte-americanos, os primeiros da ELSP, realizaram pesquisas precursoras na área da Sociologia aplicada, e suas pesquisas sobre o padrão de vida dos trabalhadores paulistanos serviram de referência para o estabelecimento do salário mínimo no Brasil.⁶

1.6.2. O desenvolvimento da Sociologia nos Estados Unidos e a chegada de Donald Pierson à ELSP

Como anteriormente mencionado a opção dos fundadores da ELSP, especialmente a de Roberto Simonsen, foi pela adoção do modelo norte-americano de pesquisa em Ciências Sociais.

Após um primeiro ciclo onde a liderança acadêmica da instituição ficou a cargo de Samuel Lowrie, este deixa a Escola meses após concluir sua segunda pesquisa sobre o padrão de vida do operário paulistano, transferindo-se, então, para a *University of Bowling Green*, em Ohio (DEL VECCHIO; DIÉGUEZ, 2008, p.44).

Entretanto, antes de deixar o Brasil ele iniciou contatos com vistas a definir um substituto para suas funções tanto na ELSP quanto no Departamento de Cultura do município e, por indicação de Ernest Burgess, chegou ao nome de Donald Pierson, conforme este revela em correspondência de 8 de abril de 1939:

Prezado Dr. Lowrie: Eu acabei de receber uma carta do Dr. E. W. Burgess dizendo que ele havia me recomendado a você para um cargo de pesquisa e ensino em São Paulo. Ele me disse para lhe avisar quando eu estou planejando vir a realizar o exame oral para o doutorado e também dizer a você alguma coisa a respeito da minha

⁶ Tais pesquisas estão reproduzidas, na íntegra, em DEL VECCHIO e DIÉGUEZ, 2008.

experiência prática e minha instrução. Eu me recordo com prazer do encontro que tive com você em seu gabinete em São Paulo e o subsequente tempo que passei, juntamente com a Sra. Pierson, numa noite muito agradável com você e a Sra. Lowrie em sua residência. Isso foi, como você deve se recordar, em novembro de 1935, pouco antes de começarmos nosso trabalho de campo na Bahia. Eu não estou certo se o cargo em questão é um ao qual você outrora ocupou e para o qual Dr. Duggan do Instituto de Educação Internacional se referiu quando, numa carta do ano passado com respeito à visita de Gilberto Freyre aos Estados Unidos, ele me disse para além de seu bom trabalho em São Paulo e de seus planos de retornar para este país, se acaso eu poderia sugerir alguma pessoa competente interessada na oportunidade assim vaga. Eu estaria interessado no cargo, conforme disse ao Dr. Duggan, desde que o manuscrito de meu estudo na Bahia estivesse suficientemente integralizado (AEL – FDP – Pasta Samuel Lowrie, tradução minha).

Em sua resposta, Lowrie revela detalhes referentes à posição em que estava, assim como o motivo de sua saída do Brasil, qual seja, educar seus filhos em escolas norte-americanas:

Prezado Sr. Pierson: Cartas de recomendação do Dr. Burgess e do Dr. Park, tanto quanto a sua própria, têm estado em minha mesa por alguns dias, e eu venho dando uma boa dose de reflexão sobre a escolha de uma pessoa para a vaga em São Paulo. O cargo é aquele que eu tinha em São Paulo, envolvendo tanto o ensino na Escola de Sociologia quanto pesquisa no Departamento de Cultura. Uma vez que apenas quatro horas de aula por semana são necessárias, a carga de trabalho não é muito pesada, especialmente após o primeiro ano, e permite que se dedique a maior parte do tempo à pesquisa. Auxílio de secretária é fornecido no Departamento de Cultura, tanto em Inglês quanto Português na medida em que o trabalho de escrita ocorre. Na verdade, tão grandemente contente eu estava com a oportunidade que eu deveria ter continuado no Brasil, se não fosse pela necessidade de colocar as crianças em escolas norte-americanas (Ibidem, tradução minha).

Após uma série de correspondências entre ambos – incluindo algumas onde D. Pierson fala de sua especialidade na área da Antropologia Social e não da Ciência Política como era o caso de S. Lowrie – finalmente é fechado o acordo para que D. Pierson viesse a ocupar o cargo até então pertencente a S. Lowrie, tanto na ELSP quanto no Departamento de Cultura, conforme revela o documento de 8 de junho de 1939:

Prezado Sr. Pierson: Uma correspondência via cabo da Escola Livre de Sociologia e Política, autoriza-me a oferecer-lhe a posição na Escola sobre a qual temos nos correspondido. Você deverá ministrar dois cursos durante a semana, cada um deles de duas horas, num deles sobre 'Princípios da Sociologia', noutro 'Princípios da Ciência Política'. O registro do seu período será entregue para o Departamento Municipal de Cultura. [...] Se for de acordo mútuo ao final do ano, o

contrato será prorrogado por mais quatro anos. Espera-se que você vá navegar na última parte do mês de agosto [de 1939], altura em que provavelmente já terá concluído seu doutoramento. Eu tenho confiança de que você vai encontrar os meios de aceitar essa oferta e que vai obter muito sucesso na posição em que ocupei com muito prazer e vantajosamente (Ibidem).

E, em 13 de junho de 1939, a resposta de Donald Pierson:

Caro Dr. Lowrie: Aceito o cargo para o qual você gentilmente me recomendou na Escola Livre de Sociologia. [...] A *Delta Line* tem um barco a vela que sai a 02 de setembro de Nova Orleães, o qual parece ser o mais cedo que posso viajar. Eu preferiria muito mais velejar em seu barco que sai a 23 de setembro, mas louvo sua intenção de cumprir tanto quanto possível as condições já estabelecidas, e devo, naturalmente, ser guiado por sua orientação sobre o assunto (Ibidem).

É interessante destacar que Donald Pierson teve um perfil semelhante ao de outros sociólogos norte-americanos da virada dos séculos XIX para o XX, como revela as passagens a seguir; a primeira sobre a fase inicial da sociologia nos Estados Unidos:

A sociologia nos Estados Unidos assumiu uma orientação diferente daquela da sociologia européia e algumas de suas características podiam já ser discernidas nos seus primeiros estágios de desenvolvimento. E houve nesse país, também, uma forte dissociação entre a teoria e a pesquisa. Diferentemente da situação na maioria dos países europeus, todavia, essa disjunção foi acompanhada por um alto grau de institucionalização da sociologia nos cenários acadêmicos, o que criou mais tarde, por sua vez, um impulso para combinar a pesquisa e a teoria. Na primeira fase de desenvolvimento, até a I Guerra Mundial, os líderes da sociologia norte-americana eram *scholars* como Lester Ward, Edward A. Ross, Franklin Giddings, William Sumner e Charles Cooley, que foram todos influenciados pela tradição européia de pensamento social. Todos desenvolveram esquemas teóricos de processos sociais e do funcionamento e mudança das sociedades como totalidades. Embora a maioria dos primeiros sociólogos americanos tivesse fortes orientações reformistas, seus esquemas não eram ligados aos estudos empíricos que foram conduzidos nesse período para ajudar na solução de problemas sociais contemporâneos. A forte orientação reformista dos primeiros sociólogos americanos advinha de seu interesse religioso pelo bem-estar humano e de seus antecedentes rurais ou de pequenas cidades que os predispunham a criticar os problemas sociais criados pela industrialização e a urbanização. Sua crítica, contudo, não era alienadora, ou socialista, ou marxista, e refletia, como na França e sobretudo na Inglaterra, uma aceitação básica da ordem social existente (EISENSTADT; CURELARU *in* EUFRÁSIO, 2004, p.27).

E, nesta segunda passagem, os dados biográficos de Donald Pierson que o aproximam do perfil de alguns outros sociólogos norte-americanos quanto à educação religiosa, e juventude em pequena comunidade rural:

[...] durante toda a vida esforcei-me para ser seguidor de Cristo, mesmo se imperfeitamente. Tenho fé em Deus Criador desde que ia como menino, bem cedo de manhã, buscar os cavalos da “pasture” do [meu] pai, o céu sem nuvens brilhante de estrelas, cada uma, ao que fomos informados, um sol como o nosso, e existindo lá no céu, no meio daquele esplendor, provavelmente, uma porção de outras luas e planetas como os nossos; e, neste mundo nosso debaixo do céu, uma porção de plantas e criaturas pequenas e grandes que brotaram ou nasceram e então floresceram, ao menos por enquanto; em outras palavras, por todo o lado evidência poderosa: “impinging on all our Five senses” de um Poder Criador e Apoiador que era de fato não só todo poderoso, contínuo, permanente, como também (fomos ensinados na nossa juventude pela família e pelos líderes locais da Igreja, “Sunday School” e “Christian Endeavor”) de fato pessoal, como se fosse mesmo nosso próprio Pai, através do amor Dele para nós ensinado e ilustrado na vida de Cristo. No meio disso comecei a compreender também que todos os homens devem ser, todos mesmo, filhos de Deus, e assim iguais um ao outro, a despeito de diferenças superficiais quanto à localização do nascimento, quanto à herança, à tradição e outros aspectos culturais, quanto à cor da pele e outros aspectos fisiológicos; e, sendo assim, todos devem comportar-se como Jesus se comportaria. Não existem todos os homens no mundo a fim de se ajudarem uns aos outros? [...] De outra maneira, por que estaríamos aqui? (PIERSON apud VILA NOVA, 1998, p.26, 27).

No entanto, para a finalidade de contribuir na compreensão da atuação de Donald Pierson na ELSP, outra característica da Sociologia norte-americana é bastante relevante, qual seja a precoce institucionalização acadêmica da disciplina em conformidade com uma orientação voltada às pesquisas empíricas, como se observa na passagem seguinte:

O último fator que contribuiu para a institucionalização mais bem sucedida da sociologia nos Estados Unidos foi a rápida expansão da educação superior nesse período [virada dos séculos XIX para o XX]. Essa expansão, acompanhada por uma competição extremamente forte entre as universidades, não somente facilitou o processo de diferenciação entre as disciplinas, tais como a economia e a ciência política, acelerando sua consolidação acadêmica autônoma, mas tornou as instituições de ensino superior mais receptivas às inovações acadêmicas. Ambos os fatores ajudaram na institucionalização da sociologia. Sobretudo, o padrão de institucionalização da sociologia nas universidades americanas diferiu grandemente daquele da maioria dos países europeus. **Devido a seus fortes laços organizacionais e intelectuais com os movimentos da reforma, a sociologia desde o início esteve orientada para a pesquisa empírica baseada em observações diretas e em primeira mão** (EISENSTADT; CURELARU in EUFRÁSIO, 2004, p.29, grifo meu).

E é esse padrão acadêmico institucionalizado, dinâmico, e voltado à formação de pesquisadores em Ciências Sociais combinando teoria e pesquisa empírica que

Donald Pierson imprimiu em sua passagem pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, conforme veremos nas seções seguintes deste trabalho.

2. Capítulo 2: Os Estudos de Comunidade coordenados por Donald Pierson na ELSP

2.1. O estudo de comunidade de “Cunha: Tradição e Transição em uma cultura rural do Brasil”

Conquanto Donald Pierson tenha tido uma atuação fundamental na realização dos primeiros *estudos de comunidade* do Brasil, tais estudos também foram realizados por outros pesquisadores, aqui e no exterior, e por isso eles apresentam distintos princípios teóricos e metodológicos.

Assim, antes de analisarmos os dois *estudos de comunidade* coordenados por esse professor norte-americano, faz-se necessário uma breve contextualização dos *estudos de comunidade* desenvolvidos por outros cientistas sociais, especialmente nos Estados Unidos onde tais estudos surgiram e tiveram maior aquiescência. Segundo Levy Cruz (2009), cientista social com larga experiência neste tipo de estudo, esses trabalhos foram:

[...] um tipo, digamos assim, bem especial de pesquisa, que havia nos Estados Unidos na década de 1930, eu me lembro bem que um *estudo de comunidade* que ficou muito famoso foi o *Middletown* (1929), uma cidade de um estado do norte dos Estados Unidos, e que foi feito por um casal de pesquisadores: Robert S. Lynd e Helen M. Lynd.

Após esse primeiro estudo, complementa Levy Cruz:

[...] os *estudos de comunidade* se multiplicaram, fizeram-se *estudos de comunidade* desse tipo, com a participação do pesquisador na comunidade, fizeram-se muitas pesquisas desse tipo em outras partes do mundo, quer dizer, existiram esses exemplos dos Estados Unidos, fizeram-se alguns no Brasil, fizeram-se outros em outros países, inclusive países asiáticos, africanos, etc.⁷

Os primeiros *estudos de comunidade* foram, portanto, realizados nos Estados Unidos e a partir desse país se disseminaram para outros, dentre os quais o Brasil. Aqui, o primeiro *estudo de comunidade* foi coordenado pelo cientista social alemão Emílio Willems (1905 – 1997), contemporâneo de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP).

⁷ Depoimento de Levy Cruz, obtido em 11 de Novembro de 2009.

2.1.1. A participação de Donald Pierson no estudo de comunidade de “Cunha: Tradição e Transição numa cultura rural do Brasil”.

Antigo professor e amigo de Donald Pierson na Universidade de Chicago, Robert Redfield (1897 – 1958), foi um dos principais autores utilizados como referência teórica para o *estudo de comunidade* de Cunha (1947), coordenado por Emlilio Willems (1905 – 1997).

Indício da relação próxima entre Redfield e Pierson é observado em relato deste, quando ele fez menção à necessidade de obtenção de bolsas de estudos nos Estados Unidos, para os alunos brasileiros mais promissores:

Nesta altura abordei o assunto [a possibilidade de obtenção de bolsas nos Estados Unidos a estudantes brasileiros] com outro antigo professor meu e amigo, Robert Redfield, Decano da Divisão de Ciências Sociais desta última Universidade; e ele me escreveu o seguinte: “Li as duas cartas que me enviou referentes às possibilidades de ao menos alguns de seus alunos mais promissores em São Paulo continuarem seu preparo em Universidade aqui. Pensei muito a respeito do problema e gostaria de enviar-lhe resposta proveitosa e definitiva. Acho que um período de estudo neste país de alguns dos seus alunos poderia providenciar não só oportunidades para eles mesmos, como também para a própria Universidade quanto a aprender mais a respeito do Brasil, de modo que poderíamos então auxiliar mais, e com mais segurança, o desenvolvimento das Ciências Sociais aí” (PIERSON *apud* CORRÊA, 1987, p.98).

No entanto, a atuação de Donald Pierson enquanto formador – pioneiro – de toda uma geração de cientistas sociais no Brasil será tratada no capítulo três deste trabalho. O que aqui apontarei é o vínculo de Donald Pierson com Robert Redfield e o contexto de produção do *estudo de comunidade* de Cunha (1947). É notório que a formação de E. Willems não se deu no Brasil, conforme ele mesmo registra em depoimento:

Cheguei ao Brasil em 1931, não como “professor estrangeiro contratado”, mas como imigrante, ansioso de escapar à crise econômica e a iminente catástrofe política que iria abalar a Alemanha. Havia arranjado emprego modesto num colégio de padres em Brusque, Santa Catarina, onde lecionava latim, grego e francês. Em fins de 1931 o colégio mudou-se para outra localidade, mas eu fiquei em Brusque a fim de colaborar com o Vigário na fundação de uma escola secundária em que desempenhei funções didáticas das mais diversas para as quais estava mal preparado. Pouco me adiantava a licenciatura em Ciências Econômicas e o diploma de doutor em Filosofia,

ambos pela Universidade de Berlim. Estava cheio de ideias livrescas, mas faltavam-me método e prática de pesquisa *em campo*, que as universidades europeias daquele tempo deixavam inteiramente à iniciativa do estudante. Pouco a pouco comecei a perceber a realidade social circundante e as possibilidades de observar contatos culturais de primeira mão. Originalmente, Brusque foi uma colônia agrícola fundada por imigrantes alemães e italianos. Embora tivessem decorrido oitenta anos desde a sua fundação, continuava-se a atribuir aos moderadores locais a nacionalidade de seus avós e bisavós. Poucos meses de observação “participante” convenceram-me do absurdo dessa classificação (WILLEMS apud CORRÊA, 1987, p.118).

Contudo, após a chegada de E. Willems à ELSP por intermédio de Donald Pierson, este pôs aquele em contato, especificamente, com as obras pioneiras da Antropologia Social norte-americana:

[...] Ademais, no mesmo ano, a Escola de Sociologia e Política de São Paulo convidou-me para lecionar Antropologia Social e Sociologia. O Departamento de Sociologia dessa instituição estava então sob a direção de Donald Pierson que, de todos os cientistas sociais estrangeiros convidados para lecionar em São Paulo, deixou a impressão mais profunda e duradoura. Aproveitei imensamente da amizade desse homem extraordinário que me pôs em contato com as obras pioneiras da Antropologia Social, realizadas nos Estados Unidos (WILLEMS apud CORRÊA, 1987, p.119).

Particularmente importante no caso de *Cunha* (1947), uma dessas obras pioneiras foi a de Robert Redfield, conforme revela E. Willems em depoimento:

Em seguida, inspirado pelos trabalhos de Robert Redfield na Península de Yucatán, México, resolvi verificar as hipóteses propostas pelo exímio antropólogo de Chicago, numa comunidade tradicional de São Paulo. Escolhi Cunha porque a vila, depois de um longo período de isolamento, estava passando por uma fase de mudanças culturais do tipo que Redfield havia observado no México. Realizei o trabalho de campo em 1945 e 1946 em companhia de Gioconda Mussolini, Francisca Klovrza, Florestan Fernandes, Alceu Maynard de Araújo, Carlos Borges Schmidt e Paulo Florençano, colaboradores dedicados e inteligentes, alguns dos quais, anos depois, viriam a ocupar posições de grande distinção nas Ciências Sociais do Brasil. A minha monografia sobre Cunha foi publicada em 1948 e, em segunda edição, em 1962, sob o título *Uma vila brasileira* (WILLEMS apud CORRÊA, 1987, p. 120).

Destaco que esse antropólogo de Chicago tinha como uma de suas orientações de pesquisa buscar aproximar, metodologicamente, a Antropologia da Sociologia, conforme se percebe na seguinte passagem:

O próprio contraste entre a sociedade vista em termos de grupos primitivos de um lado, e a sociedade vista em termos de cidades industrializadas, de outro, faz surgir novos problemas e nos dá uma melhor compreensão dos problemas velhos. A sugestão aqui feita é que a Sociologia e a Antropologia são antes complementares que paralelas. Trazer para o mesmo campo de discussão problemas e conceitos das duas disciplinas é avançar um passo para uma ciência unificada da sociedade (REDFIELD apud PIERSON, 1970, p.566-7).

E, na mesma passagem, complementa:

Minha finalidade é frisar o esclarecimento trazido à sociedade pela comparação das experiências dos estudiosos das sociedades primitivas com as dos estudiosos da vida urbana. Parece-me que este esclarecimento surge quando se trata de grupos que não pertencem claramente nem à categoria dos primitivos, nem à dos urbanos (Ibidem, p. 567).

Parece evidente, portanto, que alguns dos norteadores da pesquisa de Emílio Willems em Cunha – voltada à compreensão dos fenômenos indicativos da mudança social, numa comunidade nem totalmente rural ou isolada, tampouco totalmente industrializada ou urbana – tiveram, indiretamente, as contribuições de Donald Pierson e da *Escola Sociológica de Chicago*.

2.1.2. A aproximação entre Antropologia e Sociologia em *Cunha* (1947).

O *estudo de comunidade* de Cunha (1947) é, talvez, o mais completo daqueles realizados por equipes de cientistas sociais do Brasil, pois através de pesquisas de natureza eminentemente antropológica, percebeu um movimento abrangente da sociedade brasileira, este típico de estudos sociológicos.

A riqueza do estudo da equipe coordenada por E. Willems começa, logo na primeira parte, ao se tratar de temas próprios à sociologia e antropologia – classes sociais, trabalho em mutirão, relações familiares e de vizinhança, ritos e crenças religiosas, etc. –, geografia, demografia e economia – relações econômicas envolvendo dinheiro ou equivalente (WILLEMS, 1947).

Na segunda parte do trabalho, algumas informações mais características de estudos com natureza antropológica foram obtidas, tais como: estatura média da população, índice cefálico, tamanho, largura e formato do crânio, índice nasal, largura e comprimento da orelha, cor da pele, cor dos olhos, cor dos cabelos, etc. (Ibidem).

Finalmente, na terceira parte, foram observados alguns objetos referentes à ergologia encontrados em Cunha e cidades vizinhas, indicando características dos povos nativos da região em épocas anteriores à pesquisa, especialmente indígenas (Ibidem).

No entanto, o mais interessante é que – através de todas essas informações eminentemente de natureza antropológica – E. Willems conseguiu captar em seu estudo uma transformação mais ampla que estava a ocorrer na sociedade brasileira, qual seja a transformação de um Brasil rural para outro mais urbano.

Numa resenha bibliográfica publicada em 29 de abril de 1961 no jornal O Estado de S. Paulo, Octávio Ianni percebe essas qualidades no trabalho de E. Willems, e assim se expressa em relação a elas:

As condições, os efeitos e as tendências das transformações do Brasil “arcaico” ainda não são suficientemente conhecidos pelas ciências sociais. Só nas últimas décadas, a partir de 1930, é que se está verificando a reorientação do pensamento social brasileiro, no sentido de examinar, em profundidade, os fenômenos que os ensaístas da fase anterior não haviam conseguido explicar, justamente pela inadequação dos seus procedimentos de análise. Daí o interesse da presente monografia. Ao focalizar as transformações de uma comunidade típica do Vale do Paraíba, o A. conseguiu descrever os aspectos fundamentais de processos econômicos, sociais, culturais e ecológicos, em desenvolvimento também em outras áreas do País. [...] **A obra de Emilio Willems, um dos responsáveis pela introdução, no sistema universitário do Brasil, dos critérios rigorosamente científicos de investigação da realidade social,** realiza os alvos que se impôs, examinando as condições, os efeitos e os sentidos básicos da transição sociocultural, tomando como temas centrais a secularização, a desorganização e a individualização, processos socioculturais inclusivos (IANNI, 1961, p.2, grifo meu).

A observação de Octávio Ianni com respeito obra e à “introdução de critérios rigorosamente científicos de investigação da realidade social” por parte de E. Willems; e, por sua vez, a colaboração, direta ou indiretamente, de Donald Pierson tanto na vida intelectual de E. Willems quanto na realização de *Cunha* (1947), reforçam o argumento de que Donald Pierson foi um dos principais responsáveis pela transição de uma fase pré-científica para outra científica em estudos sociais no Brasil.

2.2. O estudo de comunidade de “Cruz das Almas: A Brazilian Village”

2.2.1. Introdução

Após um primeiro período de consolidação do ensino de métodos e técnicas de pesquisa – combinadas a pequenas pesquisas realizadas em São Paulo – Donald Pierson concluiu sua atuação enquanto professor da ELSP ao realizar dois relevantes projetos de pesquisa em comunidades (CORRÊA, 1987, p. 43-51).

Nesse sentido, esses estudos por ele coordenados – *Cruz das Almas: A Brazilian Village* (1951) e *O Homem no Vale do São Francisco* (1972) – não somente revelaram preciosos aspectos da realidade social observada empiricamente, mas também desempenharam um papel fundamental – e talvez único na história das Ciências Sociais do Brasil até então – de complementar, no campo, a formação teórica de uma geração de estudantes na disciplina.

Sendo assim, além da análise específica dos estudos de comunidade acima mencionados, examinarei em seguida alguns aspectos relativos ao processo de aprendizagem de métodos e técnicas em pesquisa empírica, para os quais os livros acima mencionados foram importantes indicativos.

2.2.2. Cruz das Almas: A Brazilian Village

O Estudo de Comunidade de *Cruz das Almas*, publicado pela primeira vez em 1951, apresenta alguns dos princípios que nortearam o trabalho de Donald Pierson no ensino e na pesquisa de campo dentro das Ciências Sociais. Entre eles, destaca-se a observação empírica da realidade social, através de métodos e técnicas trabalhadas em sala de aula.

Sobre a relevância desse estudo, o cientista social alemão já mencionado, Emílio Willems, assim se expressou em resenha publicada como separata da Revista *Sociologia*, logo após a publicação de sua primeira edição:

Apesar das torrentes de tinta que se vertem em benefício do caboclo brasileiro, este continua um dos tipos humanos mais ignorados, certamente mais do que uma porção de tribos indígenas do Brasil. Para muitos ele ainda é o incorrigível jeca-tatu, imbuído da filosofia do “plantando dá”, ao passo que espíritos mais românticos o consideram como manancial de forças humanas latentes. [...] Na literatura sociológica e pseudo-sociológica o caboclo figura, quase

exclusivamente, como massa anônima e amorfa, como pano de fundo para senhores de engenho, caudilhos, coronéis e grileiros. **Em generalizações sobre as instituições básicas do Brasil o caboclo é geralmente esquecido.** Essa tendência de tomar a parte pelo todo, omitindo consciente ou inconscientemente a possibilidade de importantes variações ou “desvios” entre os trinta e tantos milhões de “zeros econômicos” é característico de uma época de que somente se pode esperar tenha terminado. Tendo em vista o fato de que a literatura científica sobre sociedade e cultura rural do Brasil é limitadíssima, a recente monografia de Donald Pierson tem um significado extraordinário (WILLEMS, 1951, p. 390, grifo meu).

Sem fazer menção específica ao estudo da comunidade cabocla do interior paulista, Oracy Nogueira (1917 – 1996) indiretamente consente com essa análise inicial da resenha de Willems, conforme se depreende da passagem a seguir:

[...] Além disso, trazendo ao primeiro plano a observação direta da vida dos indivíduos, com seu comportamento verbal e suas atitudes, sua atuação recíproca, seu comportamento tradicional e suas improvisações, suas convicções e suas racionalizações, os estudos de comunidade desvendam um importante aspecto da realidade social que escapa de todo ou é minimizado quando se adotam outras técnicas ou perspectivas que levam a uma apreensão dessa realidade pelos seus aspectos mais externos e quantitativos. Em outras palavras, os estudos de comunidades permitem um exame mais adequado das manifestações subjetivas e interindividuais da vida social, revelando a tendência do grupo a perpetuar seus valores tradicionais ou abandoná-los e a substituí-los por outro sistema de valores; enfim, a reproduzir a própria vida social, indefinidamente, tal qual é, ou a deixá-la mudar, quer numa atitude de indiferença ou mero consentimento, quer pelo empenho consciente em prol do advento de novas condições de vida vislumbradas e desejadas (NOGUEIRA, 1968, p.176-7).

Essas manifestações subjetivas e inter-individuais a que se refere Oracy Nogueira, estão em harmonia com a perspectiva interacionista – cujos representantes aos quais me referi na primeira seção deste trabalho foram Georg Simmel e Robert Park – e, na pesquisa de Cruz das Almas, podem ser observados no seguinte excerto:

A característica da intimidade de contatos na comunidade é evidente na informalidade com que os moradores e agricultores se cumprimentam quando se encontram. Ninguém dá a mão e a saudação comum para contactos mais formais, "Bom Dia!" Ou "Boa Tarde!" é raramente usada. Tal comportamento é reservado para encontros com estranhos em que as relações não são deste caráter íntimo e primário. Passar por um conhecido, porém, sem uma palavra, um sorriso, ou outro gesto indicando que sua presença é notada e apreciada, é uma ofensa grave. Normalmente, um pára para conversar um pouco antes de continuar o seu caminho. A conversa pode ser feita sobre o clima, ou sobre a razão por ambos estarem naquele lugar, ou algo igualmente banal. Isto é sempre acompanhado por um sorriso ou outra gentil expressão qualquer. Após encontrar um estranho pela segunda (ou

subsequente) ocasião durante o mesmo dia, o cumprimento formal de "Bom dia!" ou "Boa tarde!" é substituído por uma das quatro expressões: "Oi", "Olá!", "Sim senhor!", Ou "sim Nhô!" (PIERSON, 1951, p. 120, tradução minha).

No entanto, além de revelar esse e outros aspectos pouco estudados da cultura do interior do Brasil, o livro de D. Pierson, como inicialmente destacado, foi mote para o treinamento em campo de uma geração de jovens pesquisadores da ELSP, conforme salienta Willems:

Diretor no Brasil, do programa do Instituto de Antropologia Social da *Smithsonian Institution* em Washington, Pierson incumbiu-se de iniciar estudantes da Escola de Sociologia e Política de São Paulo nos métodos de pesquisa sociológica e antropológica. Assim, este livro é fruto de esforço coletivo, circunstância essa que poderia ter tido consequências menos desejáveis, especialmente com referência à integração dos dados colhidos. É preciso dizer, no entanto, que o autor conseguiu contornar o perigo inerente a essa situação, conseguindo um elevado grau de integração do material colhido. E esta me parece ser uma das grandes qualidades do livro (WILLEMS, 1951, p. 390).

Um dos integrantes desse esforço coletivo, o ex-aluno da ELSP Levy Cruz, faz menção à forma como foi coletado o material e, então, utilizado pelo professor Donald Pierson para a construção do livro:

O método de pesquisa era essencialmente o etnográfico, quer dizer, a gente conversava informalmente com as pessoas, observava a conduta das pessoas, da própria Vila, mas em alguns casos nas áreas rurais, e então a gente anotava depois as informações que a gente conseguia e quando chegava aqui em São Paulo, de volta a cada final de semana, entregava as anotações para uma secretária, e as punha então em fichas e daí então que Pierson utilizava o material que havia sido coletado. Basicamente esse era o método de pesquisa e... não sei exatamente o período que passei "nessa vida", digamos assim, vai e vem para Araçariguama, mas começou eu acho que em fins de 1948 e durou até certo ponto de 1949, quando terminou definitivamente o trabalho por lá.⁸

O método etnográfico mencionado por Levy Cruz resultou, na avaliação de Emílio Willems em resenha já mencionada, numa das mais notáveis qualidades do livro, assim expressa pelo cientista social alemão:

Não poucos leitores brasileiros, familiarizados com a vida rural, acharão excessivamente pormenorizados e talvez desnecessários alguns dos primeiros capítulos. Todavia, quem já se viu obrigado a ministrar cursos monográficos ou comparativos sobre culturas rurais da América Latina somente pode rejubilar-se com a abundância de

⁸ Informações obtidas por mim, em depoimento de Levy Cruz, no dia 11 de novembro de 2009.

detalhes e a segurança com que a etnografia de Cruz das Almas foi tratada. É preciso acrescentar, aliás, que essa parte corresponde à orientação que se tem procurado imprimir às publicações do Instituto de Antropologia Social. Nesse particular, Pierson seguiu a melhor tradição etnográfica, e estou inclinado a julgar esse traço uma das grandes qualidades do livro, a despeito do menosprezo que não poucos contemporâneos têm manifestado com relação à ergologia (WILLEMS, 1951, p. 390).

Cabe então destacar que, além das seções introdutórias com respeito à vila e às raízes no passado, a monografia apresenta duas grandes seções descritas a seguir:

- 1) A Base Ecológica, que inclui: a) Habitat – Solo, Clima e Estações, Suprimento de Água, Mata, Animais Silvestres; b) População – Distribuição por sexo, idade e raça; fertilidade e longevidade; mortalidade infantil; mobilidade; higiene e hábitos corporais; c) Técnicas de Subsistência – Atividades extrativas; coleta de alimentos; caça e pesca; frutas silvestres; Iças; Exploração das Matas; Preparação para explorar uma pedreira; alimentação e hábitos alimentares; Aguardente, tabaco e café; habitações, móveis e utensílios; Luz e Combustível; Vestimentas; Proteção: a faca de bainha e a garrucha; Apetrechos; Pesos e medidas; Divisão do trabalho; Agricultura, sítios e fazendas; Plantio, cultivo e colheita; Hortas e pomares; O mutirão; Declínio da agricultura; Animais Domésticos; Início da criação de gado e utilização de laticínios, cachorros, abelhas; Processos de Fabricação, Trabalhos Manuais, Cestaria, Fogos de artifício, Cerâmica, Arapuca; Fabricação de farinha de Milho, Fabricação de Açúcar; Olaria; Destilação de Aguardente; Fabricação de Carvão; Serraria; Vendas; Transportes; Riqueza e Propriedade; Dinheiro, Crédito e Salário.
- 2) Sociedade e Cultura, que inclui: a) Isolamento e Contato – Caipira versus Cidadão; Grupos de Conversa; b) Linguagem; c) Etiqueta – O cafezinho; O fazer Compras; d) A Família – Relações entre membros da família; Relações entre os sexos; Papel e status da mulher; Mancebia; “Filhos naturais”; As solteironas; As viúvas; e) Compadrio; f) Ritual, cerimônia e crença – Igrejas e capelas; “Funcionários sagrados”; Santos; O repicar dos sinos; Missa, reza e novena; Confissão e Comunhão; Festas religiosas; Almas e a santa cruz; Promessas; Romarias; Evangelistas; Espiritismo; Cepticismo; g) Comportamento Político; h) Relações Raciais – Intercasamento; i) Conflito; j) Solidariedade – Status e prestígio; Liderança; Controle Social; k) Humor; l) Provérbios, epigramas e outros ditos comuns; m) Mudança social; n) Desorganização Social (ARQUIVO EDGARD LEUENROTH, FUNDO DONALD PIERSON, PASTA N°55).

Observa-se, portanto, uma orientação já destacada no primeiro capítulo, na qual D. Pierson concede grande importância à base biótica e econômica, ou seja, ecológica, a qual foi objeto da seguinte observação de E. Willems:

Se bem que a maior parte das informações contidas nesses capítulos tem significação ecológica, parece cabível a pergunta se talvez o conceito do ecológico não fosse levado um pouco longe demais. Assim, será difícil descobrir, por exemplo, o sentido ecológico de pesos e medidas, da divisão do trabalho, de certos processos manufatureiros, de dinheiro, crédito e salários. Desde que a segunda parte do livro é encabeçada pelo título “Sociedade e cultura”, poder-se-ia tirar a conclusão que as técnicas, os artefatos e o sistema econômico não fazem parte da cultura local (WILLEMS, 1951, p. 391-2).

No entanto, D. Pierson parte do pressuposto de que a competição entre os seres humanos é que determina, em nível biótico, a organização social; razão pela qual enfatiza tais aspectos (PIERSON, 1977, p. 121). Em nota à resenha de E. Willems, é o próprio autor quem expressa essa orientação:

Talvez convenha indicar também que, para mim, a consideração básica no estudo da Ecologia Humana é a luta pela existência, da qual emerge a comunidade humana; organização essa em que todas as técnicas de subsistência, inclusive a divisão do trabalho, os processos manufatureiros, e o sistema monetário são partes integrantes (PIERSON *in* WILLEMS, 1951, p. 292-3).

Por outro lado, em agrupamentos sociais onde há diferenciação e maior desenvolvimento dos meios de comunicação, o indivíduo tem maiores possibilidades de desenvolver a autoconsciência, e então, age consciente e conjugadamente com outros, dando origem a conflitos e à necessidade de assimilação; esses processos é que são característicos de sociedades, razão pela qual, ao que me parece, “Sociedade e Cultura” integra a segunda parte do estudo (PIERSON, 1977, p.124).

Ainda, concluindo a nota à resenha antes mencionada, D. Pierson revela que:

Talvez deva dizer também que nos meus ensinamentos e escritos usei durante vários anos o conceito “cultura” num sentido mais restrito do que o usado por alguns antropólogos e sociólogos. Nisso, segui Sapir, Redfield e outros, que consideram “a cultura” e “a técnica” conceitos diferentes (PIERSON *apud* WILLEMS, 1951, p. 393).

Parece-nos, portanto, que em *Cruz das Almas* Donald Pierson buscou restringir a investigação relativa à “sociedade e cultura” aos limites ecológicos da comunidade – observáveis empiricamente.

Agindo assim, orientou os jovens pesquisadores da ELSP que participaram daquela pesquisa tendo em vista os princípios que nortearam seus trabalhos, os quais têm sido enfatizados ao longo de todo este trabalho.

2.2.3. A publicação da edição brasileira de Cruz das Almas

Publicado originalmente em inglês no ano de 1951, a edição de *Cruz das Almas* em língua portuguesa contou com a colaboração de Octávio da Costa Eduardo e Antônio Cândido para que viesse a público em 1966. Nesse período, fatores como a inflação e os problemas de saúde de D. Pierson – que o fizeram deixar o Brasil – tornaram o processo mais um acontecimento comovente na trajetória do professor norte-americano no país, razão pela qual registrarei aqui algumas de suas etapas.

A primeira editora a qual D. Pierson e Octávio da Costa Eduardo propuseram a publicação foi a Companhia Editora Nacional, a qual alegou que o grande tamanho do livro o tornaria caro demais para competir com outros no mercado, fato esse agravado pela inflação do período, conforme revela documento datado de 14 de fevereiro de 1957 a D. Pierson e Octavio C. Eduardo:

Saudações, Servimo-nos da presente para informar V. Sa. de que, em data de ontem, entregamos ao Dr. Octavio da Costa Eduardo os originais do livro de s/ autoria intitulado “Cruz das Almas”, em devolução, por força da impossibilidade de publicá-lo. Pedimos permissão para esclarecer V. Sa. sobre as razões que nos levaram a concluir pela impossibilidade de seu lançamento, e que são: 1. Em virtude da extensão do livro (calculamos aproximadamente 600 páginas), o seu preço de venda nas livrarias não seria inferior a Cr\$400,00, o que, forçoso é convir, constituiria um fator extremamente prejudicial às suas vendas; 2. Tal problema foi agravado recentemente, e de modo sensível, pelos aumentos de custo tipográfico ocorridos em todo o parque gráfico da Capital, tornando ainda mais desaconselhável a sua publicação. Queremos deixar patente, nesta oportunidade, que os estudos levados a efeito por este departamento com o fim de pesar as possibilidades de lançamento do seu livro, foram feitos com o máximo de boa vontade e interesse e, se chegamos à conclusão de que não nos é possível fazê-lo, é porque de fato não temos condições para arcar com essa responsabilidade. Com nossos protestos de estima e consideração, firmamo-nos muito atenciosamente, diretor de produção da Companhia Editora Nacional (ARQUIVO EDGARD LEUENROTH, FUNDO DONALD PIERSON, PASTA Nº 55).

Sobre o tamanho do livro, o professor norte-americano registra, de passagem, que ele poderia ser dividido em dois volumes, demonstrando certa ansiedade para que a

edição em português fosse levada ao conhecimento do público, conforme registra, em correspondência de 12 de maio de 1958, a Octávio da Costa Eduardo:

Caro Octávio: Provavelmente você já recebeu minha carta de 19 de abril. Você não vai me escrever o que encontrou de original em Cabrobó? Por favor, dê-me notícia da edição brasileira de Cruz das Almas. Você pode entender, creio, quão ansioso estou para ter este estudo em português. Apesar de estar sob fortes dores, consegui completar a revisão para a tradução antes de ir embora para Sperryville, em agosto de 1952, ou quase seis anos atrás. Nada foi feito, você deve se lembrar, sobre a publicação desta edição, nem quando eu estava em Sperryville, nem depois do meu retorno a São Paulo, até mesmo você, muito gentilmente, se ofereceu para ajudar a tê-lo impresso, pouco antes de eu deixar o Brasil desta última vez. Estou na dependência de você, Octávio, e confio que você tenha agora, ou em breve, alguma boa novidade para mim. No caso da José Olímpio não puder publicar essa edição, por que não propor à Companhia Editora Nacional, uma vez que os editores dizem que o estudo iria ficar muito grande num único volume, e que esta editora poderia publicá-lo em dois volumes? Existe uma divisão natural [no estudo]. O Volume I pode ser “A Base Ecológica em Cruz das Almas”; e o Volume II, “Sociedade e Cultura em Cruz das Almas” (ARQUIVO EDGARD LEUENROTH, FUNDO DONALD PIERSON, PASTA Nº 55, tradução minha).

Entretanto, contando com os esforços de Octávio da Costa Eduardo e também com o auxílio do professor Antônio Cândido, da Universidade de São Paulo, a edição de *Cruz das Almas* em português finalmente saiu em 1966. A atuação do professor A. Cândido fica evidente em correspondência entre ele e seu primo, datada de 15 de abril de 1957:

Meu caro Dr. Octavio: Vai esta junto a um manuscrito, para o qual venho pedir muito vivamente a sua atenção. Trata-se da versão portuguesa de Cruz das Almas, de Donald Pierson, o eminente sociólogo americano radicado há muitos anos entre nós, cuja obra sobre as relações raciais na Bahia o Sr. certamente conhece. Publicada originalmente em inglês, numa coleção pouco acessível aos leitores, esta é, para nós, praticamente inédita. **Como o Sr. verificará, trata-se do primeiro estudo sistemático de uma comunidade cabocla do Brasil, o que bastaria para lhe dar interesse, além das qualidades de método e rigorosa probidade da investigação.** Por estes motivos, pareceu-nos adequado à Coleção Documentos Brasileiros, – a mim e ao Dr. Octavio da Costa Eduardo, da Escola de Sociologia e Política, antigo aluno de Pierson, cabendo-me, dadas as nossas relações, dirigir-me ao Sr. em nome de ambos. Consultado sobre a nossa ideia, o Dr. Pierson (atualmente e até julho nos Estados Unidos, tratando de saúde) recebeu-a com grande alegria; **maior seria a de todos nós, brasileiros seus amigos, colegas e discípulos, pela consagração que representa, para um estudo de ciências humanas, o aparecimento na Documentos Brasileiros.** Por tudo isso, renovo o meu pedido caloroso, certo de que o Sr. fará o possível no caso. Com muitas recomendações a d. Lúcia, aqui fica, enviando um abraço afetuoso, o primo e amigo Antonio Candido (Ibidem, grifo é meu).

É interessante ressaltar que a obra *Os Parceiros do Rio Bonito* (1987), de Antônio Cândido, ainda que não se enquadre como um *estudo de comunidade* possui alguns vestígios desse tipo especial de pesquisa social, como por exemplo, o compromisso metodológico tanto com a Sociologia quanto com a Antropologia (CANDIDO, 1987, p.17).

Nota-se, ainda, que essa obra de Antonio Candido resultou de múltiplas influências do autor à época – uma delas seu interesse pela formação da literatura brasileira e as fronteiras entre arte e ciência –; ainda assim, o estilo da obra e a própria participação de Candido quando da publicação de *Cruz das Almas*, revela que a tradição dos *estudos de comunidade* ainda estava “latente” no período (JACKSON, 2001).

De todo modo, após uma espera que se estendeu de 1952 a 1966, a edição em português de *Cruz das Almas* finalmente veio a público por meio da José Olympio Editora, pondo fim à agonia de Donald Pierson e o colocando em estado de grande contentamento, conforme registra carta endereçada a Mirtes Brandão Lopes de 28 de fevereiro de 1967:

Prezada Mirtes: Recebemos do Brasil a feliz notícia de que, depois de uma porção de demoras, a tradução portuguesa do nosso estudo, *Cruz das Almas*, tem saído, publicada pela José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, na sua coleção “Documentos Brasileiros”. Pronta em 1952, a tradução foi deixada nas mãos do nosso amigo em comum, Octavio da Costa Eduardo, que gentilmente ofereceu nos auxiliar a respeito, logo depois de eu ter sofrido a grave inflamação no sistema sensorial que pôs termo aos meus trabalhos no Brasil – e quase à minha carreira profissional também. Alastraram depois, a inflação e as outras dificuldades econômicas e políticas através das quais o nosso querido Brasil tem passado nos últimos anos, de modo que a publicação deste livro continuasse a demorar. Afinal, porém, com o dedicado trabalho do Octavio, e o auxílio também do Prof. Antonio Candido e da Universidade de São Paulo (que se tornou interessada no livro), a tradução – depois de 14 anos de espera – 14 anos! – saiu, graças a Deus! Estou contente de ter sobrevivido até esta data (ARQUIVO EDGARD LEUENROTH, FUNDO DONALD PIERSON, PASTA Nº 55).

2.3. *O Homem no Vale do São Francisco*

Em *O Homem no Vale do São Francisco* (1972), o professor norte-americano Donald Pierson demonstra não apenas sua enorme capacidade de trabalho, como também seu respeito pelo Brasil e seu povo.

Dividido em três tomos, os quais somados resultam em 1502 páginas, este *estudo de comunidade* é, na verdade, quase um estudo regional, tamanha a abrangência ecológica das comunidades estudadas ao longo dos 3161 quilômetros do único rio que nasce e deságua integralmente dentro do território brasileiro (PIERSON, 1972a, p.29).

O monumental estudo de cinco *pares* de comunidades simbolizou a terceira fase do trabalho de Donald Pierson na ELSP, conforme ele mesmo revela em depoimento:

Mais tarde ainda, levei o plano para o terceiro passo, ou seja, aquele em que ao invés de jovens pesquisadores receberem diretamente minha orientação e supervisão, eles pesquisavam, como membros de turmas de pesquisadores, cada turma sob a supervisão de um jovem pesquisador já mais preparado e experiente, incluindo “assistentes” e jovens professores, e todos sob a minha orientação e supervisão gerais. Tal pesquisa foi levada a efeito no vale do importante rio São Francisco (CORRÊA, 1987, p.46).

As cinco localidades estudadas foram divididas entre os seguintes pesquisadores:

Cerrado e Retiro: Esdras Borges Costa e assistentes Maria Isabel dos Santos Carvalho, padre Aldemar Moreira, Gastao Thomaz de Almeida e Neide Carvalho; Rio Rico e Gerais: Levy Cruz e assistentes Aparecida Joly Gouveia, Gastão Thomaz de Almeida, Frederico de Barros Brotero e Zilda Cruz; Pesqueira e Marrecas: Fernando Altenfelder Silva e assistentes Maria Galvão Cardoso, Candido Procopio Ferreira Camargo e Lidia Altenfelder Silva; Sertão Novo e Ilha de Toré: Octavio da Costa Eduardo e assistentes Artur Cesar, Natalia Rodrigues Bittencourt e Plínio Figueiredo; Passagem Grande: Alceu Maynard Araujo e assistentes Natalia Rodrigues Bittencourt, Joao Vicente Cardenuto, Geraldo Semenzato e Noemia de Toledo; Cuzcuzeiro: Alfonso Trujillo Ferrari. (PIERSON, 1972a, p.18)⁹

⁹ Em depoimento publicado na Revista de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, a Cadernos de Campo n. 18 (2009), Esdras Borges Costa fala sobre sua experiência de pesquisa no Vale do rio São Francisco, dentre outros assuntos abordados.

Em cada um desses locais de pesquisa – na verdade zonas ecológicas – o propósito era perceber indícios de mudança social. Sendo assim:

Cada estudo seria feito em um *par* de localidades, em cada área, a fim de pôr em contraste os efeitos, especialmente quanto à vida em comum e cultura, do isolamento de um lado e, de outro, do contato [...]. Uma localidade em cada par, então, seria mais isolada que a outra, onde os hábitos e costumes definidos por tradição seriam, com toda a probabilidade, relativamente fixos e, portanto, capazes de refletir ainda e com mais clareza, pelo menos, os principais aspectos da vida em comum e da cultura, há muito característicos da área em apreço. A outra localidade de cada par, embora situada na mesma área geral, estaria mais em contato com o mundo de fora, de modo que mudanças, tanto as ecológicas quanto as sociais, pudessem estar ao menos começando a aparecer (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p. 47).

Em correspondência destinada a D. Pierson, datada de 5 de dezembro de 1972 – concluída, portanto, a pesquisa – um dos assistentes de pesquisa, Gastão Tomás de Almeida, revela que o objetivo inicial do cientista social norte-americano foi atingido:

Em 1959 voltei a Correntina, cheguei a publicar algumas reportagens sobre a região e senti a grande diferença. Talvez lhe seja interessante resumir a minha impressão, no sentido de que a cidade estava se desenvolvendo. Ocorre que em 1952, quando ali estivemos, à pergunta sobre quais eram os problemas da cidade, sua população respondia com um indiferente “nenhum problema”. Em 1959, voltei a repetir a pergunta; e as respostas eram sempre extensas, diversificadas. Senti, então, que havia desenvolvimento da cidade, caracterizada pela conscientização de seus problemas. Senti a falta da mangueira na grande praça, em 1959 já com um jardim (meio abandonado), mas a usina estava pronta; a cidade já tinha luz (senti falta do luar); automóveis já circulavam em suas ruas; havia maiores contatos com o mundo exterior (inclusive Brasília, então em construção) (AEL – FDP – Pasta Pesquisa Vale do São Francisco, seção de Levy Cruz).

É interessante observar, também, que os registros obtidos nas pesquisas em comunidades têm um valor histórico-comparativo que difere essencialmente de estudos sociais realizados a partir de outras orientações, principalmente por seu caráter empírico. Nesse sentido, Octávio da Costa Eduardo faz menção a algumas das mudanças sociais por ele observadas empiricamente, desde a época em que foram realizadas as pesquisas, até os dias atuais:

Nós fizemos os Estudos de Comunidade realizados na década de 1950 no Brasil, são estudos que revelam grande parte do que eram essas comunidades no Brasil da época. Agora, o Brasil é diferente. [...] Você vai hoje, por exemplo, a Cabrobó. Cabrobó não tem mais mil

habitantes na cidade, deve ter quinze a vinte mil habitantes. Cabrobó tinha duas ou três pessoas que tinham rádio na época, em 1952, 1953. Hoje todo mundo tem rádio e tem televisão, e tem telefone celular, e tem geladeira. Não havia geladeira em Cabrobó na época, a eletricidade que se tinha lá era de um motor elétrico, que era das 18 às 22hs quando fechava. E nem sempre funcionava, depois é que veio a energia de Paulo Afonso para lá. Mas é completamente diferente. Hoje em dia você tem uma comunidade em Cabrobó que é uma comunidade urbana, e não uma comunidade rural. Muito embora se tenha uma área rural, mas pequena em relação ao que era. Agora, Cabrobó sempre foi um município, na minha época, era um município que vivia muito mais do criatório – especialmente do criatório de gado, do que da agricultura – tinha agricultura... e é por isso que eu a chamei de Sertão Novo... por quê? Porque estava havendo uma revolução agrícola em Cabrobó, em toda a região do vale do São Francisco, no médio São Francisco, de Petrolina em relação ao litoral. Qual foi essa revolução? Foi uma revolução tecnológica. Apareceu um camarada em Petrolina (PE) que descobriu o seguinte: se eu conseguir irrigar as terras, eu vou poder ter uma agricultura muito mais produtiva do que eu tenho atualmente. Que a agricultura na época era agricultura de vazante, praticada a beira do rio especialmente, da vazante do rio. Você tinha agricultura na caatinga em rios que não eram perenes, vinha a seca e o que acontecia? Perdia-se tudo. Gado perecia. [...] quando nós chegamos lá, na primeira vez que estive lá em 1950 eu, o Pierson e o Levy, nós logo verificamos o seguinte: Cabrobó estava começando a ter uma revolução agrícola. Que vários agricultores, vários fazendeiros estavam irrigando as terras com motor, ou então com roda d'água – havia algumas rodas d'água – e isso alterou completamente a situação do município, alteração da vida daquelas pessoas.¹⁰

O estudo em si apresenta diversos aspectos importantes. O maior deles, talvez, está em função da área ecológica escolhida que, ao atravessar os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, entra em contato com uma das regiões mais carentes do Brasil (Ibidem, p.53).

E a importância surge daí, ou seja, na medida em que a região é uma das mais desprovidas do país, há falta de informações e dados a respeito dela, como já notava, no início do século XX, Euclides da Cunha:

Demarca-o de uma banda, abrangendo dois quadrantes, em semicírculo, o Rio São Francisco; e de outra, encurvando também para sudeste, numa normal à direção primitiva, o curso flexuoso do Itapicuruauçu. Segundo a mediana, correndo quase paralelo entre aqueles, com o mesmo descambar expressivo para a costa, vê-se o traço de um outro rio, o Vaza-Barris, o *Iraperanga* dos tapuias, cujo

¹⁰ Depoimento obtido em dezembro de 2009, o qual será oportunamente publicado em sua versão integral.

trecho de Jeremoabo para as cabeceiras é uma fantasia de cartógrafo. De fato, no estupendo degrau, por onde descem para o mar ou para jusante de Paulo Afonso as rampas esbarrancadas do planalto, não há situações de equilíbrio para uma rede hidrográfica normal. Ali reina a drenagem caótica das torrentes, imprimindo naquele recanto da Bahia *facies* excepcional e selvagem. **Abordando-o, compreende-se que até hoje escasseiem sobre tão grande trato de território, que quase abarcaria a Holanda (9° 11' – 10° 20' de lat. e 4° - 3°, de long.O.R.J.), notícias exatas ou pormenorizadas.** As nossas melhores cartas, enfeixando informes escassos, lá têm um claro expressivo, um hiato, Terra ignota, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras (CUNHA, s/d, p.16,17, grifo meu).

Na obra de Donald Pierson esta dificuldade aparece, por exemplo, em carta endereçada a Jaime Duarte, datada de 07 de agosto de 1956, quando ele faz referência à necessidade na obtenção de informações com respeito a rodas d'água na região:

Bem sei as dificuldades no caminho de obter informações estatísticas, fidedignas e completas, sobre todos os municípios do vale. Acho que o senhor procedeu na única maneira a nós disponível, nas atuais circunstâncias. [...] Pode me informar se ou não a CVSF tem informação sobre 1) o número de rodas d'água (tais como as em Cabrobó) que existem no Vale? E também 2) a localização de cada um – ao menos o município em que está? Podemos descobrir alguma coisa sobre 3) quando e 4) onde, a primeira foi construída? Sobre 5) as circunstâncias, com pormenores, da construção dela? E sobre 6) as datas de construção ao menos de parte das demais? (AEL – FDP, Pasta 63).

Assim, é de se enaltecer o trabalho do professor norte-americano na região, pois ele fornece informações valiosas não somente com relação à base ecológica da região, mas também quanto à vida social local.

Desta forma, essa estrutura investigativa – diferenciando base física e/ou ecológica, e os processos de socialização decorrentes – também se faz presente no estudo do *Homem no Vale do São Francisco*, assim como em *Cruz das Almas* (1951), conforme anteriormente mencionado.

As informações com relação à base física estão, sobretudo, contidas no tomo I, como indicarei brevemente a seguir.

2.3.1. A Base Física

Entre as páginas 120 e 140 desse tomo, por exemplo, o autor revela como são ricas as possibilidades de uso do solo ao longo das terras que margeiam o São Francisco. Desde as pedras preciosas que incluem diamante, ouro, até os minerais como minério de ferro, salitre (sal), dentre outros. São feitos também registros dos variados

tipos de solo encontrados, especialmente os que contêm maior quantidade de calcário, os selênicos e os mais argilosos ou de massapé.

Este, inclusive, mais propício à atividade agrícola; embora, com irrigação, mesmo as terras do cerrado – que constituem o domínio morfo-climático ao longo do vale do São Francisco – podem ser utilizados para o uso agrícola. São também feitos os registros dos tipos de solo de acordo com as eras geológicas as quais deram origem aos domínios de relevo e do solo, como, por exemplo, os solos arenosos derivados do mineral arenito (PIERSON, 1972a, p. 120-40).

É interessante que, a partir de informações de natureza física e/ou ecológica, percebem-se algumas das características da vida social local como, por exemplo, com referência à história das cidades da região:

De 1590 em diante, houve diversos outros pedidos de concessão de terras ao longo das margens dos trechos Baixo e das Corredeiras do São Francisco e seus tributários nesta área, por parte de homens que iam forçando caminho rio acima, vindos de Salvador, na Bahia, e de Olinda, em Pernambuco. Na época em que os holandeses foram expulsos da costa do Nordeste, isto é, 1654, terras já tinham sido tomadas também ao longo do tributário Salitre, no trecho médio do São Francisco, na Bahia, e ao longo das corredeiras de Sobradinho, perto daí (PIERSON, 1972a, p.266).

Outro exemplo dessa abordagem interdisciplinar de Donald Pierson nesta obra pode ser observado no seguinte trecho em que ele trabalha, simultaneamente, a geografia relacionando bacia hidrográfica e formas geológicas, com a história, e desenvolvimento social no Brasil:

A famosa corrida do ouro em Minas em fins do século XVII e começo do XVIII, à qual se fizeram algumas referências acima, processou-se principalmente nas cabeceiras do rio das Velhas, tributário do São Francisco, embora em certa extensão também ao longo das cabeceiras do rio Doce, do rio das Mortes e do Jequitinhonha, na mesma vertente ou nas suas proximidades, embora estes últimos rios corram para este até o Atlântico, ou para oeste até o Paraná, e não para o norte até o São Francisco (PIERSON, 1972a, p. 291).

Assim, ao longo desse monumental *estudo de comunidade*, vão ganhando vida as estáticas informações de natureza histórica, tendo como sujeito da narrativa, nessa nova versão da história contada por Donald Pierson, o rio São Francisco:

Logo depois de ocuparem Pernambuco em 1630, os holandeses invadiram a área em torno da foz do São Francisco e aí construíram um forte, conhecido por Forte Maurício. Destruindo pelo caminho numerosos currais, subiram o rio até pelo menos o povoado de

Penedo, que conquistaram. Depois de queimarem os engenhos de açúcar e as plantações de cana nas suas vizinhanças, os holandeses construíram aí um forte, localizando-o em uma rocheira que dominava considerável porção do rio, e destruíram todos os currais ao longo da margem norte, ou alagoana, numa tentativa de interpor o que era referido como “zona deserta” entre suas propriedades na margem norte, e os portugueses e seus descendentes ao sul. Nessa época, ou pouco depois, os holandeses também exploraram o São Francisco mais adiante, talvez até quase a cachoeira de Paulo Afonso (Ibidem, p.300).

2.3.2. Os movimentos migratórios

Outro tema importante abordado no tomo II desse grandioso *estudo de comunidade* coordenado por Donald Pierson, é o da migração. No entanto, a migração nesse estudo é abordada a partir da perspectiva das localidades circunscritas à bacia do rio São Francisco, o que torna a narrativa original, na medida em que grande parte dos estudos sobre o tema no Brasil são feitos do ponto de vista dos estados receptores e não fornecedores do contingente populacional.

De acordo com os levantamentos realizados havia, na época, duas direções principais para onde iam os migrantes das regiões circunscritas à bacia do rio, a primeira para as regiões vizinhas:

O movimento das populações para fora das localidades estudadas pelos nossos pesquisadores é bastante acentuado e, aparentemente, ocorre há muito tempo. Parte considerável, se não a maior desse movimento, dirige-se meramente para as áreas próximas. De Cerrado, por exemplo, houve certa migração em anos recentes no rumo dos vales próximos de Paracatu e Unaí, na zona nordeste de Minas; em virtude das dificuldades crescentes de viver da terra, algumas famílias de lavradores partiram para a capital, Belo Horizonte, não muito distante, onde habitualmente procuram os bairros de aluguel mais baixo da cidade para morar enquanto trabalham no número crescente de fábricas em tarefas ligadas à construção civil, nos ofícios e no comércio. Exceto nos períodos de grande seca, a maioria dos que deixam Pesqueira e Marrecas transfere-se para outras partes do Vale, onde habitualmente fixa residência não muito longe do rio. Ao norte, o movimento, via de regra, não se estende além de Juazeiro e, ao sul, além de Pirapora. A leste, contudo, migrantes da área podem chegar a uma distância tão grande como Salvador, situada na costa (PIERSON, 1972b, p. 47, 48).

A segunda era em direção aos estados mais distantes e, na passagem seguinte, observa-se um registro importante desse fenômeno, dificilmente perceptível em estudos sociais de natureza mais generalizantes:

Parte vultosa da migração, contudo, orienta-se para pontos mais distantes, incluindo as áreas agrícolas de Estados como Goiás, Paraná e São Paulo. Todas as localidades estudadas, bem como outras partes do Vale, contribuíram também para o forte movimento migratório que, durante muitos anos, ocorreu a partir das áreas rurais do Brasil em direção aos centros metropolitanos, onde a indústria se desenvolve, especialmente no Sul. Até mesmo o recenseamento de 1940, realizado antes que fossem sentidos muitos dos efeitos da última Guerra Mundial, mostra que em regiões do Sul a proporção de recém-chegados foi muito grande em relação à população total. Dando um exemplo, 21 por cento da população do então Distrito Federal do Rio de Janeiro, eram, nessa ocasião, compostos de naturais de outros Estados; com aproximadamente 110.000 só de Minas Gerais; e havia, morando em São Paulo, cerca de 350.000 pessoas nascidas em Minas Gerais e 150.000 naturais da Bahia. Nos seis anos transcorridos de 1936 a 1942, informa-se, 160.000 deixaram o Estado da Bahia em direção a São Paulo, um número considerável indubitavelmente procedente do próprio Vale (Ibidem, p.48).

Num trecho bastante preciso nas referências quanto á migração, observa-se que durante a pesquisa – década de 1950 – foi crescente o número de migrantes saídos do nordeste e que atravessavam as cidades da região do vale do São Francisco em direção ao sul, especialmente São Paulo (embora houvesse registros também de migração para o Paraná) (PIERSON, 1972b, p. 53-63).

São feitos registros dos motivos pelos quais os migrantes deixavam suas residências e, muitas vezes, as famílias no nordeste e norte de Minas Gerais, dentre os quais as melhores condições de vida e de emprego na capital e no interior do estado de São Paulo (Ibidem).

É interessante observar que os registros de migração começam a se intensificar durante a década de 1940, e durante a pesquisa na década de 1950 foram feitas entrevistas tanto com os migrantes que chegavam, quanto com os que voltavam às suas regiões de origem; estes diziam, frequentemente, que as melhores condições de vida no sul os faziam estranhar a vida – a partir de então monótona – no nordeste, e também os fazia convidar outros familiares a fazerem o mesmo; conclusões obtidas a partir de depoimentos dos migrantes (Ibidem).

Finalmente, um dado bastante significativo indica que a partir do início da década de 1950, a migração que antes era feita através de animais (mula principalmente), estrada de ferro e por navegação, foi perdendo espaço para o transporte rodoviário, especialmente caminhões (Ibidem).

2.3.3. O estudo do Homem no Vale do São Francisco e o Planejamento Governamental

Ao final dos três tomos da grandiosa obra científica sobre o homem no vale do São Francisco, o professor Donald Pierson apresenta, baseado em opiniões de outros especialistas, sugestões para o planejamento social governamental.

Essas sugestões, inseridas ao final da obra sob a forma de apêndice, têm especial relevância para os gestores públicos – seja da região do vale do São Francisco ou não – na medida em que indicam caminhos para que sejam tomadas decisões relativas à mudança social planejada, fundamentada em pesquisas prévias realizadas por cientistas sociais capacitados.

A seguir, apresento as doze sugestões de modo a mostrar como podem ser utilizadas as informações do estudo para a elaboração de políticas públicas governamentais:

1-Conheça a cultura na qual vai ser introduzida a mudança; 2-Pense em termos do potencial verdadeiro da comunidade em questão, e não em termos de um programa ideal a ser executado numa comunidade ideal; 3- Quaisquer que sejam as esperanças a longo prazo, comece com um projeto pequeno e sem complicações, que ofereça possibilidade de resultados óbvios dentro de um período de tempo relativamente curto; 4- Procure apresentar um programa que seja integrado, e não uma série de projetos separados, sem relações entre si; 5- Selecione com extremo cuidado o local de introdução da projetada mudança; 6- Dedique atenção especial à escolha da pessoa ou pessoas de fora que vão introduzir a mudança; 7- Não peça a pessoa alguma na comunidade que faça algo que possa ameaçar-lhe a margem talvez já estreita de segurança material; 8- Aproveite a natureza pragmática de todas as pessoas, em toda a parte, apelando para os valores pragmáticos já adotados pelos moradores; 9- Siga a melhor sequência possível no lançamento do programa; 10- Utilize em todos os casos possíveis a liderança existente na comunidade; 11- Envide todos os esforços para evitar que alguma pessoa da localidade se manifeste *contra* o projeto; 12- Exija pelo menos um pagamento simbólico por serviços e materiais prestados ou entregues à comunidade (PIERSON, 1972c, p.474-5).

2.3.4. O difícil processo de editoração dos registros originais

Tendo em vista que o período no qual as pesquisas no vale do São Francisco foram realizadas foi atribulado para Donald Pierson, e algumas dessas atribuições se refletiram na forma final da obra, faz-se necessário alguns registros sobre o contexto que envolveu o processo de editoração dos registros originais.

Em primeiro lugar, registra-se que o professor norte-americano não tinha pleno domínio da língua portuguesa, razão pela qual necessitou da colaboração de tradutores em todas as suas publicações editadas no Brasil. Ao iniciar depoimento concedido à antropóloga Mariza Corrêa, ele menciona essa dificuldade:

[...] espero que possa contar com a gentileza de amigos brasileiros em me perdoar quaisquer possíveis lapsos que escapem da minha vigilância apesar de tudo, inclusive daqueles quanto a esta bela língua que, apesar de dois bons dicionários mui usados, ainda não escrevo, infelizmente, como deveria – e como, aliás, gostaria de fazer; nem está ao nosso lado, no momento, nenhum aluno, ex-aluno ou outro associado nosso no País – como aqueles em São Paulo, há anos – que sempre estavam prestativos, ao surgir a necessidade, para resolver a dúvida linguística ao escrever (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p. 30-1).

Isso significa que, por si só, a tradução da obra sobre o Homem no Vale do São Francisco – e suas mais de 1500 páginas – já significaria um enorme trabalho. No entanto, dois outros agravantes tornaram o trabalho, que já seria grande, ainda maior: 1) uma grave enfermidade pela qual passou Donald Pierson na época – a qual foi o motivo principal dele ter deixado o Brasil; e 2) a inflação no Brasil a qual “comeu” parte da verba destinada pela Comissão do Vale do São Francisco (CVSF) às despesas do projeto, inclusive a tradução.

Em carta – datada de 1º de dezembro de 1975 – a um antigo aluno seu e posteriormente um dos maiores nomes da Sociologia no Brasil, Florestan Fernandes, Donald Pierson revela como essa doença interferiu no desenvolvimento do projeto no vale do São Francisco:

Prezado Dr. Florestan:

Desde que provavelmente tenha sido “a bit perplexed” referente à minha doença em São Paulo, talvez eu deva explicar um pouco, especialmente em consideração também do fato de que, muito a contragosto, tive de não aceitar o amável convite para participar do banco de exame quanto a sua tese de doutoramento. De qualquer maneira, o caro amigo merece esta consideração. Logo depois de voltar do nosso preliminar levantamento social pelo vale do São Francisco, fui atacado por um vírus que produz inflamação hemorrágica nos gânglios e nas ligações de neurônios para com a “spinal cord” e a medula oblongata. Os médicos sabiam, naquela

época e ainda sabem pouco a respeito. Aliás, entre os que consultei em São Paulo era um médico moço que, tendo sido atacado também pelo mesmo vírus, pensava em ir a Europa ou aos Estados Unidos, a fim de estudar a respeito; porém, ao descobrir como era pouco o que já se sabia neste campo, desistiu do seu plano. Nos anos desde então, correspondi com vários especialistas, particularmente com um da Universidade de Harvard, outro de Columbia University, ainda outro da Metropolitan Hospital de Cleveland, etc., tudo com proveito bem limitado; e o pouco que existe a respeito em livros de Medicina, principalmente da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. No meu caso, o ataque foi bem severo, resultando depois em dores nas costas que duraram quatro anos e meio. Atendendo a delicada sugestão de Cyro Berlinck, voltei aos Estados Unidos para sete meses de descanso, depois do qual estive mais uma vez no nosso querido Brasil, tentando assumir de novo meus vários programas de trabalho em São Paulo. Eu estava de outra maneira forte, graças a Deus, e fiz muito esforço; porém, afinal tive de desistir definitivamente e a aposentar-me muito a contragosto; e nunca mais tive emprego remunerado como anteriormente, em qualquer lugar. Contudo, mais uma vez nos Estados Unidos senti muito a obrigação de ver que fossem terminados os estudos já empreendidos no vale do São Francisco. Com o auxílio benevolente mais uma vez de Cyro Berlinck, que pôs à minha disposição o trabalho da minha ex-secretária na Escola, dona Maria Izabel dos Santos, foram datilografadas as muitas centenas de fichas das vários equipes de pesquisa, bem como algumas monografias dos meus associados nesta tarefa em colaboração e completei, afinal, meu manuscrito também. No intervalo e depois, fui atacado mais duas vezes pelo mesmo vírus, em 1958 e 1968, a despeito de que normalmente um ataque traz imunidade para o resto da vida. Contudo, afinal voltei a ser capaz de trabalhar até certo ponto; porém, só fiz pesquisas durante um ano na Europa mais tarde, como “Fullbright Lecturer” no Instituto Superior de Ciências Sociais, de Lisboa; ensinei durante um semestre de cada um de dois diferentes anos em México, como professor junto ao “Programa Interamericano para o Adestramento de Pós-Graduados em Ciências Sociais Aplicadas,” da Organização dos Estados Americanos; e publiquei alguns escritos meus, inclusive de revisões para novas edições de certos dos meus livros, capítulos de livros em colaboração, artigos, e resenhas de obras sobre o Brasil, pedidas pelos editores de revistas. Lamento ter tomado seu tempo com esta explicação; porém sinto-me com esta obrigação junta a sua estimada pessoa (AEL – FDP – Pasta 7).

Em outra correspondência datada de 11 de novembro de 1972, desta vez a Aparecida Joly Gouveia – a qual participou do projeto como assistente de pesquisa – Donald Pierson revela, por outro lado, como a inflação representou mais um obstáculo à editoração final da obra:

Depois de voltarmos do Vale, e com o auxílio de dois outros amigos meus, o senador Aloísio de Carvalho Filho e o deputado Nestor Duarte, foi votado pelo Congresso no Rio uma verba para publicar os trabalhos dos meus associados brasileiros e para traduzir e publicar o

meu. Maria Aparecida Madeira Kerbeg começou a tradução; a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF) começou a publicar as obras dos meus associados; e eu voltei socegado [sic] para os Estados Unidos. Contudo, foi cortado logo a verba em dois terços; e a inflação que estava começando a grassar no Brasil, como sabe, “comeu” muito do resto, de modo que, depois de estarem publicadas apenas as obras de Esdras sobre os dois lugares escolhidos para serem pesquisados no Alto São Francisco, e Fernando sobre os dois lugares escolhidos na baixa parte do trecho médio deste grande rio, acabou a verba. Entrementes, devida a força maior, a tradutora desistiu do seu trabalho depois de estarem prontos apenas os 6 primeiros capítulos (foram 29 ao todo) e mais o longo prefácio. Houve, neste intervalo, mudança de pessoal na CVSF, continuava a inflação a grassar e logo aconteceram mudanças mesmo de governo, como sabe (AEL – FDP – Pasta Jaime Duarte).

Nesse sentido, destaca-se que Maria Aparecida Madeira Kerbeg havia sido aluna de Donald Pierson na ELSP, o que fazia dela a melhor tradutora das obras de Donald Pierson. Isso pode ser comprovado numa sequência de duas correspondências; a primeira enviada a Donald Pierson por Maria Kerbeg, datada de 20 de novembro de 1959:

Prezado Dr. Pierson:

Muito me desvaneceu o seu convite para fazer a tradução para a língua portuguesa de seu livro “O Homem no Vale do São Francisco”. Trabalhar em uma obra como essa é para mim sumamente honroso, dada a certeza de poder contribuir para a divulgação de um estudo que será de grande utilidade para o Brasil. **Tendo já trabalhado sob sua esclarecida orientação em outras traduções, inclusive aquelas ligadas à série “Biblioteca de Ciências Sociais” que o senhor dirigiu para a Livraria Martins Editora, penso ter adquirido, além dos conhecimentos de Sociologia proporcionados pela Escola de Sociologia e Política onde me formei, a prática necessária a esse tipo de tradução de natureza científica, onde a terminologia é de suma importância** (AEL – FDP – PASTA 68, grifo meu).

No que Donald Pierson responde, desde os Estados Unidos onde se encontrava se recuperando da enfermidade, dia 27 de fevereiro de 1960 e da seguinte maneira:

Prezada Maria:

A tradução do capítulo III, juntamente com sua carta de 21 de fevereiro, chegaram aqui. A tradução mostra seu usual cuidado e atenção aos detalhes, bem como sua competência tanto com o Inglês quanto com o Português. Eu me considero um afortunado em ter uma tradutora dessa qualidade para traduzir esta que é a principal publicação da minha carreira. Tão logo pudermos ter tempo para fazer a revisão deste capítulo, ele será devolvido a você, por correio aéreo registrado. A terminologia, em muitos casos, foi inegavelmente difícil de ser traduzida. De fato, é uma desventura que você seja forçada a começar a tradução com o capítulo III, uma vez que ele é talvez o

mais difícil de todo o estudo. É verdadeiramente lamentável que eu não tenha percebido integralmente porque você precisava da bibliografia. Eu estou pedindo à Sra. Pierson que tipografe, para que eu acrescento ao final desta carta, os dados dos livros que nós conseguirmos lembrar (já que, com exceção do capítulo III, não existem cópias aqui), pois podem ser necessários aos capítulos que você já tem; e, tão logo quanto possível, a bibliografia completa lhe será encaminhada. Nós nos atrasamos nessa matéria porque, por um lado, a bibliografia é longa e exige um trabalho considerável e, por outro lado, temos estado os dois extremamente ocupados, desde que chegamos aqui, revisando e redigindo partes dos capítulos ainda por serem enviados a você. O capítulo II foi enviado a você, por correio registrado, em 17 de fevereiro; e é minha intenção encaminhar todos os capítulos subseqüentes, na ordem em que eles aparecem no livro. O Capítulo II foi se estendendo por um considerável período de tempo devido à pressão de outros compromissos, e eu não fui capaz de tê-lo concluído enquanto ainda estava no Brasil, e houve um trabalho considerável a ser feito a respeito dele depois de nós aqui chegarmos. Eu tinha a intenção de enviar este capítulo por via aérea, mas desde que não tinha ouvido falar de você na época, supus que você ainda tinha em São Paulo cópias suficientes para traduzir. Além disso, o custo do correio aéreo desde os Estados Unidos é bastante elevado, e eu já gastei uma considerável soma do meu próprio dinheiro neste estudo, além de perder o salário que eu poderia ter ganhado oferecendo consultoria de ensino para o qual senti a necessidade de declinar até que o projeto do São Francisco estivesse concluído. Talvez já tenha dito a você que havia sido convidado para a Universidade da Califórnia em Berkley, como Professor Visitante, no ano passado? Como você deve saber, a Faculdade de Sociologia nesta instituição é provavelmente a mais notável dos Estados Unidos atualmente (AEL – FDP – Pasta 68, tradução minha).

Sendo assim, parece haver indícios de que o processo de editoração da obra não favoreceu uma formatação adequada da mesma, o que pode, talvez, ter comprometido parte das informações obtidas.

3. Capítulo 3: Donald Pierson e a ELSP na formação da primeira geração de cientistas sociais do Brasil

Se os *estudos de comunidade* de *Cruz das Almas* (1951) e *O Homem no Vale do São Francisco* (1972) representam as duas últimas fases da atuação do professor Donald Pierson no Brasil, sua atuação logo ao chegar à ELSP criou as condições acadêmicas necessárias para que estes projetos mais abrangentes pudessem ser levados a efeito.

Nesse sentido, serviu de alicerce para as pesquisas empíricas, seja nas comunidades rurais ou no centro urbano representado pela cidade de São Paulo, a criação da *Divisão de Estudos Pós-Graduados* em 1941 – a primeira do gênero não apenas no Brasil, mas na América do Sul – assim descrita por Donald Pierson:

Logo depois de iniciar os trabalhos em São Paulo, observei que estava faltando a meus alunos, enquanto frequentavam o curso de graduação, tempo para receberem instrução sobre uma parte considerável do acervo em Ciência Social já desenvolvido naquele tempo e disponível aos alunos, ao menos em outras línguas. Fiquei mui satisfeito, então, quando o diretor Berlinck, gentilmente aprovando meu pedido a respeito, deu-me permissão, no início de 1941, para oferecer algumas aulas pós-graduadas no “Departamento de Sociologia e Antropologia”, que, com a permissão também dele, eu já estava organizando naquele ano na Escola (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p.55)

Como veremos a seguir, a forma como foi organizada a Divisão – combinando professores especialistas em diversas áreas do conhecimento em ciências humanas – possibilitou uma formação interdisciplinar que logo daria bons frutos na disseminação dos trabalhos dos alunos então formados.

Sobre a atuação dos diferentes professores, continua a falar Donald Pierson em depoimento concedido à antropóloga Mariza Corrêa:

Neste novo departamento dei, no primeiro ano, dez matérias, inclusive de três seminários. Deram também aulas de graduação o professor Sérgio Milliet, autor de *Roteiro do Café* e outras obras; Noemy da Silveira Rudolfer, autora de *Introdução à Psicologia Social* e diretora de pesquisas psicológico-sociais no Instituto de Educação de São Paulo; Cecília Castro da Silva, com grau de Mestre de Radcliffe, nos Estados Unidos; W.P. Leser, autor, com Pedro Egydio de Carvalho, de *Metodologia Estatística*; A.R. Müller, B.Sc., secretário da Escola e

recentemente vindo da Inglaterra onde foi aluno de A.R. Radcliffe-Brown na Oxford University, e Mário Wagner Vieira da Cunha, B.Sc. Também em 1941, com o auxílio dos professores Emílio Willems e Herbert Baldus, ambos formados em Ciências Sociais na Alemanha, porém já residentes no Brasil há muito tempo, e Bruno Rudolfer, nascido na [antiga] Tchecoslováquia e também já residente no Brasil, oferecemos aulas pós-graduadas para os alunos que queriam continuar estudar Ciências Sociais depois de formados na Escola, tendo alguns deles cursado, também, uma das Faculdades ou outra instituição educacional do País. Como se sabe, o Dr. Herbert Baldus já era, naquele tempo, professor de Etnologia do curso de graduação da Escola, tendo pesquisado entre ameríndios do Brasil, e sendo autor do livro, *Ensaio de etnologia brasileira*. O Dr. Emílio Willems já era autor da obra, *Assimilação e populações marginais do Brasil*, e com o professor Baldus, era autor também do *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, e co-editor, com o professor Romano Barreto, da relativamente nova revista *Sociologia* em São Paulo. Bruno Rudolfer foi diretor da Seção de Estatísticas Municipais de São Paulo (Ibidem, p.55, 56).

É interessante observar que, por ter um caráter pioneiro no ensino pós-graduado em Ciências Sociais no Brasil, naturalmente o interesse e a quantidade das aulas foram aumentando, conforme se observa no excerto a seguir:

Em 1942, as aulas pós-graduadas que demos trataram das seguintes matérias: “Os Tapirapé do Brasil” (Baldus); “O Estudo da Sociedade” (Pierson); “Assimilação e Aculturação entre os Imigrantes Alemães no Brasil Meridional” (Willems) e “O Negro no Brasil” (Pierson). Além disso, juntaram-se a nós, naquele segundo ano, o conhecido antropólogo inglês, professor A. R. Radcliffe-Brown, da Universidade de Oxford, professor visitante da Escola, que, a princípio, deu aulas pós-graduadas sobre três matérias: “Princípios de Antropologia Social”, “Organização Social” e “Desenvolvimento do Direito”; bem como, durante um semestre, o sociólogo norte-americano, professor T. Lynn Smith, da Louisiana State University, especialista em estudos rurais, em viagem de estudos no Brasil, que embora com mesa na embaixada norte-americana no Rio, veio periodicamente a São Paulo, a fim de orientar a coleta de dados de seu interesse por alunos cursando o Seminário dele sobre “Pesquisas nas Comunidades Rurais do Brasil”. Nestes primeiros dois anos, então, as aulas pós-graduadas aumentaram em número até ao ponto em que pedi à administração da Escola – e me foi gentilmente concedida – permissão para transformar o “Departamento de Sociologia e Antropologia” numa Divisão de Estudos Pós-Graduados”, a qual dirigi até ter de sair do Brasil, com pesar, devido a razões de saúde, muitos anos mais tarde (Ibidem, p.56,57).

Assim, com o passar dos anos a Divisão foi tomando corpo, novos professores e disciplinas se congregaram a ela, e assim foi que a primeira geração de mestres em Ciências Sociais foi formada em instituição brasileira, conforme se depreende da passagem seguinte:

Assim, nos três primeiros anos, foram dadas aulas pós-graduadas apenas de Antropologia e Sociologia; porém, em 1944, o professor Alexandre Kafka, recentemente chegado ao Brasil da [ex] Tchecoslováquia, foi convidado para oferecer Seminário sobre “Economia Brasileira” em nível pós-graduado; depois do que pedimos que ele organizasse, dentro da “Divisão de Estudos Pós-Graduados”, a Seção de Economia. [...] **Ao fim daquele ano escolar (1945), tendo eles passado pelos exames exigidos, tanto orais como escritos, e tendo também apresentado, de acordo com os regulamentos e defendido satisfatoriamente suas teses, graduaram-se os nossos primeiros alunos os pós-graduados, recebendo o grau de “Mestre”. Foram Oracy Nogueira, Virgínia Leone Bicudo, e Gioconda Mussolini, tendo todos se tornado também assistentes ou professores de suas respectivas especialidades** (Ibidem, p. 57-8, grifo meu).

Em outro documento obtido junto ao AEL – UNICAMP – FUNDO DONALD PIERSON, observa-se que, até *outubro de 1950*, haviam obtido o grau de mestre em Ciências Sociais junto à ELSP, os seguintes alunos:

- 1) Oracy Nogueira: Professor de Sociologia, e membro do Conselho Técnico Administrativo da Escola de Sociologia e Política; co-editor de *Sociologia*, única revista do gênero na América do Sul; cujo tema de Mestrado foi *Experiências Sociais e Psíquicas do Tuberculoso Pulmonar no Estado de São Paulo*¹¹; completava à época trabalho de campo em Itapetininga para a tese de Ph.D. junto à Universidade de Chicago, cujo tema era o *Sistema de Status de uma Cidade Brasileira*;
- 2) Florestan Fernandes: professor assistente de Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo; completava à época pesquisa de doutorado na USP: *Imigrantes Sírios em São Paulo*; seu tema de Mestrado foi o da *Organização Social dos Tupinambá*;
- 3) Gioconda Mussolini: Professora Assistente de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; completava à época trabalho de campo numa comunidade rural da Costa de São Paulo, para a tese de doutorado junto a USP; o tema de seu Mestrado junto à Escola de Sociologia e Política foi *Um Estudo Comparativo das Formas de Defesa contra a doença e morte, nas tribos Kaingang e os Boróro do Oeste*;

¹¹ Segunda edição organizada e publicada, em 2009, por Maria Laura Viveiro de Castro Cavalcanti.

- 4) Virginia Bicudo: Professora Assistente de Psiquiatria da Escola de Sociologia e Política; trabalhava à época, na Escola Pública de Serviço de Saúde do Governo do Estado; exercendo a psiquiatria, em sua própria clínica; tema da Tese de Mestrado: *Atitudes Raciais entre Pretos e Mulatos em São Paulo*¹²;
- 5) Lucila Herman: Pesquisadora do Instituto de Administração Pública; tema da tese de Mestrado: *Organização Social da Vapidiania do Território de Rio Branco*;
- 6) Noemia Ippolito: Diretora de Educação, Recreação e Saúde em um *Playground* Municipal; tema da Tese de Mestrado: *Características Sociais das Crianças Frequentadoras do Playground da Lapa em São Paulo*;
- 7) Fernando Altenfelder Silva: Professor Assistente de Antropologia, da Escola de Sociologia e Política; tema da Tese de Mestrado: *Organização Social dos Terena de Mato Grosso*; à época, havia acabado de retornar de um trabalho de graduação nos Estados Unidos, em Columbia.

Complementam a lista, no mesmo documento do ano de 1950, os seguintes alunos com graduação obtida na Escola:

- 1) Octávio Eduardo: Professor de Etnologia, membro do Conselho Técnico Administrativo e Tesoureiro da Escola de Sociologia e Política; completou seus estudos de graduação obtendo o título de Ph.D nos Estados Unidos, junto à Northeastern University [Chicago], seu tema de Tese foi *O Negro no Norte do Brasil*¹³;
- 2) Mário Wagner Vieira da Cunha: Diretor do Instituto de Administração Pública, e professor de Administração Pública da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo; Professor Assistente de Ciência Política, da Escola de Sociologia e Política; Trabalho de Graduação nos Estados Unidos junto à Universidade de Chicago;

¹² Recentemente, a Tese de Mestrado de Vírginia Leone Bicudo foi republicada, com o apoio da Editora Sociologia e Política e Organização de Marcos Chor Maio (BICUDO, 2010).

¹³ Octávio da Costa Eduardo falou ao autor a 09 de dezembro de 2009 sobre sua trajetória acadêmica e de sua relação com Donald Pierson, depoimento o qual será oportunamente publicado.

- 3) Mauro Brandão Lopes: Professor de Ciência Política, e Membro do Conselho Técnico Administrativo da Escola de Sociologia e Política; trabalho de Graduação em Yale; à época completando trabalho de pesquisa no Brasil para a Tese de Ph.D em Yale, sobre *Partidos Políticos no Brasil*;
- 4) Juarez Rubens Lopes: Estudante de Graduação da Escola; Diretor da Seleção de Pessoal do SESI à época sendo administrado pela Escola; Editor e Revisor da Revista *Sociologia* engajado na Tese de Mestrado sobre *Acomodação à Vida da Cidade de Pessoas que Migraram para São Paulo de Áreas Rurais*; ofereceu Cursos no último semestre na Divisão Sub-Graduada da Escola sobre “Organização Social”;
- 5) Levy Cruz: Estudante de Graduação e Pesquisador Assistente na Escola; ofereceu um curso sub-graduado em “Ecologia Humana”; Completando sua Tese de Mestrado sobre *A Base Ecológica de uma Comunidade Paulista*;
- 6) Cecília Sanioto: Organizadora e à época Diretora da Escola para Enfermeiras de Recife; à época vinculada à Faculdade de Higiene, da Universidade de São Paulo, onde era Pesquisadora e Professora; Trabalho de Graduação nos Estados Unidos junto à John Hopkins University;
- 7) Carlos Borges Teixeira: Pesquisador da Divisão de São Paulo, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
- 8) José Paternostro: Estudante de Graduação e Professor de Psicologia da Escola; Diretor de Seleção de Pessoal e Serviço de Treinamento, da Companhia Ferroviária Sorocabana;
- 9) Mirtes Brandão Lopes: Estudante de Graduação e Pesquisadora Assistente da Escola; Completando a Tese de Mestrado sobre a *Socialização da Criança numa Comunidade Paulista*;
- 10) Augusta Ribeiro: Estudante de Graduação da Escola; possuía à época próprio Escritório de Advocacia; estava na época obtendo dados para sua Tese de Mestrado, cujo tema foi *A Migração do Norte do Brasil para São Paulo*;
- 11) Dulce Schriener: Estudante de Graduação da Escola; Pesquisadora do Instituto de Administração Pública;
- 12) Adelheid Hamburger: À época Pesquisadora Assistente do Instituto de Estudos Brasileiros, junto à Vanderbilt University, U.S.A..

Fecha a lista de ex-alunos do professor Donald Pierson – excluindo aqueles já mencionados – os/as seguintes:

Maria Aparecida M. Kerbeg; Esdras Borges Costa; Darcy Ribeiro; Padre Aldemar Moreira; Maria Isabel dos Santos Carvalho; Artur de Moraes César; Plínio Figueiredo; Natália Rodrigues Bittencourt Newman; Cândido Procópio Ferreira de Camargo; Maria Galvão Cardoso; Aparecida Cardoso; Prof. Antonio Rubbo Muller e sua esposa Nice Muller; Maria de Lourdes Figueiredo e Conceição Figueiredo; Augusta Barbosa Carvalho Ribeiro; José de Barros Martins; Jaime Duarte; Zilda Cruz; Aparecida Joly Gouveia; Lídia Altenfelder Silva; Alfonso Trujillo Ferrari; Dr. Zacarias Pithon Barreto; Prof^a Lavínia Raymond; dentre outros (AEL – FDP – Pasta 7).

3.1. Os alunos de maior projeção

No entanto, outras atividades, além da coordenação da Divisão de Estudos Pós-Graduados, foram postas em execução por Donald Pierson nesse processo de desenvolvimento acadêmico pioneiro das Ciências Sociais no Brasil. A primeira delas foi o Seminário sobre “Métodos e Técnicas de Pesquisa Social”, o qual Donald Pierson ofereceu durante muitos anos, contando com o auxílio de seu amigo Bruno Rudolfer (Ibidem, p.51, 52).

Nele:

[...] assistiram e participaram ativamente deste Seminário, durante um, ou vários anos os seguintes alunos (usando para as moças nomes daquele tempo, antes de se casarem): Octávio da Costa Eduardo, Cecília Maria Domênica Sanioto, Oracy Nogueira, Maria Aparecida Madeira Kerbeg, Alceu Maynard Araújo, Virgínea Leone Bicudo, Vicente Unzer de Almeida, Maria Galvão Cardoso, Carlos Borges Teixeira, Dulce Schreiner, Flávio Marcelo Nobre de Campos, Noêmia Ippólito, Cesário Hossri, Lisette Toledo Ribeiro, Darcy Ribeiro, Iene Londahl, Ruy Rodrigues, Helena Rocha Achôa, Levy Cruz, Mirtes Brandão Lopes, Maurício Segall, Maria Isabel dos Santos, Fernando Altenfelder Silva, Lavínia Costa Villela, Juarez Rubens Brandão Lopes, Dulce de Godoy Alves, Harald Schultz, Nilza de Almeida, Florestan Fernandes, Lucila Hermann, Rudolf Lenhard, Gioconda Mussolini, José Paternostro, Maria Aparecida Cardoso, Werner Loewenberg, Adelaide Hamburger e outros (Ibidem, p.52).

3.1.1. Florestan Fernandes

Inegavelmente, dentre os alunos mencionados, o de maior projeção, ao menos no campo da Sociologia, foi Florestan Fernandes (1920 – 1995). Em correspondência entre ambos, datada de 22 de fevereiro de 1954, Donald Pierson faz referência à sua contribuição, ainda que modesta, na formação de Florestan Fernandes:

Caro Florestan: Foi bom saber, através da Sra. Pierson, que você tem guardado para mim uma cópia de sua recente publicação. Eu também fiquei honrado com o convite para preparar um ensaio para o encontro de Americanistas. Acontece, entretanto, que no último mês de abril, o professor Baldus me pediu para preparar um ensaio para esse Congresso e que naquele momento eu concordei em preparar um pequeno ensaio, sobre algum aspecto da sociedade e da cultura cabocla. Como ainda não estou completamente recuperado das influências do vírus, não me sinto apto para assumir quaisquer compromissos adicionais no momento. Confio que você irá entender. Obviamente, esta situação de maneira alguma implica qualquer descortesia para, ou falta de consideração com sua pessoa. Na verdade, isto será assim por quase outro ano antes que eu possa participar, como anteriormente, de reuniões públicas. E se eu não voltar a gozar de plena saúde durante esse período, provavelmente devo deixar o Brasil. Foi realmente favorável que eu finalmente decidi não aceitar ao pedido de Métraux para participar dos estudos em São Paulo. No momento em que você e ele vieram até minha casa, eu estava realizando sozinho trabalho equivalente ao de três pessoas somadas, incluindo os preparativos para os estudos do São Francisco, e [portanto] eu estava extremamente exausto. É bastante provável, me disseram os especialistas, que o vírus foi capaz de conseguir se infiltrar por causa do excesso de trabalho a que eu tinha me submetido por vários anos. Você ficará interessado em saber que, no mesmo dia em que a Sra. Pierson me trouxe o seu amável convite, eu tinha acabado de finalizar quatro dias de cuidadoso exame de seus escritos sobre relações raciais em São Paulo: lendo, fazendo as observações para a datilografia e, posteriormente, delineando suas análises. Durante este exame cuidadoso de seus escritos, tive o prazer de ver evidências, especialmente na afirmação preliminar sobre método publicado pelo Instituto de Administração, de sua dedicação no meu seminário em métodos, e estou contente em saber que eu possa ter contribuído de alguma modesta maneira para sua formação. No decorrer desse exame, não pude deixar de pensar, devo eu dizer francamente, que se meu próprio livro sobre a Bahia tivesse sido tão cuidadosamente lido, alguns comentários sobre meu estudo da situação [racial] Baiana não teriam sido feitos em São Paulo e em outros lugares. Também parece estranho para mim que, ao longo das 368 páginas de meu livro, as pessoas parecem agora dar atenção meramente para uma (para mim) hipótese secundária que tratava de um assunto (preconceito) ao qual muito pouca atenção foi dada nesse estudo. Com relação a isso eu devo dizer que Robert Redfield, um dos supervisores do estudo, alertou-me antes de eu sair dos Estados Unidos, quanto à esterilidade de qualquer intenção para estudar uma atitude (por exemplo, o preconceito) como tal; a necessidade, ao invés disso, de estudar o que as pessoas fazem e dizem (com base na qual

qualquer atitude é inferida). Francamente, sua análise histórica foi a que mais me impressionou. Muita leitura, reflexão e trabalho árduo obviamente estiveram presentes nela, para o que todos nós somos gratos. Na verdade, você merece ser amplamente elogiado por peneirar com tanto cuidado um volume tão grande de literatura. Ao mesmo tempo, senti que as relações econômicas e as relações estruturais mais formais receberam mais atenção do que as relações especificamente humanas. Em outro momento, eu gostaria de vê-lo dar mais atenção ao que é, ao menos para mim, igualmente se não mais significativo nas relações. Os homens sempre se envolvem em relações econômicas e formais, é verdade. Mas eles não vivem por estas relações econômicas e formais exclusivamente. Cedo ou tarde, todos os seres humanos que entram em contato, especialmente caso seja este contato de características primárias, descobrem sua origem humana comum. Seus outros dados também me interessam, embora eles nem sempre fossem claros quanto a quando julgamentos a priori, com dados concretos que os elucidassem, terminavam e quando começavam as hipóteses derivadas dos procedimentos estritamente empíricos. É uma esperança minha de que à medida que você continue com o que é sem dúvida uma promissora carreira em nosso campo, neste e em outros estudos, você vá continuamente dando mais e mais atenção aos procedimentos empíricos. Com as melhores lembranças e um abraço de Donald Pierson (AEL – FDP – Pasta 7, tradução minha).

3.1.2. Darcy Ribeiro

Outro aluno de grande projeção, desta vez no campo da Antropologia e também na vida política brasileira – mormente quanto à educação – foi Darcy Ribeiro (1922 – 1997).

No entanto, no caso de Darcy Ribeiro o primeiro contato entre o mineiro de Montes Claros e Donald Pierson ocorreu por ocasião de uma *conferência pública* proferida por este em Belo Horizonte (MG); sobre mais este aspecto da atuação de Donald Pierson na difusão das Ciências Sociais no Brasil, ele assim se expressou:

Fui convidado a pronunciar conferências públicas sobre minha especialidade a princípio em São Paulo e, mais tarde, em outras cidades do país. Em São Paulo, os convites vieram da Sociedade de Psicologia de São Paulo; Sociedade Sul-Riograndense; Sociedade de Sociologia de São Paulo; Instituto de Organização Racional do Trabalho da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e Escola de Sociologia e Política, em duas ocasiões, primeiro para dar a aula inaugural de 1940 e, em 1945, para falar como paraninfo, ao colar grau de Mestre o nosso primeiro grupo de alunos pós-graduados. Embora não fosse conferência pública no sentido habitual da frase, dei entrevistas à Rádio Gazeta de São Paulo, logo depois de chegar à cidade que se tornaram quase palestras. Aliás, fez parte da série de apresentações pelo microfone à qual *A Gazeta de São Paulo* deu o título de “Palestras de Bons Vizinhos”. Além de São Paulo, houve vários outros convites: de Florianópolis, na ocasião de graduarem-se alunos da Escola de Educação de lá, presidindo a mesa,

naquela noite, o governador do Estado de Santa Catarina e mais tarde vice-presidente da República, Nereu Ramos. Depois da graduação, a gentil convite do governador, e acompanhado pelo (então) aluno nosso, Mauro Brandão Lopes, visitamos o vale do rio Itajaí, onde existia a principal colonização de imigrantes daquele Estado; também do Rio de Janeiro, a convite de Mário de Brito, diretor da Divisão de Aperfeiçoamento do DASP, entidade essa que havia sido recentemente organizada, onde pronunciei uma série de conferências que durou algumas semanas, recebendo, depois de cada reunião, qualquer pessoa que quisesse conversar comigo sobre pesquisas [...] (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p.60, 61).

E, finalmente, em Belo Horizonte, onde Donald Pierson pronunciou:

[...] uma série de conferências a convite de alunos da Universidade Federal de Minas Gerais, a frente dos quais um jovem mineiro que me deu a impressão de alimentar interesse mui verdadeiro por sua pátria, Darcy Ribeiro, aluno de lá que, ao terminar as conferências, gentilmente nos acompanhou, minha senhora e eu, como excelente guia – a pedido do governo mineiro, chefiado, naquele tempo, por Juscelino Kubitschek, mais tarde presidente da República, e sendo o Secretário de Educação Christiano Machado, mais tarde candidato a Presidência – para visitarmos alguns lugares históricos de Minas, inclusive Sabará e Ouro Preto (Ibidem, p.61).

Mais tarde, em nota ao depoimento concedido à antropóloga Mariza Corrêa, Donald Pierson revelou que:

Quando Darcy nos informou que gostaria de cursar a Escola em São Paulo, a administração, gentilmente atendendo à minha recomendação a respeito, arranhou pequena bolsa de estudos que continuou até terminar, mais tarde, infelizmente, a verba para tal – sempre havia, naquele tempo, ao que parece, “falta de verba”, estribilho que muitas vezes ouvimos com pesar (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p.113).

Como anteriormente mencionado, Darcy Ribeiro dedicou grande parte de sua atuação enquanto partícipe da vida política brasileira tendo como propósito aperfeiçoar o sistema educacional do país. Nesse sentido, uma de suas ações foi contribuir com a construção da Universidade de Brasília (UnB), a qual ele faz menção em Cartão de Natal endereçado a Donald Pierson, no ano de 1962:

Mestre Pierson: 1962 será para nós o ano de implantação da Universidade de Brasília, (?) mais ambicioso empreendimento educacional e científico do Brasil. Neste trabalho quero contar, como sempre, com seus conselhos e com sua ajuda, Darcy e Berta (AEL – FDP – Pasta 7).

Ao que o professor Donald Pierson responde, em carta datada de 19 de fevereiro de 1962:

Caro Darcy: Recebemos, a minha senhora e eu, e agradecemos, o cartão de Natal que teve a gentileza de nos enviar. Parabéns pelo trabalho que está fazendo e prol da Universidade de Brasília. Tomei nota das suas palavras: “quero contar com seus conselhos e com sua ajuda”. Que quer dizer, Darcy? Quer sugestões sobre o folheto com referência à Universidade, que me enviou no ano passado? Quer que eu venha ao Brasil para conselhos mais diretos? Ou que eu ajude em procurar obter os serviços temporários de professores norte-americanos de alto padrão? Diga-me, Darcy. Deixei uma parte do meu coração aí no Brasil; e seja dentro das minhas possibilidades, ajudá-lo-ei. Recebeu a minha carta de 13 de junho último? Com abraços saudosos, de Helena e Donald Pierson (Ibidem).

Fica, assim, evidente o sentimento de apreço de Darcy Ribeiro pelo professor Donald Pierson, bem como a consideração deste em relação à atuação de Darcy no que se refere à busca, naquela época empreendida, por melhorar a qualidade da educação no Brasil.

3.1.3. Oracy Nogueira

Contudo, Oracy Nogueira foi, talvez, aquele dentre os alunos de Donald Pierson que mais próximo esteve do mestre no que se refere às atividades de pesquisa – ainda que isso não signifique estarem ambos em concordância absoluta nas matérias investigadas.

Foi Oracy Nogueira, por exemplo, quem deu sequência aos trabalhos de Donald Pierson num tema central na trajetória intelectual de ambos, qual seja o das relações raciais entre brancos e pretos no Brasil.

Numa correspondência enviada a Donald Pierson, datada de 25 de março de 1946, Oracy Nogueira revela como estava sendo sua participação nos cursos em que então participava na Universidade de Chicago:

Prezado Dr. Pierson: Sua carta de 12 do corrente chegou-me às mãos na última 6ª feira, encontrando-me num período de intenso trabalho, com os exames e *term-papers*. Na noite de sábado para domingo, trabalhei até as 3 e meia da madrugada, datilografando meu último *term-paper do quarter* – o de *Social Organization*, com Louis Wirth. Ontem, dei-lhe os últimos retoques, e amanhã irei entregá-lo. Fico, assim, em dia com os exames e trabalhos, e espero ter ido razoavelmente bem em todos. No exame que tivemos com Wirth, ele nos deu 22 questões para serem respondidas em 1 hora. Não nos foi permitida a consulta de notas e livros, nem mesmo de dicionário. Penso, porém, que fui bem, pois apenas deixei de responder a duas

questões, por escassez de tempo. Em compensação meu term-paper para esse curso consistiu de 20 páginas datilografadas, inclusive uma razoável bibliografia (FUNDO ORACY NOGUEIRA, UFRJ, PASTA NP).

E, na mesma correspondência, ele faz menção ao tema que mais tarde lhe seria objeto de estudos em Itapetininga (SP) *Preconceito de Marca* (1998), qual seja o das relações raciais entre brancos e pretos:

A racionalização, isto é, a tendência para agir mais na base da evidência científica e, na ausência desta, de racionalizações logicamente urdidas e, muitas vezes, providas pela própria cultura, constitui um dos principais elementos do *ethos* americano. Tenho mesmo a impressão, em relação ao problema do Negro, de que, quando suficiente evidência científica se acumular e se divulgar, em favor da igualdade potencial das raças, muitos americanos passarão a tolerar o Negro, da mesma forma por que comem um prato indigesto, somente porque contém vitaminas... O que a demagogia, ou o apelo a motivos sentimentais, não consegue realizar, neste país, muitas vezes a ciência e a técnica obtém como um milagre. Não será significativo, por exemplo, que, em geral, os estudantes de antropologia e sociologia, daqui, acabam tornando-se mais liberais do que os próprios brasileiros, em matéria de raça? Quantos deles, por exemplo, eu vejo dansarem com Negros e Negras, e com eles saírem, não obstante toda a pressão social que, para isso, têm de enfrentar! É que eles, como estudiosos dessas ciências, já se convenceram de que não existe nenhuma evidência científica em favor do preconceito racial (Ibidem).

Isso indica que a ida de Oracy Nogueira a Chicago – concretizada por meio dos esforços do professor Donald Pierson – foi fundamental para a formulação de algumas das hipóteses do sociólogo paulista no que se refere ao tema mencionado.¹⁴

3.2. Os estudos urbanos coordenados por Donald Pierson em São Paulo e a formação de jovens pesquisadores na ELSP

Logo que chegou a São Paulo, o primeiro passo de Donald Pierson em direção ao treinamento de jovens pesquisadores em Ciências Sociais ocorreu na própria capital paulista, conforme ele revela em depoimento:

Começamos, então, a empreender pequenos estudos na cidade de São Paulo. Faziam parte do grupo comigo à tarde, a princípio, Octávio da Costa Eduardo, Cecília Sanioto e Oracy Nogueira. Logo depois do que

¹⁴ Há alguns anos, a professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ) vem trabalhando e se especializando na obra de Oracy Nogueira, sendo ela, portanto, a mais indicada para uma introdução à obra do autor.

Carlos Borges Teixeira juntou-se ao grupo e, quando ele saiu, para realizar levantamentos sociais descritos abaixo, Dulce Schreiner. Embora não na sala conosco todas as tardes, outros alunos (até cerca de uma dúzia), também trabalharam nestes pequenos estudos, auxiliando com planos de pesquisa, entrevistando informantes, ou organizando dados depois obtidos, cada um durante período de tempo variando de uns dias a alguns meses, entre eles: Cesário Hossri, Maria Aparecida Madeira Kerbeg, Vicente Unzer de Almeida, Nilza Alves de Almeida, Ruy Rodrigues, Gioconda Mussolini, Lilia Schmitt, Maria Salles de Oliveira, Guaracyaba de Carvalho, Maria de Lourdes Leite de Sá e Margarida Monteiro de Barros (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p.43).

Ao chegar à ELSP em 1939, Donald Pierson já havia estado em contato com os estudos urbanos em Chicago, e por isso seu conhecimento acerca de algumas das técnicas de estudo da cidade já estavam latentes. Como exemplo, destaco um artigo escrito em 18 de dezembro de 1939, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, onde ele revela que o recenseamento feito em grandes cidades dos Estados Unidos à época estava mudando de um padrão baseado em bairros ou distritos (*wards*), para outro baseado na “face-de-quarteirão” (PIERSON, 1939).

O artigo é interessante, também, pois revela já estar presente para Donald Pierson a concepção da Ecologia Humana como forma peculiar de pesquisa, levando em consideração antes os limites geográficos e ecológicos do que políticos. Sobre isso, é reveladora a passagem a seguir:

Em 1915, Galpin publicou o seu estudo sobre uma comunidade rural norte-americana, estudo esse que serviu de fundamento e ponto de partida para o desenvolvimento da Ecologia Humana. Neste trabalho o autor mostrou, concludentemente, que os limites de tais comunidades não correspondiam aos seus limites políticos. O pesquisador norte-americano demonstrou que se alguém, partindo do centro de uma comunidade, se dirigisse para a sua periferia, atingiria a um certo ponto em que os interesses humanos e as atividades econômicas e sociais se voltam para outra direção que não a da sua comunidade. Galpin determinou, assim, os limites de uma comunidade rural, pelo sistema de estabelecer os pontos alcançados pelo comércio, desenvolvido por essa comunidade. Podia Galpin, destarte, distinguir as fronteiras de duas comunidades, desprezando os seus limites políticos (PIERSON, 1939, p.173-4).

E, continua ele:

Foi adotando mais ou menos a mesma técnica, que o Departamento de Sociologia da Universidades de Chicago, sob a direção dos chefes de pesquisas Robert E. Park, W.I. Thomas e Ernest W. Burgess, conseguiu determinar 75 diferentes “áreas naturais” – assim chamadas tecnicamente – dentro dos limites políticos da cidade de Chicago. Para

a determinação dos limites dessas áreas, empregaram-se de preferência, certos obstáculos naturais, como por exemplo, cursos de água, estradas de ferro, avenidas de muito trânsito, parques, propriedades industriais, terrenos baldios e, até certo ponto, linhas de bondes muito utilizadas e quarteirões comerciais. Entretanto, comparando-se dentre essas áreas, algumas contíguas, verificaram-se diferenças sensíveis entre os seus elementos característicos, embora não existisse, entre elas, obstáculo natural algum, que as separasse nitidamente. Tornou-se, assim, necessário estabelecer outros índices não somente para o estudo dessas áreas, como também para verificar a utilidade dos obstáculos naturais como índices, nas áreas que os contivessem (Ibidem, p.174).

Convém ressaltar que, dos três professores de Chicago acima mencionados, Robert Park foi quem elaborou um plano específico de estudo da cidade em 1915 e nele havia, dentre outras formulações, uma delimitação de regiões morais que incorporavam à organização espacial o temperamento individual no agrupamento social dentro da urbe. Nesse plano de estudo, Robert Park concebe a cidade a partir de regiões morais, assim caracterizadas por ele:

É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de empolgação (sejam corridas de cavalos ou óperas) (...) devem se encontrar de tempos em tempos nos mesmos lugares. O resultado disso é que, na organização que a vida da cidade espontaneamente assume, se manifesta uma disposição da população para se segregar, não meramente de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos ou seus temperamentos. A distribuição da população resultante deve ser provavelmente muito diferente daquela trazida por interesses ocupacionais ou condições econômicas (PARK apud EUFRÁSIO, 1999, p.55).

Há evidências de que essas premissas investigativas oriundas da Escola Sociológica de Chicago chegaram ao Brasil com maior força a partir da presença de Donald Pierson na ELSP, como indica o estudo realizado por Edgar Mendoza (2005).

Um dos oito trabalhos examinados por Mendoza, o estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial, de Lucila Hermann, pode ser tomado como exemplo disso, na medida em que utiliza como referência tanto o modelo das zonas concêntricas de Ernest Burgess, quanto o das zonas morais de Robert Park (MENDOZA, 2005, p.455).

Ao descrever algumas das características do centro de São Paulo na época, Lucila Hermann parece deixar claro estarem presentes essas referências, como indica o excerto a seguir:

É uma área [o centro] de grande mobilidade material, locomoção, mudança de residência, viagens. Os indivíduos desta área não se sentem presos a ela por laços econômicos, (propriedade de imóveis, emprego fixo, etc. Apenas as meretrizes, poderíamos dizer, encontram aí, afinidade e centro profissional. Mas essas não possuem a mesma liberdade de escolha dos outros grupos sociais. Constantemente controladas pela polícia de costumes, são frequentemente obrigadas a se mudarem para outras zonas, impostas pelas autoridades). Não possuem também laços sociais (família, parentela, relações sociais e vizinhança, respeito humano, associações, etc.) assim, se sentem mais independentes para se afastarem e mudarem. Essa mobilidade material acarreta, acompanha e intensifica uma grande mobilidade moral. É a zona de maior variedade de religião, cultura, sentimentos políticos, nacionalidade, cor raça, etc. em contacto intenso o que determina uma mentalidade propensa à aceitação rápida das inovações e uma fixação mínima dos tabus, convenções, códigos de moral comum (HERMANN, 1944, p.32).

Embora tenha defendido tese de mestrado sobre *Organização Social da Vapidianiana do Território de Rio Branco*, sob orientação de Herbert Baldus, destaca-se que Lucila Hermann foi aluna da ELSP e desenvolveu estudos pós-graduados na instituição, o que parece reforçar o argumento de que as premissas investigativas oriundas da *Escola Sociológica de Chicago* chegaram ao Brasil com maior força a partir da presença de Donald Pierson no país.

Dois outros estudos dessa primeira fase de Donald Pierson na ELSP vão merecer atenção neste trabalho: *Habitações de São Paulo: Estudo Comparativo* (1942b), e *Hábitos Alimentares em São Paulo* (1944).

Ambos, diferentemente dos demais estudos urbanos vistos até aqui, foram empreendimentos coletivos de pesquisa, ou seja, contaram com a participação dos alunos da ELSP na época, conquanto sob a coordenação de Donald Pierson.

Os dois estudos também se assemelham no que se refere à delimitação das áreas ecológicas investigadas: uma zona “superior” – representada pelos bairros do Pacaembu, Jardim América e Higienópolis; e uma zona “inferior” – representada pelos bairros da Moóca, Bela Vista (Bexiga), e Canindé (PIERSON, 1944; 1942b).

Em nota em ambos os estudos, Donald Pierson faz menção à função deles de familiarizar os alunos com o valor e as limitações do questionário e do formulário. Sendo assim, fica evidente tratarem-se de pesquisas voltadas ao treinamento empírico dos alunos da ELSP, na medida em que pressupunham o contato direto com as pessoas e as situações vividas tanto na região “inferior” quanto na “superior”.

Os estudos, bastante minuciosos em suas descrições, indicam haver uma nítida divisão, seja no que se refere aos hábitos alimentares, seja quanto ao nível de moradia nas duas áreas escolhidas.

Com relação às habitações, os itens pesquisados foram, dentre outros, os seguintes: número de dormitórios, cômodos sanitários particulares, chuveiros, banheiros, móveis, bidês, automóveis, quantidade de pianos; já em relação aos hábitos alimentares, foi feita uma divisão em grupos de alimentos, demonstrando que alguns grupos, como por exemplo o de hortaliças e de frutas, estavam mais restritos às habitações de nível “superior” (PIERSON, 1942b; 1944, p.73, 74).

É interessante observar que Donald Pierson parece ter, nesses dois estudos, mostrado a seus alunos como estabelecer – através da formulação de questionários, formulários, e sistematização da informação obtida – a distinção, na prática, entre familiaridade e conhecimento, tal qual ele próprio havia sentenciado em seu *Teoria e Pesquisa* (1977):

A “familiaridade com” certo fenômeno, como aliás James e Park nos têm mostrado, é aquela espécie de informação que cada pessoa tem a respeito, por exemplo, dos membros da sua própria família, de seus colegas da escola, da roupa que usa, do pequeno mundo físico e social em que vive. É informação pessoal e íntima. Normalmente, é informação não sistematizada, isto é, sobre a qual ainda não se refletiu e que assim não foi reduzida a uma formulação geral de modo a poder ser transmitida facilmente de pessoa para pessoa. “Ouve-se muitas vezes, por exemplo: “Isso eu conheço bem; contudo, não posso externar o que sei a respeito”. O “conhecimento a respeito de” uma coisa, por outro lado, é a informação passível de ser transmitida. É a informação classificada e organizada em sequências; isto é, sistematizada. Cada parte tem relação lógica com todas as demais. A “familiaridade com” uma coisa fornece informação viva, íntima, dramática. O “conhecimento a respeito de” uma coisa, por outro lado, é a informação passível de ser transmitida. É a informação classificada e organizada em sequências; isto é, sistematizada. Cada parte tem relação lógica com todas as demais. A “familiaridade com” uma coisa fornece informação viva, íntima, dramática. O “conhecimento a respeito de” certo fenômeno é geral e sistemático, isto é, científico (PIERSON, 1977, p.48).

3.3. A atuação do professor Donald Pierson na tradução de artigos e livros em Ciências Sociais

Um último aspecto com relação à atuação do professor Donald Pierson na ELSP será brevemente tratado neste trabalho: a coordenação da coleção “Biblioteca em Ciências Sociais”.

Com relação a essa atividade, ela se consolidou a partir tanto da receptividade do público em geral às primeiras traduções em Ciências Sociais, coordenadas por Donald Pierson, do inglês para o português, quanto da necessidade de se ter uma literatura específica na matéria elaborada em língua portuguesa – o que até então era escasso (CORRÊA, 1987, p. 52,53)

Sobre isso, Donald Pierson revela que, logo após os esforços iniciais voltados à tradução de uma literatura específica:

[...] foram eles ampliados, a convite do diretor da Livraria Martins em São Paulo e nosso amigo, José de Barros Martins, com bolsa gentilmente cedida para este fim pela Fundação Rockefeller. Organizei e dirigi, durante os anos seguintes, uma “Biblioteca de Ciências Sociais”, em que publiquei onze livros em doze volumes, quinhentos exemplares de cada um dos quais foram distribuídos, ao saírem, gratuitamente às bibliotecas do País e a estudiosos interessados, desta vez com bolsa cedida para este fim pelo *Department of State* do governo norte-americano (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p.53).

E, logo em seguida, enumera os livros publicados por essa coleção, bem como os títulos em português e os tradutores das obras:

Volume I. *O homem: uma introdução à Antropologia*, de Ralph Linton, da Columbia University, traduzido por Lavínia Costa Villela, 1943; Volume II. *Introdução à história econômica*, de N.S.B. Gras, traduzido por Lavínia Costa Villela, 1943; Volume III. *O sentido da nova Lógica*, de Willard Van Orman Quine, da Universidade de Harvard (aulas dele apresentadas na Escola), com auxílio quanto a rever o português de Vicente Ferreira da Silva, 1944; Volume IV. *Noções básicas de Estatística*, de L.L. Thurstone da Universidade de Chicago, traduzido por Maria Aparecida Madeira Kerbeg, 1945; Volume V. *O Estado*, de R. M. MacIver, da Columbia University, traduzido por Mauro Brandão Lopes e Asdrubal Mendes Gonçalves, 1945; Volume VI. *Estudos de ecologia humana*, org. por Donald Pierson, v. I das apostilas traduzidas por vários alunos, 1948; Volume VII. *O homem marginal*, Everest V Stonequist, da Universidade de Virgínia, traduzido por Asdrubal Mendes Gonçalves, 1948; Volumes VIII e IX. *Folkways*, de William Graham Sumner da Yale University (em 2 vs.), traduzido por Lavínia Costa Villela, 1950; Volume X. *Princípios de criminologia*, de Edwin H. Sutherland, da Indiana University, traduzido por Asdrubal Mendes Gonçalves, 1949; Volume XI. *Estudos de organização social*, org. por Donald Pierson, v. II das apostilas, traduzido por vários alunos, 1949; Volume XII. *Civilização e “cultura de folk”*, de Robert

Redfield, da Universidade de Chicago, traduzido por Asdrubal Mendes Gonçalves, 1949 (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p.53-4).

Destaco que, o predomínio de autores norte-americanos deve ser compreendido não apenas pela origem de Donald Pierson ser os Estados Unidos, mas também pelo contexto histórico da época, o qual foi marcado pelos conflitos da segunda grande guerra mundial, conforme se depreende do trecho a seguir:

Devido às circunstâncias de guerra, contudo, não era possível, naquela época, conseguir a devida permissão para traduzir livros publicados na Europa. Estava disponível, porém, riquíssima bibliografia que existe nos Estados Unidos; e, assim, com o auxílio financeiro da Rockefeller Foundation, com o auxílio do Diretor da Escola Livre de Sociologia e Política, Cyro Berlinck – que sempre acompanhou com interesse e compreensão qualquer esforço a fim de proporcionar maiores oportunidades aos estudiosos das ciências sociais – bem como com o auxílio de alunos que estavam aprendendo línguas estrangeiras, dediquei considerável porção do meu tempo, especialmente nos feriados e à noite, à árdua, e muitas vezes bem ingrata tarefa de organizar e verificar cuidadosamente traduções de trechos de livros e de artigos técnicos publicados em revistas eruditas (PIERSON, 1970a, p.7).

Finalmente, destaco também a fundamental colaboração, além dos tradutores oficiais já mencionados, de Olga Doria, Flávio Marcelo Nobre de Campos e Paulo Lopes, Oracy Nogueira, Virginia Drew Watson, Og Francisco Leme, e especialmente Helen Batchelor Pierson, mencionados como de grande auxílio na revisão e tradução dos volumes (PIERSON, 1970a, p. 17).

Considerações Finais

Como já registrado no início deste trabalho, há de se salientar que o mesmo não cumpriu todo o “percurso” intelectual ao qual deve percorrer uma análise e interpretação da trajetória de Donald Pierson na ELSP; tanto que o que se fez aqui foi, principalmente, indicar caminhos até agora pouco trilhados pelos cientistas sociais brasileiros.

No entanto, considerando que o trabalho do professor Donald Pierson 1) foi de extrema relevância para o desenvolvimento da disciplina no país; 2) que esse trabalho é, proporcionalmente, pouco estudado e 3) que a proposta aqui foi a de abranger todo o período de permanência do professor norte-americano na instituição –, tenho a convicção de que este trabalho cumpre o papel de iniciar um novo ciclo de estudos na história das Ciências Sociais no Brasil.

Nesse sentido, registrem-se as condições favoráveis que envolveram a trajetória de Pierson na ELSP, dentre elas o suporte que a direção da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e seus funcionários deram ele, bem como o modelo institucional que representou a Escola Sociológica de Chicago, de onde obteve sua formação.

Sendo assim, acredito que a atuação de Donald Pierson foi um marco dentro da História das Ciências Sociais do Brasil, pois ele foi precursor na transição de um padrão de pesquisas baseado no autodidatismo em que a formação específica em Ciências Sociais era realizada fora do Brasil, para outro já em moldes de produção acadêmica internacional, ou seja, com formação específica em Ciências Sociais e em nível de graduação e pós-graduação dentro do país.

Talvez a origem norte-americana de Donald Pierson tenha representado um obstáculo para seu maior reconhecimento dentro do ambiente acadêmico brasileiro, sobretudo após 1964, como deixa a entrever Sebastião Vila Nova (1996, p.14).

No entanto, ao analisar as obras de Pierson, percebo que sua passagem pelo Brasil representa uma tentativa bem sucedida de produzir uma Ciência Social universal, como ele mesmo aponta em correspondência destinada a Oracy Nogueira datada de 29 de fevereiro de 1972:

Está certo que o meu preparo no campo era, como se sabe, nos Estados Unidos; e, por conseguinte, seria natural que as ciências sociais aqui – onde, naquele tempo, tinham desenvolvidas mais do que em qualquer outra parte do mundo – tivessem servidas como base dos meus ensinamentos. Contudo, interesse em propagar algo do meu país não entrou no meu modo de pensar. Aliás, seria possível mostrar, talvez, que o meu preparo era, de certa maneira, internacional; ou, mais precisamente, combinava em si elementos tanto da Europa quanto dos Estados Unidos, além dos ensinamentos derivados de pesquisas já feitas, naquele tempo, em outras partes do mundo. Porque o meu mestre, Dr. Robert E. Park, como talvez se lembre, estudou na Alemanha, tendo recebido de lá seu grau de Ph.D. Além disso, entre meus professores na Universidade de Chicago era o notável antropólogo-social, A.R. Radcliffe-Brown, da Inglaterra, mais tarde meu colega na Escola, como sabe. E Herbert Blumer, talvez o Professor com quem tive mais aulas na Universidade de Chicago, estudou, como aluno pós-graduado, na França (Fundo Oracy Nogueira, NP Pasta 3).

Este trabalho foi feito acreditando nisso, ou seja, que Donald Pierson foi o precursor de uma série de iniciativas, as quais o credenciam, verdadeiramente, a ostentar a denominação de cientista social *universal*; com a ressalva de que em pesquisas futuras desenvolverei o que aqui, pelas limitações inerentes a uma pesquisa de mestrado, deixei apenas indicado, especialmente no que se refere ao aprofundamento da análise e interpretação dos Estudos de Comunidade.

Referências Bibliográficas

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH-FUNDO DONALD PIERSON. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP), Pastas: 23, 28, 34, 63, 64, 65, 68. Visitas em Outubro, Novembro de 2010; Janeiro de 2011.

ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR/IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, 2002, 200p. Il.color.

ARAÚJO, Oscar Egídio. Enquistamentos Étnicos. **Revista do Arquivo Municipal.** São Paulo, Vol. LXV, 1940, p. 227-246.

BECKER, Howard. **Conferência: A Escola de Chicago.** Rio de Janeiro, Mana, 2(2), 1996, p.177-188.

BULMER, Martin. **The Polish Peasant in Europe and America: A Landmark of Empirical Sociology** – cap. 4 (pgs. 45-63) de: *The Chicago School of Sociology: Institutionalization, Diversity, and the Rise of Sociological Research* – The University of Chicago Press, Chicago, 1984.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.

COHN, Gabriel. **Crítica e Resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

CORNING, Peter A. Durkheim and Spencer. **The British Journal of Sociology**, Vol. 33, No. 3 (Set., 1982), pp. 359 – 382. Publicado por: Blackwell Publishing on behalf of The London School of Economics and Political Science. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/589482>>. Acesso em: Jan./2010

CORRÊA, Mariza. **História da Antropologia no Brasil: 1930 – 1960, testemunhos.** São Paulo: Editora Vértice; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

COSER, Lewis. **William I. Thomas: Life, Work, and Context.** pp. 530-36. *Masters of Sociological Thought: Ideas in Historical and Social Context.* 2ª. ed. Harcourt Brace Jovanowich Publishers: N. York, 1977.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões.** Erechim (RS): EDELBRA – Indústria Gráfica e Editora, s/d.

DEL VECCHIO, Angelo (org.); DIÉGUEZ, Carla(org.). **As pesquisas sobre o padrão de vida dos trabalhadores da cidade de São Paulo: Horace Davis e Samuel Lowrie,**

pioneiros da Sociologia aplicada no Brasil. São Paulo, SP: Editora Sociologia e Política, 2008.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa.** Coleção **Os Pensadores**. Seleção de textos de José Artur Giannotti. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ENCICLOPÉDIA DO ESTUDANTE: ECOLOGIA. Trad. Nelson Caldini Junior. 1ª. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2008.

ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO. Manifesto de fundação. São Paulo, 27 abril 1933. Disponível em: http://www.fespsp.org.br/Mantenedora/Manifesto_de_Fundacao_da_Escola.htm>Acesso em: janeiro de 2011.

EUFRÁSIO, Mário A. **Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915 – 1940).** São Paulo: Editora 34, 1999.

FILHO, Enno D. Liedke. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. **Sociologias**, ano 7, nº 14, Porto Alegre, jul/dez 2005, p.376-437.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal.** 27ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990.

HERMANN, Lucila. Grupos Sociais de Guaratinguetá. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, Vol. XLIX, 1938, p. 71-92.

HERMANN, Lucila. Estudo do desenvolvimento de S. Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café (1935). **Revista do Arquivo Municipal**, vol.XCIX, São Paulo, 1944.

IANNI, Octávio. Resenha Bibliográfica. **Suplemento Literário do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO**, 29 de abril de 1961.

JACKSON, Luis Carlos. A Tradição Esquecida: Estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** – Vol. 16 Nº 47. São Paulo, outubro/2001.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KANTOR, Iris; MACIEL, Débora; SIMÕES, J. A.. **A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953): depoimentos.** 2ª. ed. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2009.

LYND, Robert S.; LYND, Helen M. **Middletown: A Study in American Culture**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1929.

LYND, Robert S.; LYND, Helen M. **Middletown in Transition: A Study in Cultural Conflicts**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1937.

MENDOZA, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, ano 7, nº 14, Porto Alegre, jun/dez 2005, p. 440-470.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa Social: introdução às suas técnicas**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1968.

NOGUEIRA, Oracy. Atitude desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relação aos empregados de cor. **Revista Sociologia**, Vol. 4, p. 328-357, São Paulo, 1942.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga** Apresentação e Edição *Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti*. – São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1998.

NOGUEIRA, Oracy. **Vozes de Campos do Jordão: experiências sociais e psíquicas do tuberculoso pulmonar no Estado de São Paulo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

OLIVEIRA, Isabela. Os estudos urbanos de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política. **XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, Isabela; DAMASCENO, Janaina. Constituindo um campo: estudos de comunidades e o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil (1940-1960). **Revista Cadernos de Campo**, São Paulo, n.18, 2009.

PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W. **Introduction to the Science of Sociology**. Illinois (USA): The University of Chicago Press, Chicago, 1921. Disponível em <http://www.archive.org/details/IntroductionToTheScienceOfSociology>. Acesso em Janeiro de 2011.

PIERSON, Donald. Recenseamento por Quarteirões. **Revista do Arquivo Municipal**, Nº **LXII**, Prefeitura do Município de São Paulo, Departamento de Cultura, 1939.

PIERSON, Donald. A Distribuição Espacial das Classes e das Raças na Baía. Separata da **Revista do Arquivo** Nº **LXXIII**. Departamento de Cultura, São Paulo, 1941b.

PIERSON, Donald. **A Composição Étnica das Classes na Sociedade Baiana**. Separata da **Revista do Arquivo** Nº **LXXVI**. Departamento de Cultura, São Paulo, 1941c.

PIERSON, Donald. **Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia**. Chicago: The University of Chicago Press, 1942a.

PIERSON, Donald. Habitações de São Paulo: Estudo Comparativo. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, Nº LXXXI**, p. 199-238, Departamento de Cultura, São Paulo, 1942b.

PIERSON, Donald. **O Candomblé da Baía**. Coleção Caderno Azul, Curitiba, S.Paulo, Rio, Editora Guaíra Ltda., 1942c.

PIERSON, Donald. Hábitos Alimentares em São Paulo. **Separata da Revista do Arquivo Municipal Nº XCVIII**. Departamento de Cultura, São Paulo, 1944.

PIERSON, Donald. Ecologia humana. **Sociologia: revista didática e científica**. Imprensa Comercial - São Paulo, SP.p. 153 - 163, 1947.

PIERSON, Donald. **Cruz das Almas: A Brazilian Village**. *Smithsonian Institution – Institute of Social Anthropology Publication Nº 12. United States Government Printing Office: Washington*, 1951.

PIERSON, Donald. **Cruz das Almas**. São Paulo, José Olympio, 1966.

PIERSON, Donald. **Estudos de Ecologia Humana (Tomo I)**. São Paulo, Livraria Martins Editôra, S.A., 1970a.

PIERSON, Donald. **Estudos de Organização Social (Tomo II)**. São Paulo, Livraria Martins Editôra, S.A., 1970b.

PIERSON, Donald. **O Homem no Vale do São Francisco (Em 3 Tomos)**. Com a colaboração de *Alceu M. Araújo, Alfonso T. Ferrari, Esdras B. Costa, Fernando A. Silva, Levy Cruz, Octavio da C. Eduardo* e outros. Tradução: Prefácio e Tomo I: Maria Aparecida Madeira Kerbeg; Tomo I (Capítulo II), Tomo II, e Tomo III: Ruy Jungmann. Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), Ministério do Interior. Rio de Janeiro, 1972a (Tomo I), 1972b(Tomo II), 1972c(Tomo III).

PIERSON, Donald. **Teoria e Pesquisa em Sociologia**. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1977.

PIERSON, Donald; TEIXEIRA, Carlos Borges. **“Survey” de Icapara**. *Sociologia: revista didática e científica*. Direção de Emílio Willems; Diretor Gerente Olympio Catão. [S.l.]: Imprensa Comercial - São Paulo, SP. 12 v., 18 por 11,50 cm., v. 9, n. 1, p. 3 - 21, 1947.

PREFEITURA DE ARACARIGUAMA. Apresenta informações sobre a emancipação do município. Disponível em: <<http://www.aracariguama.sp.gov.br/cidade.asp?link=veultimas&id=226&categoria=22.05.2009>>. Acesso em Julho de 2010.

- REDFIELD, Robert. **The Folk Culture of Yucatan**. The University of Chicago Press: Chicago, Illinois, USA, 1941.
- SIMMEL, Jorge. **Sociología: Estudios sobre las formas de socialización**. Editora Espasa-Calpe Argentina: Buenos Aires, 1939.
- SIMMEL, Georg. **Filosofia do Amor**. 3ªEd. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SIMMEL, Georg. **Georg Simmel: On Individuality and Social Forms**. The University of Chicago Press: Chicago and London, 1971.
- SOUZA, Jessé. **A Construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte, Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2003 (Coleção Origem).
- SUMNER, William G. **Folkways: A Study of The Sociological Importance of Usages, Manners, Customs, Mores, and Morals**. Boston: The Atheneum Press, 1934.
- SUMNER, William G. **Folkways: Estudo Sociológico dos Costumes (2 tomos)**. Trad. Lavínea Costa Villela. Livraria Martins Fontes: São Paulo, 1950.
- THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. Nota Metodológica. Capítulo Introdutório. Trad. Mario A. Eufrásio. In. EUFRÁSIO, Mario (Org.). **The Polish Peasant in Europe and America**. Departamento de Sociologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- VILA NOVA, Sebastião. Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia Brasileira: Entre Humanistas e Messiânicos. Lisboa: Editora Vega, 1998.
- WAGLEY, Charles. 1952. **Race et classe dans le Brésil rural**, Paris, UNESCO.
- WAIZBORT, Leopoldo. Simmel no Brasil. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 50, Nº1, 2007, pp. 11 a 48.
- WARNER, W. Lloyd; LUNT, Paul S. **Yankee City Series Vol. 1. The Social Life of a Modern Community**. New Haven: Yale University Press, 1941.
- WILLEMS, Emílio. **Cunha: Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil**. Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo, 1947.
- WILLEMS, Emílio. Resenhas Bibliográficas – Cruz das Almas: A Brazilian Village. Separata da **Revista Sociologia**, Vol. XIII, Nº 4, São Paulo, 1951.
- XIDIEH, Oswaldo E. Subúrbio. **Revista do Arquivo Municipal**, Vol. CXIV, São Paulo, 1947, p. 173-184.

Apêndice

Entrevista Concedida pelo professor Levy Cruz , em 11 de novembro de 2009, ao estudante de Mestrado em Sociologia Rafael Estevão Marão Guimarães, bolsista CNPq da UNESP, Campus de Araraquara, orientando do Professor Dr. Ângelo Del Vecchio.

Rafael (R): Bom, em primeiro lugar eu gostaria de agradecer ao professor Levy Cruz por ceder uma parte de seu tempo para essa conversa; espero que ela possa fluir legal e eu possa aprender e o senhor possa falar o que o senhor quiser. Hoje é dia 11 de novembro de 2009, a gente está aqui num hotel em São Paulo, onde o professor Levy Cruz foi conferencista de um seminário realizado pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

R: Bom professor, para começar acho que o senhor poderia contar um pouco de sua trajetória saindo lá de Pernambuco e vindo pra São Paulo e, enfim, o ambiente que o senhor encontrou aqui de pesquisa.

Levy Cruz (LC): Pois não. Sai do Recife, em 1948, logo após haver terminado o meu curso superior de Agronomia que eu não exerceria durante o resto de minha vida. O interesse em problemas sociais, por questões sociais, me trouxeram, com uma bolsa de estudo, para a Escola Livre de Sociologia e Política. No Recife eu tinha por um chefe o antropólogo René Ribeiro, que tinha contatos com o professor Donald Pierson, e foi por aí que ele conseguiu essa bolsa que me permitiu vir estudar na Escola Livre.

LC: Aqui chegando comecei logo a fazer as disciplinas que existiam (como o meu curso de graduação não foi o de Ciências Sociais, eu fazia a pós-graduação e, paralelamente, certas matérias do curso de graduação em Ciências Sociais). O meu interesse original quando vim para cá era, ainda, o de exercer a profissão de agronomia, mas ao mesmo tempo fazer nas áreas, no interior do estado de Pernambuco ou de qualquer outro, onde fosse trabalhar, alguma pesquisa social com a população rural com quem iria conviver, trabalhar etc. Então a ideia era de que eu ficaria aqui [São Paulo] apenas um ano, e voltaria para Pernambuco no final de um ano já com conhecimentos de pesquisa social, eu não tinha nenhuma ideia de fazer pós-graduação nem de fazer carreira em Ciências Sociais e em Sociologia particularmente. Mas as coisas tomaram um rumo diferente e, em grande parte, exatamente pelo interesse que o professor Pierson demonstrou na minha pessoa e na continuação de meus estudos.

E parte importante nisso aí foi, exatamente, a minha participação na pesquisa em Araçariguama, que já estava em processo bastante adiantado. Outros professores, outros alunos da Escola Livre já haviam tido períodos de pesquisa em Araçariguama. Era um projeto que servia muito de prática da pesquisa social para alunos da pós-graduação e parece-me que da graduação também.

Então era um processo que já estava em andamento, este de levar alunos a Araçariguama, ficar lá uma semana, uns dias, um final de semana, ou talvez períodos maiores, participando todos da pesquisa sob a direção de Donald Pierson.

Este foi o início, e a minha participação foi exatamente essa, quer dizer, todos os finais de semana eu ia a Araçariguama, fui introduzido na comunidade por um aluno também de Pierson, Carlos Borges Teixeira, que era uma pessoa que tinha uma enorme capacidade de comunicação

com os moradores da comunidade, tinha uma empatia muito grande, e era um excelente pesquisador de campo e foi ele quem me introduziu na comunidade.

Ele ficou ainda algum tempo comigo indo lá, mas depois se afastou definitivamente do projeto, e eu continuei sozinho indo nos finais de semana e, às vezes, sem ser final de semana quando se sabia que ia ter algum evento ou coisa especial na comunidade e então eu ia também nessa ocasião.

O método de pesquisa era essencialmente o etnográfico, quer dizer, a gente conversava informalmente com as pessoas, observava a conduta das pessoas, da própria Vila, mas em alguns casos nas áreas rurais, e então a gente anotava depois as informações que a gente conseguia e quando chegava aqui em São Paulo, de volta a cada final de semana, entregava as anotações para uma secretária, que as punha em fichas e daí então que Pierson utilizava o material que havia sido coletado. Basicamente esse era o método de pesquisa. Não sei exatamente o período que passei ‘nessa vida’, digamos assim, vai e vem para Araçariguama, mas começou eu acho que em fins de 1948 e durou até certo ponto de 1949, quando terminou definitivamente o trabalho por lá.

R: E em Araçariguama, professor, qual foi a sua impressão de início e depois com o passar do tempo, e como foi essa evolução do senhor na pesquisa em Araçariguama, especificamente?

LC: Olhe, eu estava me lançando – e isso daí a gente tem que considerar – na minha primeira experiência de pesquisa. A comunidade, o pessoal da Vila – era uma pequena Vila, porque Araçariguama hoje é município, mas naquela época era sede de um distrito do município de São Roque –, e a gente chamava muito amigavelmente de ‘A Vila’. Era ir para a Vila, voltar para a Vila, estar na Vila, coisas desse tipo. A pesquisa já estava em andamento, então as coisas eram relativamente fáceis, quer dizer o pessoal já sabia que estava sendo pesquisado, talvez não entendessem exatamente quais eram os objetivos finais da pesquisa, mas estavam habituados – a *Smithsonian Institution* tinha uma casa alugada na Vila, uma casa grande e boa inclusive, para onde a gente queia, chegava lá e já ia para essa casa, compreende?

Nos finais de semana que eu ia, havia um casal lá um pouco idoso, que era quem tomava conta da casa, e quando eu chegava, ou qualquer outro do grupo de pesquisa chegava, esse casal ia nos atender com refeições, fazendo café da manhã, almoço, jantar etc. Então já havia a tradição, quer dizer, não era um trabalho que se estivesse iniciando e que a gente, por exemplo, tivesse de enfrentar dificuldades de comunicação, dificuldades de introdução da gente na comunidade, como às vezes acontece. As comunidades que são pesquisadas, [os moradores da comunidade] muitas vezes por ignorância, por defesa própria, não sabem exatamente o que aqueles ‘caras’ estão fazendo e podem oferecer algum tipo de resistência, esse não era o caso de Araçariguama que quando eu cheguei já era conhecida e facilitava muito as coisas para qualquer um pesquisador ou estudante que chegasse lá e começasse a coletar os dados, já havia a tradição [das pesquisas].

Eram pessoas muito amigáveis, todas elas, de todas as idades, e então a gente tinha uma impressão muito boa e mantinha um contato muito fácil, muito produtivo para o estudo da comunidade. Foi assim que decorreu todo o tempo em Araçariguama.

LC: A propósito: você conhece o livro de Araçariguama, ou não?

R: Eu tive a oportunidade de ler alguns artigos [sobre a pesquisa] que saiu na Revista *Sociologia*, já tenho um exemplar de *Cruz das Almas: A Brazilian Village*, mas ainda não tive a oportunidade de ler, é uma edição em inglês da *Smithsonian*...

LC: Tem um volume em português...

R: Isso... e alguns artigos na Revista *Sociologia* já tive a oportunidade de encontrar. Inclusive, o senhor falou que vocês produziam as anotações e quando chegava aqui em São Paulo o professor Pierson recolhia... como era esse processo?

LC: Veja bem. Essas fichas foram se juntando. Ela tinha um formato de quinze por dez centímetros. No canto superior direito (ou do esquerdo, não me recordo) tinha o nome de quem escreveu a ficha. Por exemplo, no meu caso, Levy, e tinha a data da observação ou da conversa. E no outro canto superior tinha o tema da ficha. Era datilografado. A secretária quando entregava as anotações, já entregava com isso aqui [o tema] classificado. Então, a secretária datilograva essas fichas, de ambos os lados, e passava ao professor Pierson o original e nos dava uma cópia. Então aquilo foi crescendo, quer dizer, ele tinha um fichário, e ele ia lendo todas as fichas que a gente produzia, e às vezes, por exemplo, ele anotava alguma coisa ali que ele não entendeu, ou alguma coisa que ele queria mais dados sobre aquilo. Então isso ele retratava para a gente, “olhe quando você for da próxima semana eu queria mais informações sobre isso aqui” e isso então foi se avolumando, e ele, naturalmente, quando partiu para escrever a monografia ele foi se valendo de todo esse material. Ele escreveu um capítulo sobre religião, por exemplo, então lá estavam todas as fichas que foram feitas sobre religião, ele ia consultando e ia escrevendo.

R: A redação final era dele?

LC: A redação final do livro era dele. Embora, é claro, depois de escrito e tudo pronto, ele passou para algumas pessoas que haviam participado para ver, dar sugestões, etc. mas a redação final era, realmente, dele. E daí saiu então o livro, que começa com um capítulo sobre a vila em geral, e outro sobre sua história, depois o meio ambiente, a economia local, etc., em seguida vai entrando mais na parte sociológica, etc. Você precisa ver o livro.

LC: Se quiser em inglês tudo bem, mas existe edição em português, pela Jose Olympio Editora.

R: São informações muito preciosas.

LC: Exato. Esse é um exemplo dos chamados *estudos de comunidade*, que é um tipo, digamos assim, bem especial de pesquisa, que já havia nos Estados Unidos na década de 1930. Dessa época um estudo de comunidade que ficou muito famoso foi *Middletown*, uma cidade de um estado no norte dos Estados Unidos, e que foi feito por um casal de pesquisadores, Robert S. e Helen M. Lynd.

E então os estudos de comunidade se multiplicaram, fizeram-se estudos de comunidade desse tipo, com a participação do pesquisador na comunidade, fizeram-se muitas pesquisas desse tipo em outras partes do mundo, quer dizer, tem esses exemplos dos Estados Unidos, fizeram-se algumas no Brasil, fizeram-se outras em outros países, inclusive países asiáticos, africanos, etc.

R: E no Brasil, professor, qual a sua visão, qual a sua interpretação, o que o senhor acha que Donald Pierson representa para os estudos de comunidade desenvolvidos no Brasil?

LC: Deixe-me somente falar outra coisa. Houve outros estudos de comunidade antes de *Cruz das Almas*, em Araçariguama, pelo que eu me lembre, havia o estudo de *Cunha* [Cunha: Tradição e Transição numa comunidade do interior do Brasil], que foi o de Emilio Willems. É interessante, inclusive, que você conheça outros estudos de comunidade para poder fazer uma comparação. *Cunha*, que é um município também do interior de São Paulo, foi estudado com mesmo processo.

R: Então já havia...

LC: Já, já, e *Cunha* foi o primeiro. E *Cunha* é a única das comunidades que foram estudadas aqui – algumas depois foram estudadas na Bahia, teve três estudos de comunidade na Bahia, com o antropólogo Charles Wagley à frente dos estudos, os três [estudos de comunidade] da Bahia foram publicados porque foram teses de quatro estudantes norte-americanos que vieram para um projeto na Bahia.

R: de Columbia, não é?

LC: Isso, Columbia University. Depois houve o [estudo de comunidade] do Vale do São Francisco, foram diversas comunidades que foram estudadas também. É interessante, inclusive, que você veja todos esses estudos para fazer uma comparação.

Os estudos de comunidade foram frequentes durante certa época, mas havia uma certa insatisfação com estes estudos, porque eles eram considerados por alguns críticos demasiadamente descritivos, porque esse método etnográfico tem problemas, não eram muito quantitativos – predominavam dados qualitativos –, etc. e então, pouco a pouco, foram desaparecendo.

No entanto, eu vejo alguns pontos positivos nos estudos de comunidade, e um deles é esse de servir – se for vinculado a um curso de ciências sociais, a um curso de sociologia, a um curso de antropologia – como fator didático para a formação dos alunos, quer dizer, no mínimo, no mínimo isso, é um valor dos estudos de comunidade. Quer dizer, você tem uma área que o órgão ou a Escola entra em contato e se estabelece uma série de relações ali, e na medida em que o aluno vai fazendo o curso ele vai, como nós fomos, para aquela comunidade, vai fazer suas pesquisas, vai aplicar suas técnicas que ele estuda na Escola. Para mim isso tem um valor muito grande.

E outra coisa é que os estudos de comunidade não têm que ser exatamente como eles eram, quer dizer, eu acho que o que deveria ter sido feito era mudar a natureza dos estudos de comunidade, melhorá-los, e continuar a fazê-los, mas não: foram feitas as críticas, acho que muita gente passou a não mais tolerar mais estudos, e terminou acabando, foi o que aconteceu. Eu, particularmente, que participei não só na de Araçariguama, mas também na de Rio Rico, no oeste da Bahia, como eu falei naquela noite [de conferências do Seminário Narrativas do Brasil], você estava naquela primeira noite?

R: Sim, sim.

LC: Eu que participei de dois estudos de comunidade quando aqui na Escola, participei de um outro em Pernambuco depois, sobre o qual mas tive bastante experiência nesse tipo de estudos, participo pelo menos de parte das críticas que foram feitas, agora acabar com os estudos de comunidade eu acho que foi um ato muito exagerado da parte dos cientistas sociais.

R: E a pesquisa do vale do São Francisco o senhor participou também?

LC: Participei também. Foi basicamente um estudo de *mais* comunidades. O Octavio [da Costa] Eduardo naquela noite [primeira noite de conferências no seminário], não sei se você se lembra, ele explicou da viagem que nós fizemos – Pierson, ele e eu –, durante dois meses, em todo o rio São Francisco, desde Pirapora, Minas Gerais, que é onde o rio nasce, até a foz onde desemboca no Atlântico entre os estados de Alagoas e Sergipe.

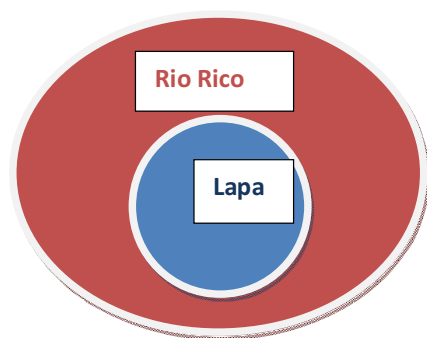
Foram dois meses de viagem aí, em que a gente pegava o barco – aquele barco de vela [projeta a dimensão do barco de onde estávamos fazendo a entrevista até alguns metros adiante].

R: Uns dez metros?

LC: É. Dormia no barco quando era necessário, porque viajávamos durante dois, três dias... a gente parava numa cidade, as vezes já dispensávamos o barco, e aí ficávamos dois, três dias e aí pegávamos outro barco, etc., e assim fizemos, tendo uma visão geral do vale. Que na verdade, o termo que vem sendo utilizado é vale, mas o estudo era da bacia do São Francisco.

R: Ah, isso é importante!

LC: É bem mais do que um vale. Porque um vale... o que é o vale de um rio? É aquela parte de onde vêm os afluentes.



Vale do rio São Francisco

Bacia do rio São Francisco

LC: O vale de um rio é aquilo que está ao redor. Você tem um rio... o vale de um rio é isso aqui [faz desenho do vale inscrito na bacia], mas os rios que vem de cá e que são afluentes desses daqui, essa região maior é a bacia, no caso, a bacia do rio São Francisco.

R: É uma região maior do que o vale.

LC: O vale é isso, e a bacia é isso aqui [mostra o desenho do vale inscrito na bacia], isso é um conceito geográfico comum, né? Então, na verdade, o Pierson usou o termo vale, e vale ficou,

mas na verdade o estudo era da bacia. Na primeira etapa, então, foi essa viagem geral. A segunda etapa foi a escolha de comunidades para serem estudadas. Algumas foram no vale, como por exemplo, Xique-Xique que era na margem do rio, e outras que também eram na margem do rio, mas a comunidade que eu estudei, por exemplo, não era na margem do rio, ela era...chamou-se “Rio Rico” né... já fora do vale do rio São Francisco, ela era já na bacia do rio São Francisco, no vale do rio Corrente. Esse aqui foi outro estudo de comunidade de que eu participei também, mas com a mesma metodologia de Araçariguama.

R: E o senhor já estava mais experiente...

LC: É, mais experiente. E aí [na do vale do São Francisco] nós iniciamos a pesquisa, que, como eu disse, não foi o caso de Araçariguama que eu peguei já em andamento. Então, formou-se uma equipe, foi dada a mim a coordenação, eu formei a equipe com Aparecida Joly Gouveia, que depois foi da USP; Gastão Tomás de Almeida, acho que ele era formado em Ciências Sociais, era jornalista, trabalhava num jornal da cidade de São Paulo; e Frederico Brotero, éramos nós quatro que constituímos a equipe.

R: Esse era o núcleo de Rio Rico?

LC: Isso. A comunidade de Rio Rico.

R: E como era o processo? Ainda tinha o apoio da Smithsonian professor?

LC: Tinha, pelo menos parcialmente, porque o Pierson continuava sendo da Smithsonian, então pelo menos o salário dele era pago pela Smithsonian. Agora, não me lembro se ela participou de outras formas. A Comissão do Vale do São Francisco, que era um órgão do Governo federal, foi quem participou bastante.

R: Governo federal ou da Bahia?

LC: Federal. Governo federal. Porque a Comissão tinha como área de trabalho o vale do São Francisco, aliás, acho que também a bacia, nunca fizeram uma distinção entre bacia e vale. Então era isso, desde o nascimento do rio até lá [a foz]. Houve mais verbas brasileiras do que, eu acho, verbas da Smithsonian.

Essa comunidade de Rio Rico, nós estivemos lá quando fizemos o levantamento geral, foi uma das que foram visitadas, só que nós fomos lá só numa tarde, em avião do tipo que chamavam de teco-teco, cedido por um dos órgãos federais trabalhando na Região. Então nós fomos até Rio Rico em um avião, ficamos lá somente algumas horas e voltamos (não dormimos lá não); mas ficou já na nossa mente aquela comunidade, e ela foi uma das escolhidas e a mim coube ir pesquisá-la.

Ela era mais afastada do resto da Bacia, ou do Vale, como queiram, do resto do mundo, do que qualquer uma das outras. Porque, por exemplo, uma comunidade como Xique-Xique na margem do rio, o rio tinha lá navios que passavam, tinha transporte de caminhão, mas Rio Rico era isolada. Para chegar em Rio Rico já era um grande problema. A gente saía da Lapa num navio...você conhece aquele navio de rios né, aqueles navios grandes?

R: Chalana, né? Jangada, uma coisa assim?

LC: Não... não...não. É um navio mesmo.

R: Navio grande?

LC: Grande em relação a uma jangada, mas pequeno . A gente via em filmes americanos, agora não mais, mas nos filmes antigos dos Estados Unidos a gente via as vezes aqueles navios ribeirinhos. Então a gente pegava o navio em Bom Jesus da Lapa, ia nele até uma cidade chamada Santa Maria da Vitória, mas a partir daí o navio não subia mais o rio, porque não podia. Ai a gente pegava um barco menor, subia mais, ia até um lugar chamado São José, e daí em diante nem esse barco trafegava mais. Então, de São José para se chegar a Rio Rico, você só tinha dois meios, aliás se botar a pé inclui três meios: mas aqui, se fosse possível, se houvesse um acerto anterior, etc., pegava-se um caminhão, ou então ia de animal, de cavalo. Era realmente isolado. Mas falando do São Francisco saímos de Araçariçuama...

R: Não, mas ainda está dentro do tema dos *estudos de comunidade*.

LC: É, foram ao todo seis estudos de comunidade. Mas existe para você poder consultar o trabalho do Pierson, que o Octavio Eduardo falou também naquele dia, parece que o Marcos [Chor Maio] também ‘deu um toque’ sobre isso, são três volumes *O Homem no Vale do São Francisco*.

R: Ah sim, esses eu tenho.

LC: Ah, você tem? Então não preciso te dizer o título, são três volumes, lá está detalhado tudo isso.

R: Eu ainda não tive a oportunidade de ler também.

LC: Agora, o processo foi a mesma coisa, quer dizer, fichas... a mesma coisa, aquilo que lhe expliquei, foi feito aqui e foi feito nos outros lugares, e isso ia tudo para o Pierson e também para os coordenadores das pesquisa locais produziram seus livros – e o Pierson trabalhou com todas. Os três volumes ele trabalhou.

R: E como era a sua relação com ele professor, era mais próxima?

LC: Era, era. Era muito boa. Ele e eu mantivemos uma relação de amizade muito grande. Eu não sei, ele me tomou como um aluno a quem ele queria... talvez por ser do Nordeste, e a Escola em geral só tinha paulistas, etc. e o apreço também que ele tinha pelo meu chefe, esse de quem eu falei, René Ribeiro, então isso contribuiu também para que ele se esforçasse... talvez como René Ribeiro que – eu não sei, aqui estou elucubrando um pouco – talvez quando René Ribeiro falou com ele de eu vir para cá, etc., ele já pensou “bom, aqui a gente pode fazer um programa com um aluno que não é de São Paulo, para tirar um mestrado, etc., etc.,” que, como eu falei, não era o que estava na minha ideia. Mas o fato é que ele me estimulou muito e eu fiz o mestrado, e depois já ele tratou de tomar as providências para eu ir para Chicago, quer dizer, na verdade eu devo muito a ele, foi uma relação muito boa que eu tive com ele.

R: Mas assim, ele cobrava, era exigente?

LC: Era normalmente exigente, digamos assim. Cada professor tem um trabalho a fazer, que é o de transmitir seus conhecimentos, e de fazer com que o aluno/estudante conclua seu curso, se

dirija para a vida profissional etc. Não era assim nada de especial não, mas... ele trabalhou muito bem com outros estudantes também.

R: Ele foi orientando e teve contato também com o Robert Ezra Park?

LC: Ele foi aluno do Park, que era mais velho do que ele. Quando estudantes da Escola Livre foram estudar na Universidade de Chicago, Park não estava mais lá, ou talvez até já tivesse falecido, mesmo Oracy Nogueira que foi o primeiro, depois Juarez Brandão Lopes, e depois eu. Quer dizer, Park foi professor do Pierson, que fez com ele o doutorado, que foi o estudo de contato racial em Salvador, sob orientação do Park.

R: E com relação aos *estudos de comunidade*, mais especificamente: para uma pessoa que está começando, que tem vontade de dar continuidade a este tipo de pesquisa na área de Ciências Sociais, o que o senhor gostaria de falar, comentar?

LC: Posso dizer alguma coisa. Em primeiro lugar tem que ter um apoio financeiro, porque há despesas envolvidas, tem que ter o apoio financeiro suficiente para custear viagens, estadia lá, etc. Isso daí talvez não fosse tão fácil, face ao fato de que os *estudos de comunidade* desapareceram, eu acho que vai talvez custar um pouquinho para convencer alguém a financiar esse tipo de estudo. O outro é de formar a equipe: uma equipe que realmente tenha interesse e que *queira* ir para a comunidade para realmente trabalhar, não é um passeio, não é uma diversão; e, em terceiro lugar, eu diria que – como eu já deixei entrever – os métodos não seriam os mesmos: acho que teria que se estudar cuidadosamente como se vai conseguir os dados. Fazer observação informal como a gente fez? Não sei. Manter essas conversas informais como se fez? Eu diria que não. Talvez fosse a questão de chegar lá, levar um estatístico – teria que ter um estatístico na equipe – fazer uma amostragem e trabalhar mais com uma amostra da população local, aplicar o questionário, conviver um pouco informalmente para assumir uma idéia de como é a comunidade, mas depois formular problemas, problemas para se estudar, e para estes problemas formular os questionários, aplicar a amostra, eu faria assim. Não usaria o processo etnográfico tão comum nas Ciências Sociais, embora não em todas.

LC: Rafael. Hoje é?

R: Hoje é dia 11 de novembro [de 2009].

LC: Viu Rafael, eu faço uma distinção – que eu não sei se outras pessoas fazem – entre estudos *de* comunidade e estudos *em* comunidade, para mim não são a mesma coisa. Existem estudos, nos Estados Unidos, feitos em comunidades, mas sem estudar toda a comunidade. Porque um estudo de comunidade típico é um estudo *global*, da comunidade como um todo, o relatório... se você ver os relatórios – e isto está claro lá no de Araçariguama – ele começa com o meio físico, continua com a história da comunidade, os dados do passado, depois entra na economia, até entrar diretamente nos aspectos mais sociológicos e antropológicos: de cultura, conflitos eventuais, interação das pessoas, etc., etc., estudo da religião, estudo de crenças, enfim, é um estudo muito global o estudo de comunidade típico, que está em grande número de comunidades que foram estudadas sob esta forma.

Então, fazer um estudo desse é um estudo de comunidade. Mas se você vai à comunidade para estudar aspectos específicos não se trata de um estudo de comunidade. Um exemplo que me ocorre é *Elmtown's Youth*, que tem o sub-título de *The impact of social classes on adolescents*.

Foi um estudo da *adolescência* numa comunidade. Os pesquisadores fizeram uma amostra de adolescentes, setecentos e tantos deles e concentraram a pesquisa nesse grupo. Claro, retratam também a comunidade, quer dizer, tem que por aquele estudo dentro de um contexto mais amplo: a comunidade é assim etc., etc. Isso é uma outra coisa que também se pode fazer. Então a este tipo de estudos é que eu chamo de estudos *em* comunidade, não é um estudo *da* comunidade como um todo, quem vai fazer um estudo de adolescentes, como citei nesse exemplo, numa comunidade ele não vai nunca entrar detalhadamente na economia, nem no meio ambiente, compreende? Ele vai dar uma ideia desses aspectos gerais, mas tratará diretamente do problema que se propõe fazer. Poderá ser outra coisa, poderá ser violência, poderá ser estratificação etc., mas será um estudo *em* comunidade e não *de* comunidade.

R: Esse estudo a que o senhor se referiu de adolescentes foi nos Estados Unidos?

LC: Esse foi no chamado Meio Oeste dos Estados Unidos. Só uma pergunta: você está estudando em Araraquara, certo.

R: Isso, UNESP – Araraquara. E agora fazendo o mestrado em Sociologia, também na UNESP em Araraquara. E o tema é a passagem do professor Pierson pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

R: Professor, vocês estiveram em Araçariguama e no vale/bacia do rio São Francisco. O senhor acha que seria interessante continuar, por exemplo, se eu for hoje lá e ver – a partir, é óbvio dos registros que foram feitos por vocês – o senhor acha que esse processo contínuo, ao invés de se escolher outra localidade, é válido? É uma pergunta até metodológica talvez...

LC: Olha, isso daí é um re-estudo. Isso daí é bom, tem sido feito. Eu me lembro agora de uma comunidade que foi estudada por Robert Redfield no México e que Oscar Lewis reestudou, e que inclusive foi uma coisa muito polêmica, durante algum tempo as revistas de sociologia e antropologia discutiram isso porque as críticas do re-estudo foram muito serias. Outro exemplo é o de Cunha. Cunha foi re-estudada por Robert Shirley, um americano, que publicou, inclusive tem em português – o re-estudo de Cunha; é uma coisa interessante. Mas o próprio Shirley, pelo que me lembro, não considera seu trabalho como um re-estudo. Ah! O próprio Middletown, que eu disse que foi um estudo de comunidade, pioneiro (é de 1929) foi também re-estudado, só que Middletown foi re-estudado pelos mesmos pesquisadores que fizeram o primeiro estudo. Os autores de *Middletown* fizeram dois livros: um foi *Middletown* e outro foi *Middletown in Transition*. É um tipo de estudo muito válido. Eu acho que, por exemplo, ir hoje a Araçariguama seria uma coisa muito interessante. Eu sei que mudou muito, eu passei por aqui, de carro em 1981, mais ou menos, e fui a Araçariguama, só mesmo dar uma volta de carro. Só aí já senti a diferença. E agora então? Pelo que eu vi na televisão uns dois meses atrás, da uma aluna que bateu numa colega sua e a mãe da aluna que estava batendo, assistindo a briga, estimulava a filha “bate, bate, bate!”. A televisão falou disso por pelo menos uns dois dias. Isso é algo inconcebível que ocorresse em 1948, 1949, quer dizer, é uma mudança muito profunda que ocorreu. E estudar isso é um tema muito importante.

LC: Você pretende fazer carreira em Ciências Sociais?

R: Sim. Eu acho que esse tema de pesquisa – a passagem do professor Pierson pela ELSP – aparentemente foi meio circunstancial, não foi uma coisa pensada, programada, mas eu percebo que, por exemplo, essa tradição dos estudos de comunidade, ela tem um significado para mim

nas Ciências Sociais muito mais verdadeiro do que você, por exemplo, estudar teorias, teorias, que não estejam relacionadas ao lugar em que você está, e é o que eu vejo que acontece. A teoria ela tem que estar “casada” com a experiência, né? Essa interação... talvez por isso tenha surgido/aparecido esse tema. No mestrado eu vou muito mais aprender do que qualquer outra coisa, porque eu estou começando, mas futuramente eu não tenho nenhuma dúvida de que eu vou continuar nessa tradição de pesquisa.

LC: Agora... você falou aí uma coisa: você disse que a escolha do Pierson de Araçariguama foi acidental?

R: Não, o *meu* tema de pesquisa... que está nesse contexto de estudo dos primeiros anos da ESP, o meu orientador é o professor Ângelo Del Vecchio, que está pesquisando sobre o período anterior ao Pierson – o Lowrie e o Davis – também norte-americanos, mas de Columbia né?

LC: Isso. Mas aí já é um outro tipo de estudo.

LC: Mas uma coisa que eu me lembrei agora Rafael, é o seguinte: a escolha de Araçariguama foi precedida, talvez você já saiba disso, de uma série de levantamentos rápidos de outras comunidades aqui na região. Não sei se... inclusive de algumas delas saíram artigos de Pierson: Pierson e Carlos Borges Teixeira, se não me engano, quer dizer, eles levantaram e terminaram escolhendo Araçariguama, quer dizer, não foi uma escolha assim ‘bom: vamos estudar uma e pega Araçariguama e está ótimo’; eles fizeram um levantamento e Pirapora, se eu não me engano, foi uma delas, e colheram dados, etc. até a escolha final.

R: E na bacia do [rio] São Francisco também?

LC: Na bacia do [rio] São Francisco também. Mais alguma coisa?

R: Se o senhor quiser... por mim eu continuava o dia inteiro, mas o senhor não tem todo esse tempo disponível...

LC: É, eu estou querendo ver umas coisas aí...

R: Ta certo. Então a gente vai encerrar e, nossa..., agradecendo muito a gentileza do professor Levy Cruz.

LC: Não há de que. Foi um prazer.